



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS EM LINGÜÍSTICA APLICADA  
LINHA DE PESQUISA: LETRAMENTOS E CONTEMPORANEIDADE**

**Alyssandra Viana Fonseca**

**LETRAMENTO LABORAL DE AGRICULTORES: COOPERANDO SABERES EM  
PRÁTICAS DIGITAIS DE COMERCIALIZAÇÃO**

**NATAL/RN  
2023**

ALYSSANDRA VIANA FONSECA

**LETRAMENTO LABORAL DE AGRICULTORES: COOPERANDO SABERES EM  
PRÁTICAS DIGITAIS DE COMERCIALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Estudos em Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Letramentos e contemporaneidade.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Paz.

NATAL/RN  
2023

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -  
CCHLA

Fonseca, Alyssandra Viana.

Letramento laboral de agricultores: cooperando saberes em  
práticas digitais de comercialização / Alyssandra Viana Fonseca.  
- 2023.

123f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande  
do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa  
de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Natal, RN, 2023.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria de Oliveira Paz.

1. Letramento laboral. 2. Recursos digitais. 3. E-commerce.  
4. Agricultura familiar. I. Paz, Ana Maria de Oliveira. II.  
Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 631:658.84

## FOLHA DE APROVAÇÃO

A dissertação *Letramento laboral de agricultores: cooperando saberes em práticas digitais de comercialização* foi defendida e aprovada em 22 de dezembro de 2023, pela banca examinadora constituída pelas seguintes professoras:

---

Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Paz (UFRN)  
Orientadora

---

Profa. Dra. Maria do Socorro Oliveira (UFRN)  
Examinadora Interna

---

Profa. Dra. Ana Elisa Ferreira Ribeiro (CEFET-MG)  
Examinadora Externa à Instituição

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me incentivaram a enveredar nos caminhos da Educação e a todos os agricultores(as) familiares que, assim como eles, movem a economia e alimentam as mesas dos brasileiros(as).

## AGRADECIMENTOS

Já perdi as contas de quantas dissertações e teses às quais tive acesso durante o meu processo de formação acadêmica e profissional e, confesso, a seção de agradecimentos é uma das quais, em minha opinião, mais retrata o percurso trilhado em direção à conclusão da etapa ora atingida. Por isso, com carinho, sempre as leio.

E, por ter lido textos tão tocantes, me vejo com receio de, nesse momento de escrita, não fazer jus ou expressar suficientemente a minha gratidão por todos aqueles que, direta e indiretamente, me ajudaram a chegar até aqui.

Então, diferentemente das demais seções, nessa, me permito ser quem sou, em meu interior, não a professora (mesmo ainda sendo difícil me enxergar nesse papel) e pesquisadora, mas a filha de agricultores que ousou sonhar (voar) que, mesmo ascendendo academicamente, sempre deu um jeitinho de retornar a sua ambiência, na perspectiva de valorizar as suas raízes.

O espaço rural, em específico, a comunidade Beira do Rio, na qual nasci e me criei, como diz os sábios que aqui residem, sempre foi cara para mim. Foi nesse lugar, a 12km da sede do município de Acari (a cidade mais limpa do Brasil, vale salientar), no interior do estado do Rio Grande do Norte, que vivi os melhores momentos da minha vida, durante todas as fases já vivenciadas por mim, aos 23 anos.

No fundo, sempre senti uma necessidade de dar um retorno a esse lugar, de contribuir com ele, a partir da educação – a forma que eu entendia e ainda entendo como sendo a possível para se mudar, se não o mundo, “o quintal da nossa casa”.

Não à toa, em 2018, cursava concomitantemente uma licenciatura em Letras e um curso técnico em Agronegócio, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), o último concluído em 2019. À época, no processo de escrita do trabalho de conclusão desse curso, eu já tinha interesse em relacionar as aprendizagens e vivências das duas formações. Por falta de conhecimentos teóricos, metodológicos e experiências no âmbito da pesquisa, não consegui, e optei por discutir uma temática típica de estudos inseridos nas Ciências Agrárias: a presença do atravessador na comercialização de um produto rural em uma feira livre.

Mas Deus, em sua infinita bondade, colocou a professora Dra. Ana Maria de Oliveira Paz, em meu caminho, para que eu conseguisse realizar esse sonho.

Por isso e por tanto, sou grata a Ele. Como católica, creio em sua existência. Creio que tudo acontece em seu tempo (e não no nosso) e que, por intercessão de anjos e santos, Ele pode nos orientar pelo caminho do bem, para que realizemos a sua vontade. E, nesse processo, em

momentos nos quais a tristeza, a angústia e, até mesmo, a escuridão se fazem presentes, tenho, para trazer à luz, graças a Ele, minha amada Nossa Senhora da Guia.

Como cita o seu hino, cantado em todo mês de agosto, repito seu nome – em momentos não somente de súplica, mas também de gratidão – desde o serrote florido (o dos Picos que vejo sempre que olho pela janela do meu quarto), até o rio corrente (que corta as terras do meu pai). Esse é um desses momentos, no qual o coração se alegra e nos faz perceber que tudo valeu a pena. Quando, por exemplo, ouço meus pais, Ademir e Maria Helena, agricultores familiares que não tiveram a oportunidade de, por circunstâncias da vida, concluir o ensino fundamental, falarem com orgulho das e sobre as minhas formações.

Eles são a minha base, a representação de resiliência e de fé, por esperarem por dias melhores mesmo quando a chuva não vem e a semente não brota. Aprendi isso com eles, a esperar o tempo certo para plantar e para colher (e isso não é só sobre o trabalho no campo).

Agradeço a minha família pelo apoio e pelo amor incondicional a mim dedicado (incluo, aqui, a minha irmã Andreza – que me mostra, diariamente, que é possível ser feliz com as pequenas coisas da vida, mesmo às 06h da manhã). Agradeço por todas as vezes que a minha mãe cuidou de mim, nos detalhes, como ao preparar meu almoço, meu jantar ou ao me lembrar de realizar essas refeições quando eu, por estar estudando, esquecia; por todas as vezes que meu pai, durante a graduação, me esperou na rua, até às 23h00min para irmos para nossa casa, no sítio, após chegar das minhas aulas (em meio à chuva, sono e frio), mesmo precisando acordar de madrugada no outro dia para tirar o leite das vacas.

Para pessoas que, assim como eu, não nasceram em berço de ouro, que tem pais que não têm renda fixa mensal e que desde cedo precisam lutar para modificar suas realidades por meio da educação, a concretização de determinados sonhos só é possível com a soma de muitas mãos que nos amparam em momentos de dificuldades.

Nesse caso, cabe destacar o meu agradecimento à Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE) da UFRN, pela concessão de auxílio alimentação, transporte e, inclusive, moradia em residência universitária, durante a graduação, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na pós-graduação, pela bolsa a mim disponibilizada.

Durante a graduação, também fui bolsista, de modo remunerado e voluntário, em projetos de ensino, pesquisa e extensão, a partir dos quais a professora Ana Paz, já citada, me apresentou os Estudos de Letramento – em especial, o letramento digital e o letramento laboral –, as investigações desenvolvidas sob sua orientação e os pesquisadores do seu grupo de

pesquisa que, humildemente, compartilharam comigo um pouco dos seus saberes. Foi, ao conhecer as práticas de leitura e escrita desenvolvidas para além das salas de aula, em atividades de trabalho, que pude encontrar o meu lugar no mundo, academicamente falando.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), nesse sentido, em específico ao Grupo de Estudos Letramento e Trabalho (GELT), vinculado ao grupo de pesquisa *Letramento e Etnografia*, pela oportunidade de desenvolver uma pesquisa tão específica quanto a minha.

Nesse processo (essa palavra ainda vai se repetir muito por aqui, peço perdão por isso, mas não há outra que melhor represente o trajeto nem sempre linear que vivenciei), Ana sempre se fez presente quando precisei, me orientando (literalmente) e me apoiando nos novos caminhos, ainda não trilhados, que intentei percorrer. Sou grata por isso, sempre serei.

Meus pensamentos, nesse momento, se voltam aos meus amigos, aqueles que conheço desde a infância e aqueles que conheci durante a graduação e a pós-graduação; aqueles que, por inúmeras razões, constituem uma família não sanguínea e que tanto alegraram e, muitos desses, continuam alegrando os meus dias, fazendo tudo ser mais leve.

Sou grata por ter pessoas, ao meu lado, que sempre acreditaram em meu potencial e/ou torceram pelo meu sucesso. Nominalmente falando, os(as) cito: Camylla, Letícia, Melissa, Juciele, Patrícia Micarla, Patrícia Martins, Ana Liliane, Jakeline, Hélia, Cláudia, Maiara, Michele e meus queridos trilheiros do Seridó Adventure.

Abro um parêntese, aqui, para demonstrar, em especial, minha gratidão à Camylla, se isso eu não fizesse, seria injusto com tudo que vivemos (somos amigas muito antes de aprendermos a ler ou escrever nossos nomes e, como costumamos dizer, dividimos o mesmo neurônio – além das alegrias e aflições). Nós sonhamos esse sonho.

Sempre ouvi falar que o ambiente da pós-graduação era solitário e adoecedor, a minha experiência, graças a Deus, não foi assim, retornar à UFRN, presencialmente, depois de dois anos estudando de forma remota, no quarto da minha casa, foi como um bálsamo para mim.

Fiz amizades com mestrandos e doutorandos de várias áreas, incluindo a Linguística Teórica e Descritiva e a Literatura Comparada, e, assim como nas aulas ministradas pelos(as) professores(as) do PPgEL, aprendi, formal e informalmente, sobre diferentes pressupostos teóricos e abordagens metodológicas, o que contribuiu significativamente para a minha formação acadêmica/profissional. Agradeço, a eles, sem citá-los nominalmente, pelas tardes de

reflexões e experiências partilhadas nas salas e corredores do setor II ou na fila para comprar e tomar o açaí do Renatão.

Também agradeço aos professores que participaram do meu processo formativo na Educação Básica e Superior, sobretudo aqueles que atuaram na Unidade Escolar João Gomes, na Escola Municipal Major Hortêncio de Brito, na Escola Estadual Professora Iracema Brandão de Araújo e na Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó (FELCS/UFRN).

Dessa última, agradeço, em especial, a Profa. Dra. Letícia dos Santos Carvalho, fonte de inspiração para mim e parceira em tantas produções e publicações científicas. Sob sua supervisão e orientação ministrei inúmeros cursos formativos voltados ao uso de tecnologias e recursos digitais destinados a professores para que pudessem utilizá-los em suas salas de aula, durante o período pandêmico. Essas ações me proporcionaram experiência e segurança para proposição e sistematização das atividades implementadas no decorrer desta minha pesquisa.

Sou grata, ainda, a todos os agricultores vinculados à Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências por terem me concedido a oportunidade de inserir suas (nossas) vivências no cerne das discussões acadêmicas; por depositarem confiança em mim, como jovem pesquisadora (mesmo aqueles que já me conheciam desde criança e me viram crescer), e acreditarem nas contribuições que esse estudo poderia trazer para suas atividades de trabalho em ambientes virtuais.

Agradeço também a Profa. Dra. Alana Driziê Gonzatti dos Santos e a Profa. Dra. Ivoneide Bezerra de Araújo Santos Marques que, na banca de qualificação, contribuíram significativamente para o desenvolvimento desse trabalho e às Profas. Dras. Maria do Socorro Oliveira e Ana Elisa Ribeiro (aqui, insiro um comentário típico de redes sociais: “não sei fingir costume” – simplesmente a minha maior referência acadêmica nos estudos do letramento digital e das tecnologias educacionais) que, gentilmente, aceitaram o convite para atuarem como examinadoras em seu evento de defesa.

Por fim, peço desculpas por ter me alongado tanto neste texto, mas ele é importante, em minha opinião, para que, sempre que eu o revise ou que alguém o leia, saiba de onde eu vim, o que eu passei e quem contribuiu para eu chegar até aqui. Não foi sorte, longe disso.



*Eu quero é cantar o Nordeste  
Que é grande e que cresce  
E você não conhece, doutor  
De um povo guerreiro, festivo e ordeiro  
De um povo tão trabalhador  
Por isso não pise, viaje e pesquise  
Conheça de perto esse chão*

(Flávio José)

## RESUMO

Em meio às pequenas propriedades localizadas em áreas rurais interioranas, gerenciadas, na maioria das vezes por agricultores familiares, os letramentos digitais são pouco aproveitados não apenas pela pouca disponibilidade de equipamentos tecnológicos, mas também pela ausência de experiências quanto ao uso desses dispositivos em suas atividades laborais no domínio digital. Diante dessa problemática, o presente estudo objetiva investigar os impactos gerados pela realização de intervenção composta por oficinas de letramento direcionadas a agricultores cooperados na Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências (COMFA), em termos de melhoria da qualidade de suas práticas de letramento laboral quanto à divulgação e comercialização de produtos rurais em ambientes digitais (*e-commerce*). Teoricamente, fundamenta-se em aportes referentes aos letramentos como prática social (Street, 1984; Hamilton, 2000; Kleiman, 1995 e 2005), mais precisamente em estudos que focalizam os multiletramentos (Rojo, 2009; Kalantzis, Cope, e Pinheiro, 2020), o letramento digital (Coscarelli; Ribeiro, 2005; Buzato, 2007; Ribeiro, 2009 e 2021; Braga, 2013), o letramento laboral (Paz, 2008), os letramentos críticos (Kleiman; Santos-Marques; Leurquin, 2021), além de discussões acerca das relações de trocas de saberes entre acadêmicos/extensionistas e camponeses em espaços rurais (Freire, 1983). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa-ação (Thiollent, 2011; Dionne, 2007), que adota abordagem de dados qualitativa (Bogdan; Biklen, 1994), interpretativista (Moita Lopes, 1994; 2006), com traços de vertente etnográfica (Chizzotti, 2006; Angrosino, 2009). Para o percurso interventivo, foram utilizadas as orientações propostas pelos projetos e oficinas de letramento (Kleiman, 2000; Oliveira, 2008; Oliveira, Tinoco, Santos, 2014; Santos-Marques; Kleiman, 2019), além do Diagnóstico Rural Participativo (DRP) (Verdejo, 2010). Como resultados desta investigação, podemos destacar que as intervenções possibilitaram aos participantes ampliar seus letramentos em práticas digitais, mais especificamente em termos de conhecimentos voltados às vendas em canais digitais, no que diz respeito às redes sociais e às transações bancárias. Além disso, favoreceram a reorganização e o aprimoramento visual das postagens e do perfil de conta do *Instagram* da cooperativa, por meio de planejamento e de uso de estratégias voltadas para uma melhor elaboração e divulgação de *posts* de produtos disponibilizados à venda.

**Palavras-chave:** Letramento laboral. Recursos digitais. *E-commerce*. Agricultura familiar.

## ABSTRACT

Within the context of small properties located in rural areas, predominantly managed by family farmers, digital literacy remains largely untapped. This is not only due to the limited availability of technological equipment, but also from a lack of experience in utilizing these devices for their digital work activities. Given this issue, this study aims to investigate the impacts generated by the implementation of an intervention consisting of literacy workshops targeted at cooperative farmers in the Mixed Cooperative of Family Agriculture in Acari (COMFA) and Surroundings. The study seeks to assess the improvement in the quality of their labor literacy practices concerning the promotion and marketing of rural products in the digital environment (e-commerce). Theoretically, this study is based on the contributions relating to literacies as a social practice (Street, 1984; Hamilton, 2000; Kleiman, 1995 e 2005), more precisely on studies that focus on multiliteracies (Rojo, 2009; Kalantzis, Cope, and Pinheiro, 2020 ), digital literacy (Coscarelli; Ribeiro, 2005; Buzato, 2007; Ribeiro, 2009 and 2021; Braga, 2013), labor literacy (Paz, 2008), and critical literacy (Kleiman; Santos-Marques; Leurquin, 2021), and the exchange of knowledge between academics/extension workers and rural peasants in rural spaces (Freire, 1983). Methodologically, this is an action research (Thiollent, 2011; Dionne, 2007) with a qualitative data analysis (Bogdan; Biklen, 1994), interpretivist perspective (Moita Lopes, 1994; 2006) with an ethnographic bias (Chizzotti, 2006; Angrosino, 2009). For the intervention, uses the guidelines proposed by literacy projects and workshops (Kleiman, 2000; Oliveira, 2008; Oliveira, Tinoco, Santos, 2014; Santos-Marques; Kleiman, 2019), it also incorporates the Participatory Rural Appraisal (PRA) (Verdejo, 2010). As a result, we can highlight that the interventions allowed the participants to enhance their digital literacy in terms of knowledge related to sales in digital channels, utilizing social networks and banking transactions in a complementary manner. Moreover, such interventions facilitated the reorganization and visual improvement of the Cooperative's Instagram posts and profile through planning and strategies aimed at better creation and promotion of products available for sale.

**Keywords:** Labor literacy. Digital resources. E-commerce. Family agriculture.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeiro espaço físico de vendas .....	31
Figura 2 – Segundo espaço físico de vendas .....	32
Figura 3 – Divulgação de produtos através do Instagram .....	33
Figura 4 – Divulgação de produtos através do WhatsApp .....	33
Figura 5 – Cartaz de divulgação do curso de extensão .....	41
Figura 6 – Cartaz fixado no mural do STTR de Acari/RN.....	41
Figura 7 – Cartaz de divulgação postado em redes sociais .....	41
Figura 8 – Participantes do curso de extensão.....	42
Figura 9 – Esquema de interações via ambientes digitais .....	66
Figura 10 – Sistematização das encomendas de produtos rurais via WhatsApp.....	69
Figura 11 – Esquema norteador das atividades interventivas.....	76
Figura 12 – Participante elaborando um anúncio no Canva.....	80
Figura 13 – Produção elaborada por participante no Canva.....	80
Figura 14 – Participante registrando imagem de produto.....	81
Figura 15 – Anúncio de produto elaborado pela participante .....	81
Figura 16 – Teste de postagens em perfil de Instagram .....	83
Figura 17 – Cartaz sobre realização de evento .....	84
Figura 18 – Insights do perfil do Instagram da COMFA em maio de 2023.....	85
Figura 19 – Exemplo de tutorial de cadastramento de chave pix em conta bancária.....	87
Figura 20 – Exemplo de tutorial de pagamento de boleto em conta bancária.....	87
Figura 21 – Folder sobre a prevenção de golpes financeiros .....	88
Figura 22 – Roda de conversa realizada no encontro de culminância.....	88
Figura 23 – Entrega de certificados e cartilha aos participantes das intervenções.....	88
Figura 24 – Story da COMFA antes das oficinas (agosto de 2022).....	90
Figura 25 – Reel da COMFA depois das oficinas (junho de 2023) .....	90
Figura 26 – Story da COMFA depois das oficinas (agosto de 2023).....	90
Figura 27 – Status da AC02 publicado antes das oficinas (setembro de 2022) .....	91
Figura 28 – Status da AC02 publicado depois das oficinas (julho de 2023).....	91
Figura 29 – Anúncio publicado no Instagram da COMFA .....	92
Figura 30 – Interação em story do Instagram (junho de 2023) .....	93
Figura 31 – Perfil da COMFA antes e depois das intervenções.....	94
Figura 32 – Insights do perfil do Instagram da COMFA em junho de 2023.....	96

Figura 33 – Reposts de publicações da COMFA .....	97
Figura 34 – Print de tentativa de realização de encomenda em direct de Instagram.....	98
Figura 35 – Print de realização de encomenda em postagem de Instagram .....	99
Figura 36 – QR Code para efetivação de pagamentos por pix .....	99
Figura 37 – Capa da cartilha E-commerce na zona rural .....	100
Figura 38 – Cartilha E-commerce na zona rural impressa .....	101

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Normas para transcrição.....	37
Quadro 2 – Elementos constituintes dos eventos e práticas de letramento.....	47
Quadro 3 – Gêneros fora dos/em ambientes digitais.....	54
Quadro 4 – Sistematização das práticas e eventos de letramento laboral de agricultores em ambientes digitais.....	71
Quadro 5 – Plano de ações da oficina 1.....	77
Quadro 6 – Plano de ações da oficina 2.....	79
Quadro 7– Plano de ações da oficina 3.....	81
Quadro 8 – Plano de ações da oficina 4.....	85
Quadro 9 – Sistematização dos impactos gerados com as oficinas de letramento.....	102

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Agricultor(a) Cooperado(a)

CAAE – Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas

COMFA – Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências

COVID-19 – *Coronavirus Disease 2019*

DAP – Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

DRP – Diagnóstico Rural Participativo

GPS – *Global Positioning System*

HA – Hectare

LA – Linguística Aplicada

NURC – Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta

PRONAF – Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar

RCLE – Registro de Consentimento Livre e Esclarecido

RN – Rio Grande do Norte

SIGEventos – Sistema Integrado de Gestão de Eventos

STTR – Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TDIC – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande no Norte

## SUMÁRIO

<b>1 RECONHECENDO O SOLO: AS CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	19
<b>2 JUSTIFICATIVA</b> .....	23
<b>3 TEMPO DE ARAR O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA</b> .....	26
<b>3.1 Inserção da investigação no campo da Linguística Aplicada</b> .....	26
<b>3.2 Tipo de pesquisa e abordagem de dados</b> .....	27
<b>3.3 Objeto da pesquisa</b> .....	31
<b>3.4 Lócus da pesquisa</b> .....	31
<b>3.5 Participantes da pesquisa</b> .....	33
<b>3.6 Instrumentais de geração de dados</b> .....	34
3.6.1 Questionários .....	35
3.6.2 Rodas de Conversa .....	36
3.6.3 Entrevistas semiestruturadas .....	36
3.6.4 Gravação e transcrição de áudios .....	37
3.6.5 Registro de imagens .....	37
3.6.6 Percurso de geração de dados .....	38
<b>3.7 Ações de intervenção</b> .....	39
3.7.1 Plantando as sementes no desenvolvimento das oficinas de letramento .....	40
<b>3.8 Corpus da pesquisa e procedimentos de análise</b> .....	42
<b>3.9 Aspectos éticos da pesquisa</b> .....	43
<b>4 FORTALECENDO O PLANTIO COM REFERENCIAIS</b> .....	45
<b>4.1 Estudos do letramento</b> .....	45
<b>4.2 Multiletramentos e letramento digital</b> .....	49
<b>4.3 Letramento laboral do agricultor familiar</b> .....	52
<b>4.4 Letramento crítico e comunicação na zona rural</b> .....	57
4.4.1 Projetos e oficinas de letramento .....	60
<b>5 TEMPO DE COLHER: AS ANÁLISES DOS DADOS</b> .....	64
<b>5.1 As práticas de letramento</b> .....	64
<b>5.2 As dificuldades encontradas</b> .....	72
<b>5.3 As intervenções</b> .....	75
5.3.1 Os impactos/mudanças após a intervenção .....	89

<b>6 VENDENDO OS FRUTOS COLHIDOS E GUARDANDO A BARRACA DA FEIRA: AS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>109</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>117</b>

## 1 RECONHECENDO O SOLO: AS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As relações sociais estão cada vez mais permeadas e interligadas pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), fazendo surgir, assim, novas demandas sociais de leitura e escrita, a partir dos diversos usos da linguagem ocasionados e potencializados pelos ambientes virtuais.

Essas demandas requerem da parte dos indivíduos/usuários alguns letramentos, principalmente os de natureza digital que compreendem, em linhas gerais, a utilização de recursos e de ferramentas digitais tanto para a interação e comunicação, quanto para a efetivação das mais variadas atividades humanas, inclusive as de trabalho, através de aparelhos conectados à internet.

Em função desses letramentos, surgem novas discussões e ampliam-se as pesquisas no âmbito dos Estudos da Linguagem, especialmente no campo da Linguística Aplicada. Tornam-se, portanto, objetos de estudo as questões que envolvem as práticas de leitura e escrita em ambientes digitais, para além do ambiente da sala de aula, incluindo-se também as suas problemáticas. Isso porque a utilização de tecnologias digitais ainda não é uma realidade consolidada, de forma significativa, em sua totalidade, no cotidiano da população brasileira (IBGE, 2022), principalmente para sujeitos pertencentes aos estratos sociais economicamente desfavorecidos e moradores de áreas não urbanas, o que contribui para a exclusão desses, em situações reais de interação e comunicação em sociedade.

Em meio às pequenas propriedades localizadas em áreas rurais interioranas, gerenciadas, na maioria das vezes, por agricultores familiares (diferentemente do gerenciamento que acontece no agronegócio<sup>1</sup>), os letramentos do domínio digital são pouco aproveitados, não apenas pela pouca disponibilidade de equipamentos tecnológicos, mas também pela ausência de experiências, quanto ao uso desses dispositivos em suas atividades laborais digitais, tanto no que diz respeito à produção dos produtos agropecuários, quanto no que se refere à divulgação e comercialização.

---

<sup>1</sup> Entendemos o agronegócio, neste trabalho, como sendo uma rede de atividades desenvolvidas na e para produção, beneficiamento, armazenamento e comercialização de produtos agrícolas e pecuários em grande escala. O gerenciamento e trabalho realizado nessas propriedades não é centrado no(a) agricultor(a), e sim dividido entre profissionais de diversas áreas: agrônomos, técnicos agrícolas, operadores de máquinas, administradores, contadores etc.

Assim, apesar de o advento do meio técnico-científico-informacional (Santos, 2013)<sup>2</sup> e a *Web 2.0*<sup>3</sup> proporcionarem diversas modificações nos segmentos sociais e na estrutura de trabalho, esse desenvolvimento, em pequenas propriedades rurais, chegou tardiamente e, ainda hoje, estas continuam em um processo lento de modernização. Conseqüentemente, ainda é limitado o aproveitamento das potencialidades desses ambientes digitais.

Isso acontece porque os agricultores são considerados, na maioria dos casos, *analfabets* (Ribeiro, 2009), ou seja, embora saibam ler e escrever em suportes impressos, não dominam devidamente os usos das tecnologias digitais, incluindo as que envolvem a informação e a comunicação e, por isso, apresentam dificuldades e limitações no tocante aos manuseios de ambientes virtuais com vistas a dar conta de exigências inerentes às suas atividades laborais.

Thornton (2003), nesse sentido, já destacava duas décadas atrás que para que os recursos disponibilizados na internet fossem acessados efetivamente no meio rural alguns obstáculos deveriam ser superados, dentre eles o estilo de vida, a rotina de trabalho e o baixo nível educacional dos agricultores.

A pandemia do COVID-19, iniciada em março de 2020, acentuou a falta desses conhecimentos por parte desses agricultores, levando em consideração que, apesar de “estarmos vivendo uma nova era, em que transações comerciais são realizadas de maneira globalizada, ao mesmo tempo, entre organizações e pessoas localizadas nos mais diversos cantos do planeta” (Kenski, 2012, p. 40), muitos deles, ainda não tinham contato com ambientes digitais e precisaram, nesse período, fazer uso de ferramentas digitais, mesmo que, por vezes, de forma pouco satisfatória, a fim de divulgar e comercializar seus produtos em redes sociais, devido ao isolamento social e ao fechamento de feiras livres locais/regionais e demais pontos de comércio.

Ou seja, até recentemente o *e-commerce*, compreendido como as ações de comercialização realizadas em meio digital, não fazia parte das atividades desses trabalhadores, haja vista que o processo de vendas se efetivava presencialmente. Em decorrência dessa situação, os *posts*<sup>4</sup> e os recursos digitais utilizados na divulgação de produtos, muitas vezes, não atendiam/atendem às expectativas de comercialização. A depender da ferramenta utilizada, ela não fornece uma visão completa (ampla) dos produtos disponíveis para negociação, o que

---

<sup>2</sup> Para o autor “o meio técnico-científico-informacional é um meio geográfico onde o território inclui obrigatoriamente ciência, tecnologia e informação” (Santos, 2013, p. 41)

<sup>3</sup> A *Web 2.0* apresenta um caráter social e possibilita a participação, interação e criação de conteúdos, inclusive colaborativamente, por todos os usuários da e na internet.

<sup>4</sup> O *post*, para Ribeiro (2021b), se configura como uma ação prevista por aplicativos e ambientes digitais. Por meio dele é possível veicular as mais diversas informações e gêneros textuais, a exemplo de anúncios e cartazes.

dificulta até mesmo o trabalho do vendedor, que tem de repassar a mesma informação para diversos clientes, paulatinamente.

Diante desse cenário, Conceição (2016), em sua tese de doutoramento, ao discutir os usos das TIC<sup>5</sup> para o desenvolvimento rural, aponta para a necessidade de agricultores não somente terem acesso a esses recursos, mas de se familiarizarem com seus usos.

Nesse sentido, na perspectiva de investigarmos e gerarmos intervenções frente às necessidades dos referidos trabalhadores no que diz respeito à melhoria da divulgação e comercialização de produtos rurais em meio digital, estabelecemos como questões de pesquisa:

- a) Quais as práticas de letramento realizadas por agricultores na divulgação e comercialização de produtos agrícolas em ambientes digitais?
- b) Que dificuldades os agricultores apresentam no desenvolvimento de práticas de leitura e escrita em ambientes digitais com foco na divulgação e comercialização de seus produtos?
- c) Quais os impactos gerados mediante a aplicação de uma proposta interventiva voltada para a ampliação e aprimoramentos das práticas de letramento desenvolvidas por agricultores no tocante à divulgação e comercialização de seus produtos agrícolas?

Em função do exposto, objetivamos investigar os impactos gerados pela realização de intervenção composta por oficinas de letramento direcionadas a agricultores cooperados na Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências (COMFA), em termos de melhoria da qualidade de suas práticas de letramento laboral quanto à divulgação e comercialização de produtos rurais em ambientes digitais (*e-commerce*).

Para tanto, elencamos como objetivos específicos:

- Identificar as práticas de letramento realizadas por agricultores na divulgação e comercialização de produtos agrícolas em ambientes digitais;
- mapear as possíveis dificuldades enfrentadas pelos agricultores em práticas de letramento digital com foco na divulgação e comercialização de produtos agrícolas;
- descrever a intervenção desenvolvida para este fim no formato de oficinas de letramento, analisando seus impactos para a ampliação e aprimoramentos das práticas de letramento realizadas por agricultores no tocante à divulgação e comercialização de seus produtos agrícolas.

---

<sup>5</sup> As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) se referem à recursos não digitais de acesso à informação, a exemplo do rádio e da televisão.

Com o intuito de alcançarmos os objetivos elencados e entendendo a importância de discutir essa temática tanto em pesquisas acadêmico-científicas, quanto em sociedade, esta dissertação organiza-se em seis seções que dialogam direta e indiretamente, por meio, inclusive, de suas titulações, com o trabalho desenvolvido pelos participantes desta pesquisa, desde a plantação até venda de seus produtos.

É por isso que, tanto nessas considerações iniciais, quanto na justificativa, que correspondem, respectivamente, à primeira e à segunda seção, realizamos o “reconhecimento do solo”, ou seja, o contato introdutório com o solo no qual pisaremos a partir daqui (a área de estudo), analisando, de início, os problemas e as demandas de vendas para o mercado (tanto as lacunas em pesquisas não desenvolvidas ainda, quanto o perfil dos participantes do estudo), estabelecendo as perguntas a serem respondidas e os objetivos a serem alcançados.

Na terceira seção, apresentamos os procedimentos metodológicos realizados para o desenvolvimento da pesquisa. No processo de aração do solo para plantar as sementes, constam, além do *locus* e dos participantes engajados e envolvidos nessa ação, a filiação do estudo à seara da Linguística Aplicada, os instrumentais utilizados, dentre outros tópicos.

Feito isso, na quarta seção, inserimos os adubos e fertilizantes (os aportes teóricos) que fundamentam a pesquisa. Esses materiais compreendem textos que discutem os estudos do letramento como prática social, os multiletramentos e os letramentos em espaços laborais e no domínio digital. Contemplam ainda as relações de comunicação e cooperação estabelecidas em atividades e pesquisas desenvolvidas em espaços rurais, à luz dos pressupostos teórico/metodológicos das oficinas e projetos de letramento.

Na sequência, na quinta seção, analisamos os frutos que foram possíveis de ser colhidos (dados gerados). Essa análise contempla discussões que focalizam as práticas de letramento realizadas para divulgação e comercialização de produtos rurais, o conjunto de dificuldades apresentadas pelos participantes da pesquisa nessas atividades, além da proposta e aplicação da intervenção, incluindo, nesse processo, os impactos gerados.

Após o processamento/beneficiamento dos frutos colhidos, na sexta seção, os ofertamos à venda. Nesse momento, além de retomarmos e respondermos as questões de pesquisa, com base na análise dos dados, apresentamos e refletimos acerca das possíveis contribuições da pesquisa e, também, em que medida os objetivos estabelecidos foram alcançados. Feito isso, guardamos a “barraca da feira”.

## 2 JUSTIFICATIVA

A agricultura familiar produz uma parcela significativa dos alimentos da mesa do brasileiro (IBGE, 2017), como consequência, nas Ciências Agrárias, há inúmeros cursos técnicos ofertados, principalmente, por instituições federais de ensino, que contemplam formação acadêmica e profissional nesse e para esse setor. Além disso, ações de extensão rural são desenvolvidas e fomentadas, periodicamente, por órgãos públicos e privados que proporcionam assessoria a agricultores(as) no que se refere ao controle de pragas, manejo do solo, produtividade de plantações, dentre outros.

Entretanto, ainda há poucos estudos e ações que contemplem efetivamente a área da linguagem no âmbito rural, em específico, as práticas de letramento, no domínio digital, desenvolvidas no campo de trabalho de produtores rurais.

Esse dado pode ser constatado em pesquisa, realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, de trabalhos publicados em duas áreas: Ciências Humanas (em específico, a Educação) e Linguística, Letras e Artes (em específico, Linguística e Letras)<sup>6</sup>.

Nesse levantamento, foi encontrada uma quantidade relevante de trabalhos que discutem as práticas de leitura e escrita em espaços escolares situados em contextos rurais, entretanto, nosso foco empreendeu estudos que tratam, especificamente, dos letramentos de sujeitos inseridos em espaços rurais, no e para o atendimento de demandas voltadas para atuação em sociedade, voltadas para o trabalho agrícola.

Assim, destacamos a tese de Alves (2013), *O trabalhador e as exigências letradas na área rural*, que apresenta a importância de práticas de leitura e escrita para o trabalhador rural no desenvolvimento de atividades em lavouras, em igrejas e em suas relações interpessoais.

Em relação às práticas de leitura, em específico, destacamos a dissertação de Chaves (2000), *Práticas de leitura com mulheres no assentamento APASA (Associação dos Agricultores da PAZZA do Abiaí) – PB*, que discute as práticas de leitura desenvolvidas por trabalhadoras rurais na comunidade da qual fazem parte.

Em relação às práticas de escrita, Thies (2008), em sua dissertação, *Arando a terra, registrando a vida: os sentidos da escrita de diários na vida de dois agricultores*, analisa os sentidos dessas práticas na vida de dois agricultores.

---

<sup>6</sup> Os termos utilizados na busca foram: “letramento de agricultores”, “letramento de trabalhadores rurais”, “letramento digital de agricultores”, “letramento digital de trabalhadores rurais”, “letramento laboral de agricultores”, “letramento laboral de trabalhadores rurais”, “letramento na agricultura familiar”, “letramento na zona rural” e “letramento no campo”. Além disso, todos os termos foram inseridos no singular e no plural e no feminino e no masculino.

O trabalho de Alencar (2012), intitulado *Práticas sociais de letramento no acampamento Lourival da Costa Santana: representações e construção de identidades em discursos de adultos não alfabetizados*, também se destaca, nesse sentido, haja vista que discute as práticas de letramento desenvolvidas no Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra e como os participantes da pesquisa significam suas experiências com a escrita.

Em termos de estudos interventivos, destacamos as dissertações de Benício (2007), *Escrita e processos de letramento: construindo inter-relações entre conhecimento sistematizado e práticas sociais letradas*, que promove uma ação pedagógica de intervenção em prol do letramento de uma pessoa idosa com 63 anos de idade e a de Garcia (2013).

No estudo, intitulado *Internet, então, nem em sonhos!: um estudo interacionista sociodiscursivo sobre práticas de letramento digital no projeto de extensão Pescadores Online*, a pesquisadora propõe a criação de um Telecentro em uma comunidade de pescadores, no interior do estado da Paraíba. Para tanto, promove um curso de formação e capacitação de sujeitos moradores do local no tocante ao uso de computadores conectados à internet para atuarem nesse ambiente. O estudo, desse modo, contrasta as práticas de letramento digital de um dos participantes dessa ação, antes e após o seu desenvolvimento, investigando, nesse processo, como a tecnologia pode impactar o cotidiano dessa comunidade.

Frente ao exposto, esse é o trabalho que mais se aproxima com o que desenvolvemos na presente investigação. Outro, realizado por Guczak (2011), merece destaque, apesar de não ser de cunho interventivo e utilizar como *lócus*, predominantemente, uma escola. Isso porque, nesse estudo, o autor discute o letramento digital no contexto de uma instituição de ensino localizada em uma comunidade rural e, em sua análise, destaca que percebe um silenciamento em relação ao uso das tecnologias digitais da informação e comunicação no segmento agrícola, o que pode apontar, segundo ele, para a possibilidade de ainda não haver, à época, por parte dos sujeitos participantes e do contexto no qual eles estão inseridos, a necessidade do uso desses recursos na e para agricultura.

O autor destaca, por exemplo, que não foram mencionados a utilização de aparelhos tecnológicos para realização de pesquisa em *sites* acerca de previsões meteorológicas, preços de produtos utilizados na agricultura ou informações sobre estes.

Desse modo, a presente pesquisa justifica sua relevância haja vista contribuir em termos de mapeamento das práticas e ambientes digitais utilizados por agricultores familiares para divulgação e comercialização de seus produtos rurais, além de apresentar a perspectiva de os sujeitos participantes da pesquisa terem acesso a conhecimentos de modo a ampliar os seus letramentos quanto aos usos de equipamentos tecnológicos para efetivação de suas atividades

de trabalho e, conseqüentemente, atenuar as dificuldades identificadas por eles no processo do *e-commerce*.

Ouvir e dar voz aos sujeitos que se encontram em espaços longes dos centros urbanos e da Universidade, cujos usos da linguagem, muitas vezes, não são levados em consideração ou reconhecidos como formas de dizer legítimas potencializa, ainda, o estreitamento das relações entre academia e sociedade.

Trazer para os debates acadêmicos, essas questões, contribui para a focalização desses letramentos nem sempre visíveis, o que fomenta a implementação de possíveis políticas públicas direcionadas ao homem do campo que, muitas vezes, não é contemplado com investimentos, sobretudo no que diz respeito ao âmbito das digitalidades.

Esperamos, assim, tematizar o que ainda é pouco tematizado e dar voz àqueles que, nesse contexto, ainda não a têm (Moita Lopes, 2009), mediante a apresentação de novas discussões e problemáticas sociais situadas na domínio das investigações em Linguística Aplicada e, conseqüentemente, ampliarmos os estudos sobre os letramentos na ambiência digital em searas ainda pouco exploradas, expressivamente, pelas pesquisas, como é o caso dos letramentos dos trabalhadores rurais em termos de práticas e eventos de letramentos.

### **3 TEMPO DE ARAR O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA**

Assim como no trabalho do agricultor, nessa seção preparamos a terra para realizarmos o plantio (nesse caso, o desenvolvimento da pesquisa). Para tanto, selecionamos os instrumentos necessários e as etapas a serem seguidas a fim de alcançar os objetivos propostos (colher bons frutos). Nesse sentido, constam na presente seção, a filiação da investigação no domínio da Linguística Aplicada, o tipo de pesquisa desenvolvida, a abordagem de dados, além do objeto, *lócus* e participantes envolvidos. Contempla, ainda, os instrumentais utilizados e o percurso realizado na e para geração dos dados e constituição do *corpus* da pesquisa. Por fim, focalizamos os aspectos éticos que norteiam a investigação.

#### **3.1 Inserção da investigação no campo da Linguística Aplicada**

No campo das pesquisas das e nas Ciências Sociais, o pesquisador “tem que dar conta da pluralidade de vozes em ação no mundo social e considerar que isso envolve questões relativas a poder, ideologia, história e subjetividade” (Moita Lopes, 1994, p. 331).

A Linguística Aplicada (LA), nesse sentido, como área de estudo atrelada às investigações centradas na compreensão das práticas de uso da linguagem em sociedade (Moita Lopes, 2009), instaura seu foco em “um processo de renarração ou redescrição da vida social como se apresenta” (Moita Lopes, 2006, p. 90) considerando as vozes daqueles que estão envolvidos nessas práticas.

Assim, não se pode ignorar, no desenvolvimento de uma pesquisa nessa seara, o que as pessoas pensam acerca de seus usos e práticas permeadas pela linguagem, ou seja, não se pode produzir conhecimento sobre suas vidas sem a manutenção de um diálogo com elas. O conhecimento de como funcionam esses (novos) usos da linguagem só se legitima com o acesso às compreensões desses sujeitos sobre si próprios.

Essas produções realizadas de modo situado possibilitam aos leitores desses trabalhos experimentarem a vida de outras pessoas a partir de suas próprias perspectivas (Moita Lopes, 2006), refutando ou afirmando pré-conceitos estabelecidos socialmente.

Kleiman (2013), nessa direção, destaca que a LA tem uma posição ideal para visibilizar e entender determinados grupos que, a partir da periferia (entendida, aqui, como um ambiente longe dos grandes centros urbanos e das produções de conhecimento sistematizadas academicamente), produzem novos saberes, em um processo de transformação do global por meio do local.

É sob esse pressuposto que se insere a presente pesquisa, haja vista pautar-se na perspectiva de criar inteligibilidades em questões sociais de linguagem que são experienciadas por trabalhadores rurais em práticas de letramento no domínio digital no intuito de comercializar os produtos de suas atividades laborais.

Para tanto, essa investigação dialoga interdisciplinarmente com outras áreas de estudo e pesquisa, como é o caso das Ciências Agrárias e da Geografia Humana, tanto através de temáticas que as contemplam (produção e venda de produtos rurais, o meio técnico-científico-informacional etc.), quanto com a utilização de referenciais teóricos e de procedimentos metodológicos que são específicos destas, a exemplo do Diagnóstico Rural Participativo (DRP) (Verdejo, 2010), que consiste em um guia prático de pesquisa e análise de dados, voltado, especificamente, para comunidades rurais. Esse intercâmbio estabelecido com áreas distintas em favor da melhor compreensão da temática em foco ressalta o caráter interdisciplinar da LA.

Esses diálogos são instaurados haja vista que, segundo Moita Lopes (2006), para sabermos sobre linguagem e vida social, atualmente, é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito e adentrar em outras áreas do conhecimento. É preciso ler, por exemplo, sociologia, geografia, antropologia, dentre outras áreas do conhecimento que possam contribuir com subsídios capazes a lançar luzes sobre as questões de linguagem em uso.

Nesse caso, para compreender efetivamente as práticas desenvolvidas por agricultores(as) familiares é necessário conhecermos suas vivências, suas lutas e nos inserirmos no âmbito de suas atividades de trabalho, a fim de sabermos como funcionam seus processos de produção, assim como os artefatos que são utilizados para efetivação de suas práticas de letramento.

### **3.2 Tipo de pesquisa e abordagem de dados**

A investigação adotada é do tipo pesquisa-ação, realizada, normalmente, em áreas do conhecimento voltadas à educação, à comunicação, ao serviço social, à tecnologia, principalmente, no meio rural, e às práticas políticas e sindicais (Thiollent, 2011).

Essa espécie de investigação consiste em uma pesquisa social que “[...] é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (Thiollent, 2011, p. 20).

Essa cooperação é observada não somente nas e pelas especificidades do grupo investigado, mas também pela abordagem realizada na troca de conhecimentos no processo de desenvolvimento da pesquisa e da ação. Ou seja, tanto o pesquisador, quanto os participantes

envolvidos estão em constante processo de aprendizagem, uns com os outros, cooperando conjuntamente em busca de objetivo comum.

Em termos de resolução de problemas, a presente investigação contempla uma proposta de intervenção que tem como intuito atenuar as dificuldades vivenciadas por agricultores familiares na realização de suas atividades laborais no domínio digital, a partir da discussão e geração de novos conhecimentos e práticas.

Cabe destacar que o termo intervenção é, em muitos casos, relacionado ao desenvolvimento de ações verticalizadas, nas quais os sujeitos participantes são tomados como receptáculos vazios que tendem a receber passivamente os conhecimentos que lhes são impostos e/ou transmitidos. Entretanto, o adotamos aqui tomando como base tanto os pressupostos de Freire (1983) que discute e reflete acerca da possibilidade de se desenvolver atividades de extensão rural de modo dialogal, quanto as discussões de Coelho (2005) que apresentam uma proposta de intervenção, em espaços e atividades rurais, que se organiza a partir do processo de compartilhamento de conhecimentos.

Para ela, há dois tipos de intervenção: a intervenção "formal" e a "participativa". Na intervenção formal, há uma acentuação da natureza hierárquica e vertical do agente, técnico e/ou pesquisador, a partir da percepção equivocada de que este é o único detentor de conhecimento, ao passo que na intervenção participativa realiza-se a construção e a ressignificação de conhecimentos de modo colaborativo, em todas as etapas da ação, além dos envolvidos terem autonomia para sugerir e acatar ou não decisões, coletivamente. Esse último é o tipo de intervenção cujas orientações seguimos no desenvolvimento da presente pesquisa.

A perspectiva da pesquisa-ação adotada, nesse caso, aponta para a participação democrática, ou seja, todos os envolvidos se empenham no processo de detectar e resolver problemas (Cerqueira; Schaun, 2000). Ou seja, essa intervenção deve “[...] contribuir para estimular os agricultores a se organizarem em torno de seus problemas, prioridades e demandas, valorizando suas potencialidades e suas capacidades de organização” (Oliveira, 2015, p. 34)

Nesse sentido, Dionne (2007), ao discorrer sobre a realização deste tipo de pesquisa destaca a importância do papel do pesquisador. Isso porque apesar de, no âmbito da pesquisa, ele ser um especialista ou ter essa potencialidade, no âmbito da ação, ele deve se configurar como uma espécie de líder que dialoga e articula as ações conjuntamente com os demais envolvidos na investigação, estabelecendo consensos.

Essa tomada de posição acontece por se tratar de uma intervenção coletiva, na qual diferentes atores se fazem presentes. A liderança faz com que se realize um norteamento ou orientação dos caminhos a serem trilhados e não uma imposição.

Diferentemente da pesquisa clássica, essa prática investigativa demanda uma relação interativa e contínua de comunicação entre o pesquisador e os demais envolvidos nas ações, além da utilização de instrumentos predominantemente qualitativos. Outra diferença a ser destacada é o fato de que, na pesquisa clássica, a escolha do tema da pesquisa é, na maioria das vezes, inserida apenas no campo de interesse do pesquisador; na pesquisa-ação, essa escolha se realiza por meio de um “entendimento ou contrato” com um grupo social específico, com base em suas necessidades no contexto imediato de inserção (Dionne, 2007).

Nesse sentido, na busca pela ampliação e aprimoramento dos usos de ambientes e ferramentas digitais por agricultores, no tocante à divulgação e comercialização de seus produtos agrícolas, é necessário dar aos participantes “[...] os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sobre forma de diretrizes de ação transformadora” (Thiollent, 2011, p. 14). Nesse processo, colaborativo e cooperativo, o participante tem de ter voz e vez, haja vista que

[...] conhece os problemas e as situações das quais está vivendo. Por exemplo, o pequeno produtor rural conhece várias exigências naturais e econômicas às quais ele costuma se submeter por experiência. De modo geral, quando existem condições para sua expressão, o saber popular é rico, espontâneo, muito apropriado à situação local (Thiollent, 2011, p. 77).

Nessa investigação, os agricultores participantes sabem quais são as suas maiores dificuldades na realização de atividades de divulgação e comercialização em meio digital, muito mais do que o pesquisador, que não vivencia cotidianamente esses usos. A prática interventiva parte, desse modo, dos saberes já existentes deles.

Isso só é possível por meio da realização de um diagnóstico prévio sobre a situação encontrada. Essa é a primeira etapa a ser executada nesse tipo de investigação e é a partir dela que se estabelecem as estratégias e atividades que serão desenvolvidas. Para Dionne (2007), em muitos casos, esse conhecimento é adquirido pelo pesquisador por meio de uma atuação na comunidade ou do contato com os atores há vários anos. Cabe destacar que essa situação se aplica à presente pesquisa.

Os demais procedimentos e etapas a serem realizadas são: 2) definição dos objetivos da pesquisa e da ação; 3) planejamento metodológico da pesquisa e da ação; 4) realização da pesquisa e da ação; e 5) análise e avaliação dos resultados (Dionne, 2007).

Nesse segundo momento, conforme estabelece o autor, o pesquisador formula o objeto e os objetivos, respectivamente, da pesquisa e da ação, levando em consideração os diagnósticos estabelecidos anteriormente. Na terceira etapa, realiza-se o planejamento metodológico da

pesquisa e da ação, ou seja, escolhem-se os instrumentos a serem utilizados (questionários, roteiros de entrevistas e outros que considerar conveniente) e organiza-se o cronograma de ações a serem desenvolvidas.

Nesse processo, é necessário identificar quais são os principais recursos disponíveis para realizar o que propõe a intervenção, nesse caso, se eles têm acesso à internet, à celulares e *notebooks*. Para isso, o pesquisador pode recorrer a informações presentes em documentos disponíveis, reuniões de grupos, discussões, visitas a domicílios e outras (Dionne, 2007).

Desenvolvem-se, após esse planejamento, as intervenções. Nessa etapa,

a ação é iniciada. Após os diagnósticos da situação, após a escolha das ações pertinentes e dos meios de ação disponíveis, o profissional se implica na ação. Ele procura criar a correspondência a mais adequada possível entre o desejável e o realizável. A arte da ação consiste exatamente em adaptações contínuas, dentro do planejamento posto à prova da realidade cotidiana (Dionne, 2007, p. 62-63)

Para tanto, segundo o autor, é importante que, no papel de líder, o pesquisador acompanhe as ações desenvolvidas e dialogue com os participantes acerca dos meios utilizados para obtenção dos resultados esperados. É importante, ainda, que “as tarefas dos participantes sejam bem definidas, que o calendário da operação seja fixado, que a motivação e o ritmo da intervenção sejam mantidos” (Dionne, 2007, p. 73).

A esse respeito, Cerqueira e Schaun (2000, p. 08) salientam que “os agricultores possuem um potencial transformador e um espírito de solidariedade muito grande para sustentar mudanças; para isso basta que lhes seja permitido participar criticamente, como sujeitos, de todo o processo”.

Em relação às etapas de avaliação dos resultados e a análise dos dados gerados, estas acontecem quando os objetivos, na medida do possível, são alcançados. A abordagem de dados, nesse processo, se dá de modo qualitativo, para melhor compreender o comportamento, as experiências e o processo mediante o qual os participantes construíram significados no desenvolvimento dessas práticas (Bogdan; Biklen, 1994).

Segue também, nessa perspectiva, um viés interpretativista (Moita Lopes, 1994) com traços etnográficos (Chizzotti, 2006; Angrosino, 2009), levando em consideração que a pesquisadora se insere no cenário investigado, observando as relações sociais desenvolvidas no contexto no qual os sujeitos participantes se inserem. Desse modo, a análise dos dados é realizada em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto possível, a forma na qual foram gerados (Bogdan; Biklen, 1994).

### 3.3 Objeto da pesquisa

O objeto de estudo da presente pesquisa são as práticas de letramento realizadas por agricultores em ambientes digitais, tais como aplicativos e redes sociais, para divulgação e comercialização de produtos rurais. Através desses ambientes, é possível realizar postagens de fotos, vídeos, textos (multimodais), gerenciar pedidos e enviar mensagens em *chats*, além de oferecer opções de pagamento e contrato de serviços.

Esses novos ambientes configuram-se como um espaço que tem “a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação” (Lévy, 1999, p. 93), são suportados por computadores, *tablets* e *smartphones* e podem ser acessados rapidamente através de cliques em *links* e *hiperlinks*, possibilitando a realizações de inúmeras ações e operações a partir da internet.

### 3.4 Lócus da pesquisa

O *lócus* da pesquisa adotado é a Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências (COMFA), inscrita no CNPJ 31.635.367/0001-05, que tem sua sede e administração localizada na Rua Tomaz de Araújo, nº 225, centro de Acari-RN.

Fundada em 20 de janeiro 2018, inicialmente com 21 cooperados e ponto físico de vendas em sua sede (figura 1), a cooperativa, segundo seu Estatuto, “tem por objeto social, com base na colaboração recíproca a que se obrigam seus cooperados, sem objetivo de lucro, a produção, o processamento, o beneficiamento e a comercialização de produtos de seus cooperados, oriundos da agricultura, da pecuária e da pesca” (COMFA, 2018, p. 05).

Figura 1 – Primeiro espaço físico de vendas



Fonte: Acervo da COMFA (2018).

Regida pelos valores e princípios do cooperativismo, pelas disposições legais da Lei nº 5.764/71 (Brasil, 1971), que define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas e dá outras providências e, também, por seu Estatuto e pelas diretrizes da autogestão, a cooperativa tem entre seus objetivos o de melhorar as condições socioeconômicas de seus cooperados e, por isso, para a consecução destes se propõe a:

- I - produzir, beneficiar, embalar, distribuir, transportar, classificar, padronizar, armazenar, industrializar e comercializar a produção de seus cooperados, inclusive produtos orgânicos e agroecológicos da agricultura familiar e economia solidária, registrando suas marcas, se for o caso;
- II- prestar assessoria/assistência e extensão rural, em estreita colaboração ou parceria com órgãos públicos e organizações não governamentais atuantes no setor; [...]
- V- obter recursos para financiamento de custeio de lavouras e investimentos dos cooperados; [...]
- VII - promover, com recursos próprios, parcerias ou convênios, a capacitação cooperativista e profissional, funcional, técnico, executivo e diretivo, consultorias e assessorias aos agricultores familiares; [...]
- IX - promover atividades educacionais, culturais para a família dos cooperados, comunidade e agricultores familiares (COMFA, 2018, p. 06).

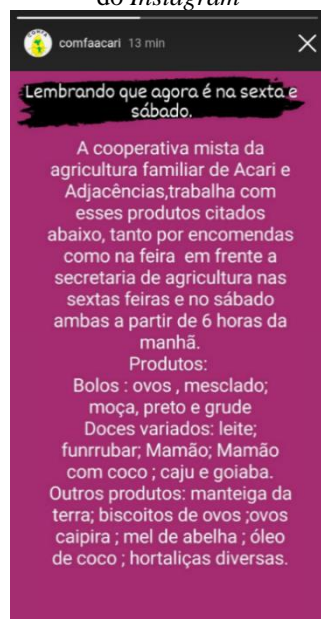
Atualmente, seus produtos são vendidos, presencialmente, às sextas, na feirinha da agricultura familiar (figura 2), localizada em frente à Secretaria de Agricultura, Meio Ambiente e Abastecimento do município de Acari-RN, na Rua Ana Fernandes, nº 128, Centro. Aos sábados, a feira ocorre na sede da cooperativa; virtualmente, seu processo de comercialização acontece por meio de redes sociais e aplicativos, como o *Instagram* (@comfaacari) e o *WhatsApp* (figuras 3 e 4, respectivamente).

Figura 2 – Segundo espaço físico de vendas



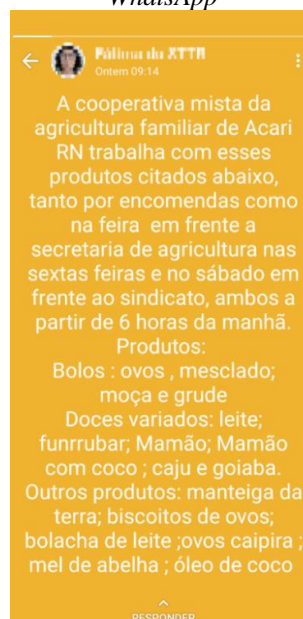
Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

Figura 3 – Divulgação de produtos através do *Instagram*



Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

Figura 4 – Divulgação de produtos através do *WhatsApp*



Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

Entre os produtos produzidos e comercializados, estão: bolos (ovos, grude, preto, moça, macaxeira), biscoito de ovos, bolacha de leite (solda branca), hortaliças (coentro, alface, pimentão, couve, pimentinha, cebolinha), mel de abelha, frutas (manga, caju, acerola, limão, umbu cajá, laranja, mamão, melancia, melão), óleo de coco, manteiga da terra, doces (leite, mamão, coco, caju, goiaba) e ovos caipira.

### 3.5 Participantes da pesquisa

Os participantes desta pesquisa são 16 membros da Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências (COMFA), que compreendem agricultores(as) e não agricultores(as) familiares. Isso porque, a COMFA, para fins de admissão, aceita até 30% de seus cooperados com vínculos empregatícios direcionados a outras atividades que são indiretamente ligadas à agricultura familiar.

Ou seja,

poderá associar-se à COMFA, salvo se houver impossibilidade técnica de prestação de serviços, qualquer pessoa dentro da área de ação da cooperativa, que se dedique a atividade objeto da Entidade, por conta própria e que preencha os requisitos legais e estatutários, não pratique outras atividades que possam prejudicar ou colidir com interesses da sociedade, concordem com as disposições deste Estatuto (COMFA, 2018, p. 07).

Além disso, “o interessado deverá frequentar, com aproveitamento de no mínimo 75% (setenta e cinco por cento), um curso básico de Cooperativismo, que será ministrado pela Cooperativa ou outra entidade” (COMFA, 2018, p. 07), o que proporciona reflexões acerca desse modelo de trabalho, seus benefícios e importância, além de questões específicas voltadas para o trabalho desenvolvido na agricultura familiar.

Esses(as) trabalhadores(as), vinculados(as) à cooperativa, são moradores(as) dos municípios de Acari e Cruzeta<sup>7</sup>, ambos da microrregião do Seridó, no interior do estado do Rio Grande do Norte, com residência, em sua maioria, em propriedades rurais, localizadas em sítios, fazendas e assentamentos e têm como renda os lucros gerados com a produção e comercialização dos produtos agrícolas cultivados em suas terras.

Em termos de faixa etária, os participantes possuem entre 26 e 66 anos, completos até 31/12/2023, estando em sua maioria acima dos 40 anos. Dentre esses cooperados, 52,38% é do sexo feminino e 47,61% do sexo masculino. Em termos de escolarização, 6,25% têm o ensino fundamental incompleto, 6,25% têm o ensino fundamental completo. Em relação ao ensino médio completo, consta o total de 56,25%, sem a ocorrência de participantes que o iniciaram e não concluíram. Além disso, 6,25% possuem a formação técnica em agropecuária, 18,75% concluíram o ensino superior, nas licenciaturas de Letras e Pedagogia. Ademais, 6,25% do contingente de participantes estão cursando o Bacharelado em Administração na UFRN.

Esses participantes são, ainda, portadores(as) da DAP - Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), principal documento de identificação do agricultor familiar (Brasil, 2019) e associados(as) no Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Acari-RN.

### **3.6 Instrumentais de geração de dados**

Como instrumentos para a geração de dados, utilizamos questionários, gravações de entrevistas semiestruturadas constituídas de perguntas objetivas e dissertativas, além de rodas de conversa para identificação das práticas de letramento realizadas pelos(as) agricultores(as) cooperados(as), incluindo suas dificuldades; além do acompanhamento dos participantes antes, durante e após as ações de intervenção, enfatizando o processo e os discursos dos sujeitos (Bogdan; Biklen, 1994).

---

<sup>7</sup> A COMFA tem como área de ação, segundo seu Estatuto (2018), os municípios de: Acari, Bodó, Cerro Corá, Carnaúba dos Dantas, Caicó, Currais Novos, Cruzeta, Equador, Florânia, Ipueira, Jardim de Piranhas, Jardim do Seridó, Jucurutu, Lagoa Nova, Ouro Branco, Parelhas, São Fernando, São Vicente, São João do Sabugi, São José do Seridó, Serra Negra do Norte, Timbaúba dos Batistas e Tenente Laurentino Cruz.

Utilizamos também registros de imagens e coleta de *prints*<sup>8</sup> de conversas relacionadas à comercialização por meio de mensagens instantâneas, via *WhatsApp* e *Instagram*, e de publicações relacionadas à divulgação de produtos rurais nas contas oficiais tanto da cooperativa, quanto de cooperados.

Nas subsubseções a seguir apresentaremos detalhadamente cada um desses instrumentos, na perspectiva de implementar o processo da geração dos dados da pesquisa.

### 3.6.1 Questionários

Nessa pesquisa, os questionários foram utilizados para identificar, especificamente, as práticas de letramento realizadas pelos cooperados na divulgação e comercialização de produtos rurais, antes e após o desenvolvimento das ações de intervenção.

A escolha desse instrumento se deu pelo fato de ele se estabelecer como documento que contempla perguntas, às quais os participantes respondem por meio de marcações em espaços/opções padronizadas ou por meio da escrita de comentários que exprimem suas opiniões e suas experiências, o que facilita a análise das respostas e a sistematização desses dados (Moreira; Caleffe, 2006), possibilitando, inclusive, a elaboração de gráficos e tabelas que podem ser analisados quali-quantitativamente.

Para tanto, utilizamos questões predominantemente fechadas, mas também fizemos uso de questões abertas, as quais contribuíram para que nós pudéssemos compreender melhor os pensamentos e as práticas desenvolvidas pelos participantes da pesquisa, apresentadas sob a forma de justificativas alusivas ao que lhes foi indagado.

Nesse sentido, as perguntas consistiram, inicialmente, em questões de identificação dos participantes, incluindo identidade de gênero, idade e escolaridade, além de questões de múltipla escolha voltadas para os recursos digitais e redes sociais utilizadas na divulgação e comercialização dos seus produtos, destacando a frequência, as motivações etc. Essas mesmas perguntas foram realizadas ao final das intervenções com o intuito de observar as contribuições promovidas em termos de ampliação e aprimoramentos dos usos dos ambientes digitais pelos(as) cooperados(as).

---

<sup>8</sup> O *print* ou captura de tela corresponde ao registro fotográfico, através da combinação de teclas, daquilo que está aparecendo na tela do celular, *notebook*, computador etc.

### 3.6.2 Rodas de Conversa

As rodas de conversa consistem em uma forma de gerar dados a partir da partilha coletiva de experiências e reflexões sobre determinadas práticas desenvolvidas pelos sujeitos (Moura; Lima, 2014). Assim, recorreremos a esse instrumento na intenção de compreender e (re)construir os conhecimentos e as opiniões dos participantes da pesquisa acerca do comércio digital ao longo da investigação.

Para tanto, na perspectiva de proporcionar aos envolvidos um espaço no qual se sentissem à vontade tanto para partilhar suas opiniões quanto para escutar as dos demais, com base no diálogo e no respeito, essas atividades aconteceram nas salas de reuniões do STTR de Acari-RN, ambientes nos quais eles já realizavam as reuniões, ordinárias e extraordinárias, da cooperativa.

### 3.6.3 Entrevistas semiestruturadas

As entrevistas semiestruturadas foram utilizadas em dois momentos: no início e no final da pesquisa. Esse instrumento, no primeiro contato, teve como intuito mapear as dificuldades dos cooperados no que diz respeito ao desenvolvimento de práticas de leitura e escrita em ambientes digitais, especificamente, com foco na divulgação e comercialização dos seus produtos.

A escolha dessa ferramenta, composta por, em média, 10 perguntas, se deu pelo fato de que, segundo o DRP, esse tipo de entrevista “serve tanto para conhecer as limitações da comunidade como para discutir sobre possíveis soluções” (Verdejo, 2010, p. 28). Essa ferramenta além de possibilitar uma maior verbalização por parte dos sujeitos entrevistados, mediante os questionamentos, também potencializa ao investigador uma maior compreensão de como esses sujeitos interpretam aspectos do mundo e da sociedade na qual estão inseridos (Bogdan; Biklen, 1994), além do porquê e de como realizam (ou não) determinadas atividades.

Para tanto, foram utilizados determinados tipos perguntas que auxiliaram no processo das entrevistas, a partir de exemplos propostos pelo DRP:

Perguntas abertas: “qual é a sua opinião sobre...?”

Perguntas estimulantes: “como conseguiu ter um jardim tão bonito?”

Perguntas dignificantes: “você que tem tanta experiência no cultivo de... o que pode me dizer em relação a...?”

Perguntas sobre eventos-chave: “como conseguiram recuperar a força depois da seca? Quais foram as inovações na produção de... nos últimos anos?” (Verdejo, 2010, p. 28).

Outros, como as perguntas sugestivas, duplas, opostas, limitadoras, indutivas e manipuladoras (Moreira; Caleffe, 2006), foram evitadas, tanto na primeira, quanto na elaboração da segunda e última entrevista. Nesse roteiro final, inserimos questões que buscavam destacar os impactos gerados com a aplicação da proposta interventiva, em relação às dificuldades iniciais.

### 3.6.4 Gravação e transcrição de áudios

Os dados gerados por meio de gravações em áudio compreenderam as rodas de conversas, as entrevistas semiestruturadas e alguns questionários nos quais os participantes preferiram responder oralmente, ao invés de preenchê-los manuscritamente.

As gravações, realizadas ao longo da investigação, foram salvas em arquivos em formato M4A e são transcritas conforme os estabelecimentos do Projeto NURC.

Sendo assim, adotamos nas transcrições as seguintes normas:

Quadro 1 – Normas para transcrição

<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>SINAIS</b>
Truncamento	/
Hipótese/Incompreensão de palavras ou segmentos	( )
Entonação enfática	Maiúsculas
Alongamento de vogal e consoante	::podendo aumentar para:: ou mais
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))

Fonte: Adaptado de NURC/SP (Preti, 2011).

Essas orientações, a nosso ver, auxiliam na compreensão das percepções dos participantes expressas verbalmente (as entonações e pausas, por exemplo) em relação às suas práticas e dificuldades vivenciadas no âmbito laboral, mais precisamente na divulgação e comercialização de seus produtos agrícolas, virtualmente.

### 3.6.5 Registro de imagens

As fotografias utilizadas em investigações qualitativas são divididas, na maioria das vezes, segundo Bogdan e Biklen (1994), em duas categorias: as que foram feitas por outras pessoas e aquelas que o investigador produziu.

Nesta pesquisa, fizemos uso das duas possibilidades. Ou seja, utilizamos imagens do acervo pessoal de integrantes da cooperativa e imagens registradas pela pesquisadora, incluindo *prints* de conversas por meio de mensagens instantâneas e postagens de divulgação nas contas oficiais da COMFA e de cooperados.

Esses registros permitem aos investigadores compreender e analisar aspectos relacionados às práticas dos participantes que não poderiam ser observados através de outros instrumentos (Bogdan; Biklen, 1994), assim, além de ilustrarem as atividades desenvolvidas, também têm a potencialidade de evidenciar os resultados alcançados ao contrastar as práticas de letramento digital, em específico as publicações realizadas nas redes sociais da cooperativa, antes e após as ações de intervenção.

### 3.6.6 Percurso de geração de dados

O desenvolvimento da geração de dados da presente pesquisa teve início em uma reunião ordinária da cooperativa, realizada no dia 12 de novembro de 2022. Nesta, realizamos a apresentação dos objetivos da pesquisa, das sugestões de atividades a serem desenvolvidas, além do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) (apêndice 1) para conseguirmos a adesão dos participantes que estavam presentes.

Nos meses seguintes, continuamos o processo de apresentação da pesquisa aos demais cooperados(as) que não compareceram ao evento citado, tanto por meio de outras reuniões ordinárias quanto a partir de contato via redes sociais. Após conseguirmos suas respectivas adesões como participantes, executamos a aplicação dos instrumentos de pesquisa mediante a assinatura do Termo de autorização de registro de voz e imagem (apêndice 2).

Para aplicar e realizar os questionários e as entrevistas semiestruturadas (iniciais e finais), seguimos algumas orientações propostas pelo DRP (Verdejo, 2010), dentre elas a escolha cuidadosa do lugar e do momento para as entrevistas, sendo estas realizadas tanto na casa do(a) agricultor(a), quanto na sede da cooperativa, optando por escolher sempre um momento do dia considerado confortável e compatível com a disponibilidade de tempo dos participantes, a fim de evitar inviabilidades.

Os dados gerados por meio da coleta de *prints* de conversas de mensagens instantâneas e das postagens nas páginas das redes sociais da cooperativa, além do registro de imagens de anotações manuais (e digitais) realizadas para o gerenciamento e controle dos produtos, iniciaram logo após o aceite da pesquisa pelo CEP/UFRN (ver subseção 3.9) e da assinatura do Termo de autorização institucional para uso de documentos (apêndice 3). A partir de então,

passamos a acompanhar as postagens públicas tanto da cooperativa, quanto dos participantes em suas redes sociais pessoais com foco na comercialização, assim como os canais de comunicação utilizados para efetivações de vendas.

A geração desses materiais, principalmente aqueles aplicados e gerados antes da proposta interventiva, tiveram como intuito compreender a realidade dos agricultores participantes no tocante aos seus usos digitais, ou seja, porque agiam desta ou de outra maneira, antes de opinarmos e/ou propormos uma “solução lógica” (Verdejo, 2010). Somente depois disso, iniciamos o processo interventivo mediante o desenvolvimento de oficinas de letramento.

Nessas oficinas utilizamos também alguns dos instrumentos de geração de dados já citados, dentre eles podemos ressaltar as rodas de conversa e o registro de imagens. Essas ações serão descritas na subseção a seguir.

### **3.7 Ações de intervenção**

As ações de intervenção se efetivaram por meio de oficinas de letramento (Santos-Marques; Kleiman, 2019) que tomaram como base os pressupostos teórico/metodológicos dos Projetos de Letramento (Kleiman, 2000; Oliveira, 2008; Oliveira, Tinoco, Santos, 2014).

Ou seja, criamos uma comunidade de aprendizagem horizontal, na qual todos os agricultores cooperados tiveram uma parcela significativa na construção e ampliação dos conhecimentos partilhados, havendo, inclusive, nesse processo, uma dissolução dos papéis de pesquisador e participantes.

Além disso, nesse espaço desterritorializante da aprendizagem, a rede de atividades desenvolvida partiu de uma problemática evidenciada pelos participantes, mais especificamente das dificuldades em utilizar satisfatoriamente as ambiências digitais para divulgação e comercialização de produtos da agricultura.

Durante o processo inicial de geração de dados, além de questionarmos acerca das dificuldades encontradas na efetivação de demandas laborais de divulgação e comercialização de produtos rurais em meio digital, questionamos também se eles achavam que proposições de oficinas, que contemplassem os temas e as atividades nas quais eles apresentavam dificuldades, poderiam contribuir tanto em termos de amenização destas, quanto em melhorias na comercialização de seus produtos. Diante das respostas afirmativas, solicitamos que eles sugerissem propostas de oficinas e citassem o que eles gostariam de aprender.

Após ouvir suas opiniões e considerando-as, partimos para o desenvolvimento das seguintes oficinas de letramento: “Comércio digital, marketing e estratégias de vendas”,

“Recursos digitais para elaboração de *posts*”, “Ferramentas digitais de redes sociais” e “Transações bancárias”.

Cabe destacar e esclarecer o fato de que, no ato de submissão do projeto ao CEP/UFRN, na elaboração do RCLE, era necessário explicitar quais as atividades a serem desenvolvidas com os participantes. Sendo assim, inserimos as seguintes propostas de oficinas (com base em algumas pressuposições da pesquisadora em termos de possíveis contribuições que estas trariam para os seus participantes), conforme focaliza o trecho a seguir:

*As oficinas têm uma carga-horária total de 30 horas, e são divididas em: “E-commerce: introduzindo a temática” (carga-horária: 3h), “Marketing, estratégias de vendas e comércio digital (transações bancárias em app, Pix etc.)” (carga-horária: 3h), “Apresentação e aprimoramentos dos usos das ferramentas digitais disponíveis nas redes sociais (WhatsApp, Facebook e Instagram) para divulgação e comercialização de produtos” (carga-horária: 6h), “Recursos digitais gratuitos para elaboração de posts para divulgação de produtos” (carga-horária: 3h), “Elaboração da plataforma de gestão, controle e comercialização de produtos rurais” (carga-horária: 6h), e “Utilização e gerenciamento da plataforma” (carga-horária: 9h) (trecho do RCLE, na íntegra no apêndice 1).*

Entretanto, ao manter contato com a cooperativa, após a adesão dos participantes ao projeto e o acompanhamento das atividades realizadas pelo grupo em termos de divulgação e comercialização, observamos que algumas das propostas não provocavam tanto interesse em parte dos participantes e, possivelmente, não agregariam e/ou não trariam retorno a eles em termos de vendas.

Isso porque o público-alvo, clientes da cooperativa, adquiria os produtos presencialmente nos pontos de vendas. Assim, não fazia sentido criar e ensinar aos participantes como manusear e gerenciar uma plataforma de vendas se os clientes não comprariam por meio dela. Descartamos essa proposta e centramos foco em aprimorar aquilo que já vinha sendo realizado, ou seja, a divulgação dos produtos em redes sociais, para que um maior público pudesse conhecer a cooperativa e o trabalho desenvolvido por ela. Isso certamente poderia potencializar o número de vendas.

### 3.7.1 Plantando as sementes no desenvolvimento das oficinas de letramento

A sistematização das ações foi realizada por meio da proposição de um curso de extensão, intitulado “*E-commerce* na zona rural”, cadastrado no Sistema Integrado de Gestão de Eventos (SIGEventos) da Universidade Federal do Rio Grande no Norte e aprovado sob o código CR263-2023, como meio de registro e emissão de certificados de participação para os

cooperados envolvidos, legitimando os conhecimentos adquiridos e compartilhados ao longo da experiência.

Para conseguirmos a participação dos cooperados, essa ação foi divulgada por meio de um cartaz elaborado para tal fim (figura 5), fixado no mural do STTR de Acari-RN (figura 6) e compartilhado por meio das redes sociais, tanto por parte da pesquisadora, quanto pelo presidente da COMFA (figura 7).

Figura 5 – Cartaz de divulgação do curso de extensão



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Figura 6 – Cartaz fixado no mural do STTR de Acari/RN



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Figura 7 – Cartaz de divulgação postado em redes sociais



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Com uma carga horária total de 30h, esses eventos ocorreram na sede do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Acari-RN e tiveram como público alvo os(as) agricultores(as) vinculados(as) à Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências (COMFA). Dos(as) 16 cooperados(as) que assinaram o RCLE e responderam aos questionários e entrevistas iniciais, 8 participaram da ação (figura 8).

Figura 8 – Participantes do curso de extensão



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Essa ação formativa teve como objetivo ampliar e aprimorar os usos de recursos digitais e de ferramentas disponíveis nas redes sociais, já existentes, da cooperativa, além de discutir questões voltadas para comercializações em meio eletrônico. Destacam-se, ainda, outros objetivos a serem contemplados, indiretamente, a partir dessa proposta, vinculados ao desenvolvimento sustentável, são eles: Fome zero e agricultura sustentável, Educação de qualidade e Trabalho decente e crescimento econômico.

### **3.8 *Corpus* da pesquisa e procedimentos de análise**

O *corpus* de análise foi constituído por respostas dos participantes da pesquisa às entrevistas semiestruturadas, aos questionários e as rodas de conversas, incluindo os *prints* de conversas relacionadas à comercialização de produtos rurais por meio de mensagens instantâneas, via *WhatsApp* e *Instagram*. Além disso, compõe também o *corpus* as publicações relacionadas à divulgação de produtos rurais nas contas em redes sociais, tanto da cooperativa, quanto de cooperados, assim como as anotações manuais (e digitais) dos participantes e da pesquisadora realizadas com foco no gerenciamento e controle dos produtos e materiais gerados a partir das oficinas de intervenção.

Como recurso de análise, foram feitas a triangulação de dados (Denzin; Lincoln, 2006), na tentativa de assegurar uma compreensão mais profunda acerca do objeto de estudo e considerando a natureza heterogênea do processo de geração de dados (os diferentes sujeitos e momentos do tempo – antes, durante e após as intervenções) e, como consequência, dos materiais gerados e coletados.

Para tanto, tomando como base as questões e objetivos de pesquisa, adotamos as seguintes categorias: as **práticas de letramento**, o **conjunto de dificuldades** apresentadas pelos participantes antes do percurso interventivo, inclusive a **proposta e a aplicação da intervenção**, observando os **impactos gerados** em termos de ampliação e aprimoramentos dos usos de ferramentas digitais com foco na divulgação e comercialização de produtos rurais pelos agricultores envolvidos.

As referidas categorias de análise são decorrentes de esferas de natureza teórica, a exemplo das categorias propostas por Hamilton (2000), acerca das práticas e eventos de letramento, bem como de ordem metodológica, o que inclui etapas de investigações de cunho interventivo, as quais compreendem: identificação de dificuldades, proposição e aplicação de intervenção, como também os impactos gerados por essas ações em termos de melhoria da atuação dos agricultores em suas práticas de letramentos em ambientes virtuais.

### **3.9 Aspectos éticos da pesquisa**

A pesquisa foi aceita para realização em 03 de agosto de 2022 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CEP/UFRN) sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de número 59703122.4.0000.5537.

Para tanto, 11 documentos foram submetidos e apreciados pelos integrantes do referido órgão, dentre eles: a Declaração de não início de pesquisa, o Termo de Confidencialidade, o Termo de autorização de utilização de voz e imagem, os Instrumentos de pesquisa (detalhamento das entrevistas, questionários e oficinas) e o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nesses documentos, assinados pela pesquisadora responsável, instituições e participantes envolvidos, explicita-se a adesão espontânea dos sujeitos, o consentimento informado, o direito à privacidade, ao sigilo, bem como a fidelidade dos dados conforme as orientações da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde (Brasil, 2016) que trata da pesquisa envolvendo seres humanos e dos pressupostos de Kleiman (2002) e Bogdan e Biklen (1994).

Esses autores, por exemplo, destacam que a assinatura do participante aposta no formulário, nesse caso no RCLE, é uma prova não somente da adesão voluntária ao projeto de investigação, mas também da ciência de sua natureza e dos possíveis riscos nele envolvidos (Bogdan; Biklen, 1994).

Nesse processo, assegura-se, ainda, a proteção das fontes. Na análise dos dados, portanto, para preservação da identidade dos participantes, utilizamos tarjas e distorções para proteção de suas imagens e as siglas AC01, AC02 etc. referentes à Agricultor(a) Cooperado(a) 01, 02, com base na ordem de realização das entrevistas e aplicação dos questionários, para denominá-los no decorrer deste trabalho.

## **4 FORTALECENDO O PLANTIO COM REFERENCIAIS**

Após arar e plantar (e antes de colher), é necessário adubar. Por isso, no solo desta seção, inserimos adubos e fertilizantes (as referências básicas e complementares), que têm como objetivo fornecer os nutrientes que fortalecerão o plantio (a pesquisa), possibilitando as condições ideais para o seu desenvolvimento/crescimento.

Assim, os aportes teóricos apresentam, inicialmente, uma contextualização geral acerca dos estudos de Letramento como práticas sociais. Em seguida, discutem essas práticas em espaços laborais e no domínio digital, além de contemplar, criticamente, discussões referentes às relações de trocas de saberes entre acadêmicos/extensionistas e camponeses em espaços rurais.

### **4.1 Estudos do letramento**

Na agricultura, para colhermos bons frutos, como temos observado, é necessária a realização de algumas atividades, dentre elas, a de selecionar boas sementes; distinguindo, nesse processo, por exemplo, quais germinam melhor em determinados solos e quais devem ser descartadas. Nos estudos do letramento, acontece um processo análogo. Ou seja, faz-se necessário, compreender e distinguir esse constructo do termo alfabetização, principalmente no e para o desenvolvimento de pesquisas voltadas para as práticas de uso da leitura e escrita em ambiências não atreladas direta ou indiretamente ao espaço escolar.

Os estudos que discutem esse fenômeno surgiram pela primeira vez nos Estados Unidos e em países da Europa, após a Segunda Guerra Mundial (Descardec, 1997), como exemplo podemos citar Heath (1983), Street (1984; 1995) e Barton (1991). No Brasil, segundo Mortatti (2004), essas discussões iniciaram na década de 1980. Nelas, o termo letramento foi utilizado expressivamente como sinônimo de alfabetização. Entretanto, com os estudos e pesquisas implementados por Kleiman (1995), Soares (2001), Mortatti (2004) e Tfouni (2004) houve um redimensionamento do termo. Nesse sentido, a alfabetização passou a ser entendida como o domínio das ações de ler e escrever, enquanto que o letramento foi concebido como o uso da tecnologia da escrita em situações reais com vistas a atender às demandas sociais cotidianas.

Sendo assim, para Kleiman (1995) o letramento se refere a um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, tanto como sistema simbólico, quanto como tecnologia, em contextos específicos, para alcançar objetivos também específicos.

Para Soares (2001), a alfabetização configura-se como a ação de alfabetizar, ou seja, de desenvolver no indivíduo as habilidades de ler e escrever, enquanto o letramento compreende o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas que exerce práticas sociais que usam essas habilidades, crítica e conscientemente.

Ainda no bojo dessas discussões, nesse processo de diferenciação, Kleiman (2005), em seu livro “Preciso ‘ensinar’ o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?”, enfatiza o que é e o que não é esse fenômeno. Destaca, para tanto, que ele não é um método relacionado à alfabetização ou uma simples habilidade, trata-se de um conceito criado para referir-se aos usos da língua desenvolvidos não somente no espaço escolar, mas em todos os lugares.

Para Rojo (2009, p. 98), o termo “busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos”. Esse caráter social, presente nas mais diversas práticas letradas, já havia sido destacado por Street (1984). Isso porque essas práticas são permeadas por questões políticas, de relações de poder e de identidade.

O letramento, nessa conjuntura, diz respeito a todas as práticas de leitura e escrita, tanto dominantes, quanto vernaculares<sup>9</sup> que são desenvolvidas nas mais diversas esferas sociais, permeando os nossos usos diários, não somente em ambiente educacional, mas também em âmbito familiar, religioso, laboral etc., inclusive por indivíduos não alfabetizados que interagem recorrentemente como outros pares e, direta e indiretamente, com os mais variados textos.

Assim, toda e qualquer pessoa, a depender da situação comunicativa, pode ser um agente de letramento. Esse conceito, segundo Kleiman (2005), refere-se àquele que, por meio de sua liderança, articula o desenvolvimento de práticas e atividades que são socialmente relevantes para os sujeitos envolvidos nos eventos de letramento. Para exemplificar esse conceito, a autora cita que não adianta ensinar a uma mulher como amamentar uma criança se ela não tem um bebê em casa; da mesma forma que não adianta ensinar uma nova técnica de ordenhar uma cabra a um pecuarista que só trabalha com bovinos para o abate.

Um agente de letramento, portanto, “é um mobilizador dos sistemas de conhecimento pertinentes, dos recursos, das capacidades dos membros da comunidade” (Kleiman, 2006, p. 83); por meio da leitura e escrita, em um grupo de pessoas, fomenta discussões, contribui no desenvolvimento e ampliação de conhecimentos (tanto dele mesmo quanto do próximo), ensina

---

<sup>9</sup> Os estudos de letramento ampliam as discussões dessas práticas e reafirmam a importância social que elas têm ao tomar como objetos de pesquisa tanto os letramentos dominantes (valorizados), relacionados à cultura letrada (vinculados a instituições como a escola, igrejas, empresas etc.), quanto os vernaculares, que por terem suas origens na vida cotidiana e em culturas locais, são frequentemente desvalorizados (Hamilton, 2000).

como realizar ou melhorar determinadas atividades que apresentam funções reais na vida do outro, entre tantas outras possibilidades. É por isso que ele

não precisa saber tudo sobre a língua escrita, sobre as linguagens não-verbais, sobre as novas práticas sociais emergentes, [...] ao se engajar em práticas de letramento, estará engajado numa atividade colaborativa em que todos têm algo com que contribuir e todos têm algo a aprender (Kleiman, 2005, p. 53)

Essas situações supracitadas se configuram como práticas de letramento (Street, 1984; Barton, 1991), ou seja, como modos e/ou modelos culturais nos quais utilizamos o letramento em determinadas situações.

Para Kleiman (2005, p. 12), eles compreendem um “conjunto de atividades envolvendo a língua escrita para alcançar um determinado objetivo numa determinada situação, associadas aos saberes, às tecnologias e às competências necessárias para sua realização”.

São ações sociais situadas que, em seus desenvolvimentos efetivos, demandam o uso da leitura e da escrita. Devido a esse caráter situado, apresentam características muitas vezes específicas da cultura, localização geográfica e classe social às quais estão vinculadas.

Em síntese, são por meio de agentes, nas e a partir das agências de letramento, ou seja, de ambientes, sejam eles físicos ou não, que são realizadas essas práticas, através dos eventos de letramento.

Esses eventos correspondem a qualquer situação em que a escrita e seus processos de interpretação estão integrados em interações participantes (Heath, 1983) e incluem atividades nas quais os envolvidos mobilizam seus diferentes saberes. Hamilton (2000), nessa conjuntura, propõe um quadro (quadro 2) no qual apresenta esses e outros elementos que constituem tanto os eventos, quanto as práticas de letramento.

Quadro 2 – Elementos constituintes dos eventos e práticas de letramento

<b>Elementos visíveis nos eventos de letramento</b>	<b>Constituintes não visíveis das práticas de letramento</b>
<b>Participantes:</b> pessoas que podem ser vistas interagindo com textos escritos.	<b>Participantes ocultos:</b> outras pessoas ou grupos de pessoas envolvidas em relações sociais de produção.
<b>Ambientes:</b> circunstâncias físicas imediatas nas quais a interação ocorre.	<b>O domínio</b> de práticas dentro das quais o evento acontece, considerando seu sentido e propósitos sociais.
<b>Artefatos:</b> ferramentas materiais e acessórios envolvidos na interação (incluindo os textos).	Todos os outros recursos trazidos para a prática de letramento, incluindo valores não materiais, compreensões, modos de pensar, sentimentos, habilidades e conhecimentos.

<b>Atividades:</b> ações realizadas pelos participantes no evento de letramento.	Rotinas estruturadas e trajetos que facilitam ou regulam ações: regras de apropriação e legibilidade, quem pode ou não se engajar em atividades particulares.
--	---

Fonte: Hamilton (2000, p. 17).

Esses elementos têm sido utilizados como categorias de análise, em pesquisas inseridas nos Estudos do Letramento, apoiando as análises dos dados gerados. Entre esses estudos, cabe destacar aqueles que apresentam e analisam as práticas e eventos de letramento desenvolvidas em atividades de trabalho como, por exemplo, a tese de Paz (2008) e, sob sua orientação, as dissertações de Costa (2012), Costa (2016), Medeiros (2016), Silva (2013), Silva (2021), dentre outras.

Os referidos trabalhos destacam como eventos (e suas práticas) de letramentos realizados nos mais diversos domínios, podem ser analisados, desde uma aula, ministrada tanto de forma presencial quanto remota, na qual o professor solicita a escrita de um texto, até às comunicações estabelecidas entre um Agente Comunitário de Saúde junto às famílias nas quais desenvolve suas atividades laborais (Silva, 2013).

No caso da aula, destaca-se a utilização não somente de práticas de letramento realizadas por meio de materiais impressos, mas também de outros recursos e habilidades necessárias para a efetivação desse evento de letramento, quando realizado em plataformas como o *Google Meet* e o *Zoom*, tal como aconteceu no ensino remoto emergencial, adotado pelas instituições de ensino durante a pandemia.

Nesse cenário, foi necessário alterar a rota. Ao invés de o aluno sair de sua casa e fazer o trajeto presencial até à escola, sentar em uma cadeira e aguardar o professor instigar/solicitar alguma discussão/atividade, ele precisou manusear equipamentos digitais em sua residência para, sincronicamente, entrar em contato com o docente de forma remota.

No desenvolvimento de outras atividades laborais que ocorriam de forma predominantemente presenciais, a exemplo de interações sociais estabelecidas em lojas de vestuário, em feiras livres e em outros locais, o processo de interação também foi semelhante, o que fez com que novos usos de canais digitais surgissem.

Observa-se, assim, que com o avanço cada vez mais rápido da internet, dos recursos disponíveis e com as novas demandas sociais, em meio digital, para divulgação e trocas de informações/conhecimentos, esses usos foram ampliados e solicitados com mais recorrência.

Relacionado a isso, Kumaravadivelu (2006, p. 131) destaca que “o traço mais distintivo da fase atual da globalização é a comunicação eletrônica, a internet. Ela se tornou o motor

principal, que está dirigindo os imperativos da economia, assim como as identidades culturais/linguísticas”.

Essas novas práticas de leitura e escrita para construção e socialização do conhecimento, permeadas muitas vezes por dispositivos tecnológicos, demandam o contato com alguns letramentos, discutidos nas subseções a seguir.

## 4.2 Multiletramentos e letramento digital

A globalização caracterizada, dentre outras maneiras, como sendo o estágio mais proeminente da internacionalização (Santos, 2013), trouxe mudanças na vida em sociedade, em todos os domínios, tanto no âmbito pessoal, quanto no profissional. Para Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), essas mudanças são influenciadas e influenciam na cultura e nos modos e meios de comunicação.

Nesse cenário, os sujeitos estão constantemente em contato não somente com múltiplas práticas de letramento, mas com o fenômeno denominado multiletramentos. Isso porque há, na atualidade, principalmente a partir do advento do meio técnico-científico-informacional, uma possibilidade muito maior de acesso a múltiplas linguagens e diferentes culturas.

Rojo e Moura (2019) definem os multiletramentos como um conceito bifronte, ou seja, ele aponta tanto para a diversidade cultural de populações em êxodo, quanto para a diversidade de linguagens presentes nos textos contemporâneos. Nesse sentido, o sujeito lê, produz e discute textos que, por serem multissemióticos, se caracterizam pela utilização de novas ferramentas para além do papel, do lápis e da caneta (Rojo; Moura, 2012); pondo, em sinergia, por exemplo, imagens, sons e cores, por meio de recursos de edição e diagramação.

As experiências vivenciadas socialmente, desse modo, passam a exigir:

[...] cada vez mais que as pessoas negociem as diferentes formas de uso da linguagem em seus lares, em seus trabalhos e em suas vidas comunitárias, uma vez que não existe apenas um único conjunto de regras sobre como usar a língua (a ideia tradicional de “letramento”, no singular), mas sim muitos tipos diferentes de uso da língua em contextos também distintos (Kalantzis, Cope, Pinheiro, 2020, p. 54).

Entre esses letramentos, no plural, está o letramento digital, o qual compreende um conceito amplo e bastante discutido, principalmente na atualidade com o avanço cada vez mais rápido do uso das TDIC através de aparelhos (computadores, *tablets*, *smartphones*) conectados à internet, o que fez com que ele passasse a se configurar como “uma demanda social e não uma mera ‘opção’ colocada para os indivíduos” (Braga, 2013, p. 40).

A partir de 2020, com a pandemia do COVID-19 e as medidas de afastamento social, os usos e as discussões acerca dos dispositivos digitais ampliaram-se significativamente, haja vista que as interações sociais passaram a efetivar-se através desses artefatos. Isso fez e faz com que, hoje, seja quase impossível ignorar a existência desses recursos, que são utilizados com mais facilidade e frequência por uns, do que por outros, a depender da possibilidade de seu acesso.

Isso porque, essas novas práticas, muitas vezes nunca antes realizadas, em ambientes virtuais, fizeram e fazem com que os indivíduos mobilizem determinadas habilidades para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido no âmbito cada vez mais crescente dos canais de comunicação no domínio digital (Dudeney; Hockly; Pregum, 2016).

Esse tipo de letramento refere-se, assim, à utilização de forma eficiente dos recursos e das ferramentas digitais disponíveis através da internet e da *Web 2.0*, no desenvolvimento das mais diversas relações sociais, para interação, comunicação, lazer e trocas de conhecimentos.

Envolve uma nova forma de linguagem, levando em consideração que exige, primeiramente, o conhecimento instrumental das ferramentas e funções das máquinas digitais (*hardwares*), como, por exemplo, ligar o dispositivo, utilizar comandos no teclado para realizar ações, como o “Ctrl + c” e “Ctrl + v” para copiar e colar um texto ou imagem, como também os múltiplos recursos nelas disponíveis (*softwares*), que envolvem variadas funções. Ou seja, “as pessoas precisam aprender várias ações, que vão desde gestos e o uso de periféricos da máquina até a leitura dos gêneros de texto mais sofisticados que são publicados em ambientes on-line e expostos pelo monitor” (Ribeiro, 2009, p. 33).

Por se configurar como um espaço repleto de ferramentas, como os documentos e planilhas em *Word*, imagens, *sites*, *links*, *hiperlinks*, mensagens instantâneas em aplicativos, dentre tantos gêneros emergentes em suportes digitais, e por ser relativamente recente o uso significativo dessas funções, os estudos acerca dos ambientes digitais podem apresentar formas bastante gerais e amplas, por isso necessitam de recortes teóricos e subcategorias.

No Brasil, alguns estudiosos como Ribeiro (2009; 2018; 2021a; 2021b), Coscarelli; Ribeiro (2005), Buzato (2006; 2007), Rojo (2009; 2013), Rojo; Moura (2012; 2019), Xavier (2007), dentre outros, se dedicaram e muitos continuam se dedicando a questões que permeiam a linguagem e seus usos através das tecnologias digitais, principalmente no âmbito educacional.

Buzato (2006, p. 16), por exemplo, estabelece que essas práticas compreendem um conjunto

de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, entrelaçam e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em

contextos socioculturais geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente.

Para Coscarelli e Ribeiro (2005, p. 09), letramento digital, é o nome que se dá “à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)”.

A partir dessas conceituações, observamos que o acesso e a interação impulsionados pelo letramento digital transpõem barreiras físicas e geográficas na medida em que, por exemplo, conecta pessoas de diferentes lugares e utiliza, inclusive, diferentes línguas (principalmente o inglês) para o manuseio dessas ferramentas.

Foi a tecno-informação por meio de avanços tecnológicos [...] que possibilitou um mundo mais veloz, de discursos que atravessam o globo em um piscar de olhos no chamado tempo real, que mudam a economia na tecla do computador, que nos aproximam de forma surpreendente, que nos possibilitam ser e ver outros virtualmente como também “conversar” com pessoas que nunca vamos ver [...] (Moita Lopes, 2006, p. 91).

Isso requer desses indivíduos a sistematização de diferentes saberes, levando em consideração a multiplicidade de linguagens, incluindo as imagens, vídeos, cores e fontes presentes nos mais diversos formatos de textos na contemporaneidade (Rojo; Moura, 2019).

Utilizar, nesse sentido, essas possibilidades socialmente disponíveis “pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital” (Xavier, 2007, p. 02).

Comparemos, por exemplo, a ação de realizar a escrita de um texto em um caderno à realização dessa mesma atividade em um *notebook*; enquanto esta demanda além da alfabetização, a ação de ligar o dispositivo, desbloquear a tela por meio de senhas, na maioria das vezes, o acesso à um recurso digital como o *Word*, *Google Docs*, a utilização do teclado de digitação, das ferramentas de formatação (fonte, tamanho, alinhamento etc.), além da ação de salvar o arquivo ao final; no caderno, é necessário apenas, além do conhecimento linguístico-textual desenvolvido a partir do processo de alfabetização, o uso de caneta e das funções físico-motoras.

Assim, diante das infinitas possibilidades disponibilizadas na internet, torna-se difícil mensurar “quem pode” ser considerado letrado digital e “quem não pode”, tendo em vista que atualizações em *softwares* acontecem constantemente, mudando os *layouts* e caminhos virtuais de *sites*, potencializando possíveis dificuldades a quem os manuseia.

Isso pode se configurar como uma problemática na medida em que pessoas que já tinham dificuldades de realizar determinadas tarefas mediante o uso de caneta e papéis, passaram, em muitos casos, obrigatoriamente, durante a pandemia, a ter de utilizar as TDIC para variados fins. No âmbito educacional, Ribeiro (2021a) destaca as desigualdades sociais e econômicas que se adensaram no trabalho desenvolvido remotamente, pondo a nu as ideias que mal foram digeridas em várias décadas, sobre cultura digital, letramentos e natividades digitais.

Essa situação também se refletiu em outras profissões nas mais diversas áreas da atividade humana. Esse “grupo de pessoas que mal tivera acesso ao letramento no impresso passou a ser duplamente excluído, já que as possibilidades tecnológicas aumentam, mas as respostas sociais e políticas não acontecem no mesmo ritmo” (Ribeiro, 2009, p. 16).

É necessário, portanto, que profissionais e trabalhadores autônomos que se enquadram nesse perfil, com poucas habilidades e experiências com o uso de recursos digitais, assim como o acesso limitado à internet, tenham a possibilidade de construir habilidades e ampliar seus usos, em ambientes digitais, no/para o cotidiano de trabalho, formal ou informal, haja vista as contribuições que esses letramentos podem trazer para efetivação de suas atividades laborais, inclusive para aqueles que utilizam, predominantemente, a mão de obra braçal, como é o caso dos agricultores familiares.

### **4.3 Letramento laboral do agricultor familiar**

Para além dos muros das instituições escolares, os usos dos letramentos são extremamente heterogêneos e variam segundo a relação dos participantes envolvidos na situação comunicativa, os seus objetivos e intenções, assim como a instituição em que interagem e com as quais interagem (Kleiman, 2005).

Por exemplo, como alguém que não tem acesso, minimamente, a um celular ou *notebook* conectado à internet consegue elaborar proficientemente um exemplar do gênero e-mail? Se esse gênero não faz parte de seus usos cotidianos e se o indivíduo não necessitar fazer uso dele, em algum momento de sua vida, haverá uma grande probabilidade de sequer saber de sua existência, mesmo tendo esse conhecimento restrito apenas à uma conta criada em serviços para tais fins (*Gmail*, *Hotmail*, entre outros), ao instalar uma rede social ou aplicativo que necessita de endereço eletrônico para *login*.

Ou seja, os sujeitos elaboram variados gêneros com propósitos comunicativos também variados com base nas experiências e demandas enfrentadas diariamente nas interações sociais. Outros exemplos podem ser citados, como: escrever um recado em um *post-it* e fixá-lo em uma

geladeira na residência familiar ou compartilhar a mesma informação por aplicativos de mensagens instantâneas (*WhatsApp, Telegram*) e/ou redes sociais (*Instagram, Facebook*) tanto para um amigo, quanto para outro indivíduo com o qual tenham algum grau de parentesco.

Em atividades de trabalho, segue-se a mesma perspectiva, haja vista que as demandas solicitam esses e outros tantos gêneros como a elaboração de um currículo *vitae*, a escrita de um relatório ou o preenchimento de planilhas para compartilhar com colegas e supervisores.

Corroborando, Oliveira (2010) destaca que o uso de determinados textos vai depender dos papéis que os sujeitos exercem e do que eles necessitam fazer por meio desses artefatos em determinadas situações, no contexto imediato no qual estão inseridos. Percebemos, desse modo, que os gêneros estão presentes em todos os domínios da atividade humana, inclusive, em âmbito laboral.

Paz (2008, p. 42), diante desse cenário, afirma que “ao focalizarmos o letramento no local de trabalho, estamos concebendo-o não apenas como um fenômeno situado, mas também como um fenômeno múltiplo, visto que sua efetivação é motivada pelos inúmeros usos da leitura e da escrita”.

Para ilustrar o exposto, a autora cita algumas práticas de letramento realizadas em diversos seguimentos no campo do trabalho humano como, por exemplo, ler e preencher formulários, realizar anotações, elaborar projetos, atividades e relatórios, construir e corrigir atividades escritas, ler e divulgar comunicados, dentre tantas outras.

Observamos, a partir desse mesmo trabalho, que a realização de práticas letradas se faz presente no desenvolvimento do trabalho de profissionais da área saúde, conhecida, muitas vezes, por atividades que não evidenciam o uso da leitura e da escrita, como a realização de curativos e aplicação de medicamentos.

No cotidiano de trabalho de agricultores familiares não é diferente, para além da mão de obra utilizada na produção agrícola, realizada braçalmente, com o auxílio de tratores, irrigadores comuns dentre outras ferramentas, realizam-se também, através de ações que envolvem letramentos não dominantes/vernaculares (Hamilton, 2000), anotações referentes aos gastos com insumos, pedidos de adubos e sementes em estabelecimentos comerciais específicos, leitura de notas fiscais e, até mesmo, interações com clientes e fornecedores por meio de mensagens escritas e ligações telefônicas.

Essas práticas de letramento, quando realizadas em e com recursos digitais, para atender a demandas laborais, podem trazer inúmeras contribuições. Como exemplo disso, podemos citar a produção do gênero anotação ou registro de compras feitos e salvos em nuvens, procedimento que minimiza o risco de perda de informações provocadas pelo manuseio ou por

contato desses documentos com superfícies molhadas, o que pode ocorrer com as produções manuscritas ou impressas.

Outro benefício são as transações bancárias, por meio de aplicativos, que trazem uma maior segurança para aqueles que lidam com recursos financeiros, mais precisamente com valores relativamente altos, tanto para realizar pagamentos quanto para recebê-los, sem necessitar se deslocar de sua propriedade rural, ou de ficar exposto a furtos e roubos.

Ou seja, as conversas e os acordos que envolvem o processo de comercialização (compra e venda de produtos), antes realizadas apenas presencialmente, atualmente, podem ser efetivadas, por exemplo, através de mensagens instantâneas via redes sociais; da mesma forma acontece com as questões financeiras, haja vista que antes os pagamentos eram realizados, na maioria dos casos, através de cheques, depósitos e de dinheiro em espécie, sendo necessário o contato físico/presencial. Nos dias atuais, essas transações podem ser concluídas também por meio da internet a partir do preenchimento de dados e senhas em aplicativos bancários ou de *links* de pagamento, enviados diretamente ao cliente/consumidor, que poderá pagá-lo através de cartões de crédito e pix.

Por meio de práticas digitais, muitos gêneros que outrora se estabeleciam em interações presenciais ou face a face passaram a dar lugar aos que podem ser veiculados virtualmente pelos ambientes digitais. Ilustrando isso, Marcuschi (2005) apresenta no quadro a seguir exemplos dessas ocorrências:

Quadro 3 – Gêneros fora dos/em ambientes digitais

<b>Gêneros emergentes</b>	<b>Gêneros já existentes</b>
E-mail	Carta pessoal, bilhete
<i>Chat</i> em aberto	Conversações (em grupos abertos)
<i>Chat</i> reservado	Conversações duais (casuais)
<i>Chat ICQ</i> (agendado)	Encontros pessoais (agendados)
<i>Chat</i> em salas privadas	Conversações (fechadas)
Videoconferência interativa	Reunião em grupo, debate
Endereço eletrônico	Endereço postal

Fonte: Adaptado de Marcuschi (2005, p. 31).

Esses novos usos, mesmo refletindo antigas práticas presentes no cotidiano de grande parte da população, “requerem do indivíduo novas habilidades e estratégias para se adaptar e adquirir os letramentos que emergem” (Oliveira, 2010, p. 333). Isso acontece porque a realização dessas atividades em suportes digitais demanda letramentos específicos, levando-se em conta a multiplicidade de linguagens por eles veiculadas.

Recentemente, com o avanço do *e-commerce*, com as muitas informações compartilhadas e a variedade de produtos ofertados, observa-se a presença e influência de cores, fontes de textos, vídeos, sons e imagens utilizadas em *posts* em redes sociais e em *sites* para divulgação de mercadorias na tentativa, inclusive, de diferenciar seu produto dos demais.

No trabalho do agricultor familiar, apesar de já serem utilizadas ferramentas digitais no processo de divulgação e comercialização de produtos rurais em meio digital, esses usos ainda se configuram como limitados, em decorrência, em muitos casos, da falta de habilidades no manuseio de recursos, por exemplo, para produção de artefatos, como anúncios e cartazes.

Cabe destacar, nesse caso, que no desenvolvimento dessas e de outras atividades a mão de obra deve ser predominantemente familiar, implementadas pelos próprios membros da família, como destaca o trecho do decreto nº 9.064, de 31 de maio de 2017, que focaliza os aspectos característicos dessa categoria de trabalho:

- I - possuir, a qualquer título, área de até quatro módulos fiscais<sup>10</sup>;
- II - **utilizar, predominantemente, mão de obra familiar nas atividades econômicas do estabelecimento** ou do empreendimento; (Redação dada pelo Decreto nº 10.688, de 2021)
- III - auferir, no mínimo, metade da renda familiar de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; e
- IV - ser a gestão do estabelecimento ou do empreendimento estritamente familiar** (Brasil, 2017, p. 01, grifos nossos).

Diferentemente do que acontece com muitos empreendimentos do setor agropecuário que contam com parcerias de instituições e profissionais especializados, como *designs* e programadores, para a elaboração desse tipo de material para publicização ou para elaboração e manutenção de *sites* de vendas.

Assim, para ser considerado um(a) agricultor(a) familiar o trabalhador rural deve atender a esses critérios, não sendo necessário, porém, ter uma formação específica em termos profissionais em níveis técnicos ou superiores. Sendo assim, na maioria dos casos, o conhecimento desses sujeitos é construído através de práticas compartilhadas de geração para geração. Ou seja, os mais experientes vão orientando os mais jovens que começam, a princípio, auxiliando os pais em pequenas tarefas, antes mesmo de completarem a maioridade. Essa sistemática é corroborada por Pinto (1981) ao afirmar que o trabalho se configura como a primeira e a mais fundamental escola para camponeses e trabalhadores do campo.

Em comparação com o aprendizado sistematizado praticado na instituição escolar, os trabalhadores rurais têm a prática como fonte de aprendizado e não as teorias que perpassam

---

<sup>10</sup> No município de Acari-RN, um módulo fiscal equivale a 35ha (Landau *et al.*, 2012).

as grades curriculares dos cursos de graduação, como ocorre na formação profissional de outros indivíduos que necessitam de certificação capazes de lhe assegurar uma qualificação e, conseqüentemente, a possibilidade de concorrer a obtenção de um espaço no mercado de trabalho.

O caso dos trabalhadores rurais é diferente, haja vista que para exercer a sua atividade é necessário não somente observar as práticas e seguir as orientações dos mais experientes na lida rural. Em função disso, nem todos os trabalhadores rurais são alfabetizados ou considerados proficientes em práticas de leitura e de escrita.

Para melhor entender a sua dinâmica de atuação com foco em seus letramentos, faz-se necessário inserir-se em seus locais de trabalho para apreender suas especificidades, haja vista que não há da parte deles uma padronização em termos de práticas desenvolvidas. Nesse sentido, cabem alguns questionamentos, a exemplo de “Quais são as atividades que desenvolvem no trabalho rural?”, “Há ocorrência de registros escritos ou digitais em seu cotidiano laboral?”, “De que maneira costumam desenvolver esses registros?”, “Realiza-os com ou sem o auxílio de outras pessoas?”, dentre outras indagações, cujas respostas poderão oferecer informações que desvelem o caráter situado de seus letramentos.

Ou seja, para abordar o letramento nesse e em outros campos do trabalho, ainda pouco explorados, pelos Estudos da Linguagem, “implica pesquisar de que maneira os sujeitos lidam com as práticas da leitura e da escrita para efetivar as tarefas que lhes competem ao exercer uma atividade laboral” (Paz, 2008, p. 42), levando em consideração que se vinculam a necessidades específicas, em contextos situados.

É relevante, portanto, o estudo dessas práticas e seus usos, sob um viés crítico e emancipatório, tendo em vista que as pesquisas com os e/ou sobre os trabalhadores rurais são voltadas, por vezes, para suas atividades práticas quanto ao manejo de plantações, colheitas de lavouras e políticas de assistencialismo e extensão rural<sup>11</sup>, o que tem provado, em alguns casos, uma visão limitada das atividades que o agricultor desenvolve e/ou tem potencialidade de desenvolver, principalmente em termos de práticas de letramento (leitura e escrita), até mesmo em ambientes não digitais.

---

<sup>11</sup> É possível constatar essa informação por meio de revisão bibliográfica realizada em dissertações e teses publicadas em repositórios de instituições de ensino superior brasileiras, utilizando, por exemplo, as palavras chave: “agricultor familiar”, “agricultura familiar”, “atividades rurais” etc.

#### 4.4 Letramento crítico e comunicação na zona rural

Não é possível pensar em ensino (de qualquer tipo e modalidade – inclusive em atividades interventivas) e linguagem dissociando-os dos seus contextos de produção, do mundo social no qual o sujeito produtor está inserido, ignorando o poder e a ideologia presentes (Freire, 1995). Isso porque práticas que tenham como objetivo a emancipação e a libertação dos sujeitos em relação às classes dominantes, entendem que os conhecimentos e as habilidades referentes às práticas de ler, escrever e, mais recentemente, digitar, carregam em si o poder e a capacidade de promover transformações sociais.

Cabe destacar que a concepção de emancipação social adotada nesse trabalho é a proposta por Moita Lopes (2006, p. 95-96), a qual, segundo ele:

incorpora os diferentes grupos marginalizados (pela classe social, sexualidade, gênero, raça etc.), já que os fatores econômicos, culturais e políticos não podem ser separados, [...] não se trata de levar a verdade/conhecimento a esses grupos, mas de construir a compreensão da vida social com eles em suas expectativas e vozes, sem hierarquizá-los (Moita Lopes, 2006, p. 95-96).

Quanto mais o sujeito conhece determinadas práticas sociais de leitura e escrita, tanto em suportes para os impressos, quanto em ambientes digitais, e as dominam, mais tem a potencialidade de conquistar/ampliar seus espaços de circulação, assim como de emitir suas opiniões e reivindicar soluções para determinados problemas na comunidade em que residem e/ou trabalham, posicionando-se política, histórica e ideologicamente. Isso se torna uma forma de enfrentamento das diferenças e das desigualdades, fazendo com que a linguagem adquira um sentido positivo em favor daqueles que são constantemente silenciados (Kleiman; Santos-Marques; Leurquin, 2021).

Os agricultores familiares, diante desse cenário, na era globalizada em que estão inseridos, com comunicações em redes, movimentações bancárias e novos gêneros materializados no domínio digital, quando não têm acesso e/ou habilidades referentes ao manuseio dessas ferramentas, não somente de modo instrumental, mas também metodológico e crítico, poderão, em muitos casos, serem “engolidos” pelo maquinário do agronegócio e silenciados por profissionais que desconsideram suas vozes e conhecimentos de mundo, o que não é incomum.

No livro “Extensão ou Comunicação”, Paulo Freire (1983), ao tratar acerca da relação entre o técnico agrícola/agrônomo, chamado de extensionista<sup>12</sup>, e o camponês/agricultor, mostra que, muitas vezes, esse profissional ao adentrar em uma propriedade rural, com suas ações, técnicas e métodos advindos do meio acadêmico, quer anular o conhecimento que o agricultor tem acerca de suas práticas no campo.

Esse tipo de conduta/ação se faz presente também em salas de aula e em pesquisas interventivas, na relação professor-aluno (educador-educando) e pesquisador-pesquisados, respectivamente, pois são desconsiderados, nesse processo, o conhecimento prévio e as experiências daquele considerado que sabe menos academicamente, tornando a relação, entre ambos, vertical, ou seja, pautada na educação bancária, em que o conhecimento é tomado como algo que pode e deve ser transferido para aqueles desprovidos deste (Freire, 1987). Substitui-se, desse modo, um conhecimento por outro, sendo, na maioria das vezes, nesse caso, em específico, o do camponês, pelo do extensionista, como afirma Freire (1983, p. 14):

ao estabelecer suas relações permanentes com os camponeses, o objetivo fundamental do extensionista, no trabalho de extensão, é tentar fazer com que aqueles substituam seus “conhecimentos”, associados a sua ação sobre a realidade, por outros. E estes são os conhecimentos do extensionista.

Isso acontece porque, segundo Kleiman, Santos-Marques e Leurquin (2021, p. 23), em sociedades estratificadas em classes sociais, assim como a brasileira, “as relações de poder, além de determinar o que conta como conhecimento, determinam também quem pode ter acesso ao conhecimento”. As classes sociais dominantes, por exemplo, fazem com que, inclusive, a linguagem privilegiada na e pela escola, seja a destes e não a dos dominados (Freire; Guimarães, 2013), ou seja, os menos favorecidos economicamente.

Assim, os extensionistas, ao estenderem as suas técnicas para os que, do seu ponto de vista limitado, ainda não têm, considerados, assim, como folhas de papéis em branco, que serão preenchidas com os conhecimentos repassados, provocam um processo de silenciamento e um podamento (utilizando um termo do âmbito laboral rural) desses trabalhadores, fazendo com que não haja uma reflexão crítica sobre o/no desenvolvimento do seu trabalho, apenas uma reprodução mecanizada daquilo que foi transmitido e considerado “relevante/necessário” por aqueles que dizem saber.

---

<sup>12</sup> Freire (1983) cita que a utilização do termo extensionista é equivocada na medida em que a prática desenvolvida pelo agrônomo com o camponês configura-se como dialogal e libertadora, propõe, assim, o termo agrônomo-educador. Usa-se, portanto, ao longo desta seção, assim como propõe Freire, o termo extensionista para referir-se ao trabalho desenvolvido de forma tecnicista e não comunicacional e o de agrônomo-educador ao referir-se sobre as práticas de trabalho pautadas no diálogo, ou seja, libertadoras e críticas.

Neste tipo de relações estruturais, rígidas e verticais, não há lugar realmente para o diálogo. E é nestas relações rígidas e verticais que se vem constituindo historicamente a consciência camponesa, como consciência oprimida. Nenhuma experiência dialógica. Nenhuma experiência de participação. Em grande parte inseguros de si mesmos. Sem o direito de dizer sua palavra, e apenas com o dever de escutar e obedecer (Freire, 1983, p. 32).

Essa concepção de educação/ensino, segundo Freire (1983, p. 55), “que se baseia no depósito de informes nos educandos, constitui, no fundo, um obstáculo à transformação”. É necessário, assim, para que haja uma prática reflexiva, humanizadora, crítica e libertadora, comunicar e não estender (o conhecimento). É necessário ser um agrônomo-educador, um pesquisador-educador-reflexivo e não um extensionista (Freire, 1983), para que, assim, a partir do diálogo entre ambos, se pense e se fale com eles (alunos/educandos, agricultores, participantes de pesquisas etc.), e não somente sobre e para eles.

Freire (1983) propõe, nessa conjuntura, uma diferenciação entre “modernizar” e “desenvolver”. Isso porque, para ele, na modernização, “de caráter puramente mecânico, tecnicista, manipulador, o centro de decisão da mudança não se acha na área em transformação, mas fora dela. A estrutura que se transforma não é sujeito de sua transformação” (Freire, 1983, p. 38), ao passo que no desenvolvimento, “o ponto de decisão se encontra no ser que se transforma e seu processo não se verifica mecanicamente” (Freire, 1983, p. 38).

Soma-se, assim, à comunicação já citada, a necessidade de desenvolver para transformar e não modernizar. Ou seja, desenvolver uma atuação conjunta em busca do conhecimento e, conseqüentemente, da transformação da realidade na qual estão inseridos, havendo, para tanto, uma postura/participação ativa das duas partes (agrônomo-educador e agricultor; pesquisador e participante da pesquisa<sup>13</sup>), ou, no mínimo, co-participativa.

A construção do conhecimento, nesse sentido,

não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe. [...] pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer [...]. Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer (Freire, 1983, p. 16).

Desse modo, o agrônomo-educador/pesquisador não pode transformar o agricultor/participante de pesquisas em objeto, desconsiderando-o como sujeito histórico, político e social.

---

<sup>13</sup> Destaca-se que as discussões e reflexões realizadas acerca da relação entre agrônomo-educador e agricultor também se aplicam à relação do pesquisador com o pesquisado (nesse caso, agricultores participantes de pesquisas acadêmico-científicas).

Aquele educa este, ao passo que, nesse mesmo processo, educa-se. Na prática voltada para a liberdade, ambos aprendem, mesmo que ainda haja uma ideia equivocada de que há sujeitos que tudo e nada sabem. Ao contrário, a busca por novos conhecimentos deve-se fazer, segundo Freire (1983, p. 15), por aqueles que sabem que

pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.

Sob esse viés crítico, educar implica preparar educandos, agricultores e/ou participantes de pesquisas interventivas a pensarem de forma autônoma e ética, sem submeter-se, por exemplo, ao que dizem e/ou põem em circulação determinadas instituições, sem realizarem reflexões críticas, cegamente silenciados e manipulados (Kleiman; Santos-Marques, 2020).

Busca-se, “em diálogo com os camponeses, conhecer a realidade, para com eles, melhor transformá-la” (Freire, 1983, p. 58), ou seja, o trabalho desenvolvido interventivamente não dissocia das condições existenciais dos camponeses/agricultores, de seus conhecimentos prévios, visões culturais, crenças e necessidades (Freire, 1983). Parte daquilo que eles já sabem e também daquilo que não sabem, mas que querem saber, com base em suas necessidades, priorizando e potencializando a autonomia e criticidade deles.

Kleiman (2000) propõe, para tanto, em pesquisas e atividades que envolvem as práticas de leitura e escrita com fins sociais e, nesse caso, emancipatórios, a criação de uma comunidade de aprendizagem horizontal, um espaço colaborativo e, principalmente, cooperativo. Essas atividades compreendem os Projetos de Letramento, discutidos na subsubseção a seguir.

Nessa proposta, acima do barulho de opressores e motores (das máquinas dos grandes produtores do agronegócio), as vozes dos participantes são (e devem ser) ouvidas, pois importam, assim como o trabalho que desenvolvem.

#### 4.4.1 Projetos e oficinas de letramento

Cada vez mais está ganhando adeptos a ideia de que, durante o planejamento e elaboração de intervenções e pesquisas desenvolvidas em sala de aulas, no ensino de línguas, é necessário valorizar e levar em conta o conhecimento que os aprendizes já possuem, tomando por base ideais da educação com fins emancipatórios e reflexivos (Rajagopalan, 2006).

Os projetos de letramento, nesse sentido, destacam-se como um importante dispositivo metodológico utilizado em investigações desenvolvidas nessa área de estudos, em específico no âmbito da Linguística Aplicada, tendo em vista que compreende uma

prática social em que a escrita é utilizada para atingir algum outro fim, que vai além da mera aprendizagem da escrita (a aprendizagem dos aspectos formais apenas), transformando objetivos circulares como 'escrever para aprender a escrever' e 'ler para aprender a ler' em ler e escrever para compreender e aprender aquilo que for relevante para o desenvolvimento e realização do projeto (Kleiman, 2000, p. 238).

As ações desenvolvidas em projetos de letramento, desse modo, pautam-se em objetivos de ensino-aprendizagem situados, que têm como base as problemáticas e as necessidades de um grupo específico (Oliveira, 2008), que se envolvem em um processo de construção do conhecimento. Neles, todos são ensinantes e aprendentes, ignorando, assim, o binômio professor *versus* aluno<sup>14</sup> (Oliveira; Tinoco; Santos, 2014).

Dentre os diferentes aspectos que caracterizam essa proposta, destacam-se a rede de atividades empreendida e as distribuições de tarefas. Essa distribuição acontece porque

esse novo modo de gerar conhecimento, além de descentralizar a ação e redimensionar a função do professor e do aluno, salienta habilidades, saberes e competências de todos os agentes envolvidos na ação de ensinar e aprender, geralmente apagadas pelo monopólio da docência, legitimado institucionalmente (Oliveira; Tinoco; Santos, 2014, p. 55).

Ainda segundo as autoras, essas atividades têm a potencialidade também de agregar diferentes agentes sociais e informações processadas em sistemas multissemióticos, como a internet. Assim, ao observar e refletir acerca dos resultados a curto, médio e longo prazo, que o desenvolvimento dessa abordagem crítica (preocupada com a vida social dos envolvidos), pode trazer na comunidade em que há a sua proposição, entende-se que os pressupostos e as ideias que carregam esse tipo de trabalho devem ser levadas em consideração e serem desenvolvidas em todos os espaços, não somente em instituições escolares, até porque em sua proposta preconiza-se uma desterritorialização da aprendizagem.

Ou seja, há um entendimento de que apesar da sala de aula ser o ponto de partida e de chegada de ações formais de ensino-aprendizagem, não é o único ambiente no qual a

---

<sup>14</sup> Cabe destacar que as discussões realizadas acerca do papel e das atividades desenvolvidas pelas figuras do professor e dos alunos, em projetos de letramento, também se aplicam ao pesquisador e aos participantes de pesquisas em LA, independentemente do ambiente onde elas se desenvolvem, seja em salas de aula ou em comunidades rurais (tendo em vista que as práticas de letramento se desenvolvem em todos os espaços, não somente na escola), como é o caso da presente investigação.

aprendizagem acontece, nem onde ela se encerra, haja vista que outros espaços comunitários (família, igreja etc.) também são geradores de saber (Oliveira; Tinoco; Santos, 2014).

Nesse processo de aprendizagem por projetos, conforme as autoras, o indivíduo responde a uma necessidade vinculada a uma prática social, com o intuito de alcançar objetivos/resultados que lhe interessam. Assim, o professor, por exemplo, não focaliza apenas aspectos gramaticais, nas aulas de Língua Portuguesa. E, em comunidades rurais, o agrônomo-educador/pesquisador não aborda somente aspectos instrumentais, ensinando os métodos mais eficientes para gerar uma maior rentabilidade da e com a produção, ou apenas como publicar um *post* na e para a venda de seus produtos agropecuários.

Por apresentarem características específicas, tanto econômicas, quanto culturais e sociais, aqueles que moram em zonas rurais formam um setor da população que requer práticas educativas também específicas (Petty; Tombim; Vera, 1981).

É por isso que, nesse estudo, utilizamos como base teórico/metodológica, para o desenvolvimento das atividades interventivas, em formato de oficinas de letramento, os pressupostos dos projetos de letramento. Desse modo, o sujeito participante não é visto como um recipiente, no qual o pesquisador depositará informações, como se ele fosse o único dotado de conhecimentos. Ao contrário, ambos têm algo a aprender e a ensinar, de forma reflexiva e não mecanizada.

Essas oficinas, segundo Santos-Marques e Kleiman (2019, p. 25), se configuram como um “dispositivo didático em que se tem por objetivo desenvolver atividades práticas que envolvem usos da escrita”, inclusive, em suportes digitais. Em sua realização, são envolvidos diferentes letramentos, ou seja, diferentes usos sociais da leitura e escrita, através de textos não somente orais e escritos, mas, nesses casos, também digitados, o que faz com que tanto o agente de letramento quanto os participantes, mobilizem diferentes conhecimentos diante das estratégias metodológicas e dos recursos utilizados.

Na planificação dessas oficinas é necessário além de estabelecer um objetivo, ter clareza sobre os motivos pelos quais determinados gêneros foram selecionados para serem abordados (Santos-Marques; Kleiman, 2019), levando em consideração, inclusive, suas funções sociais na vida dos envolvidos nessas ações propostas.

É necessário, ainda, que o agente de letramento considere:

a mobilização de recursos e artefatos necessários para realizar a diversidade de práticas de leitura (silenciosa, oral, compartilhada, orientada — quando fazíamos questões norteadoras para facilitar a compreensão —, releitura, dramatização, declamação etc.); o uso de diferentes recursos midiáticos (CD, DVD, filmes, jogos digitais, música, aparelho de som, computador, tablet, livros impressos e digitais,

audiolivros, ferramentas de apresentação como prezi, slides etc.); o trabalho com as diferentes linguagens (gráficas, verbal, não verbal, musical, gestual etc.) e os diferentes gêneros discursivos materializados em textos [...] (Santos-Marques; Kleiman, 2019, p. 25).

Os envolvidos, nessas oficinas, desse modo, têm contato com diferentes textos em diferentes suportes que se relacionam com suas ações em sociedade, o que faz com que o compartilhamento de saberes se torne significativo.

## **5 TEMPO DE COLHER: AS ANÁLISES DOS DADOS**

Nessa seção, apresentamos os frutos que, com base nas condições de desenvolvimento do plantio da pesquisa, foram possíveis de serem colhidos. Para esse percurso, organizamos a análise em três subseções: a primeira trata das práticas de letramentos dos participantes da pesquisa realizadas para divulgação e comercialização de produtos rurais antes das intervenções. A segunda, por sua vez, contempla as dificuldades vivenciadas por eles no tocante ao uso desses ambientes digitais tanto para a produção de anúncios e cartazes com foco na publicização de suas mercadorias, quanto para a consolidação do processo de vendas por meio de aplicativos bancários. Por último, a terceira subseção focaliza as intervenções realizadas e seus respectivos impactos gerados para a minimização das dificuldades apontadas e para a ampliação e aprimoramentos dos seus usos em aplicativos e recursos digitais no tocante à divulgação e comercialização de seus produtos agrícola.

### **5.1 As práticas de letramento**

Ao tratarmos de práticas, iniciamos fazendo referência às práticas sociais. Estas são concebidas como formas de agir no mundo utilizadas pelos sujeitos. No contexto dessas práticas situam-se as práticas de letramento, as quais são aqui entendidas com base na perspectiva de Barton (1991) que as define como os modos culturais gerais de utilização dos letramentos produzidos pelas pessoas.

Assim como as práticas sociais, as práticas de letramento também são influenciadas por questões culturais, sócio-históricas e identitárias. Em vista disso, é comum, por exemplo, que algumas dessas práticas sejam mais recorrentes em determinadas comunidades do que em outras.

Complementando esse conceito, apresentamos a definição de Street (1995) que estabelece as práticas de letramento como comportamentos sociais e culturais que conferem sentido aos usos da leitura e da escrita.

Por sua vez, ao abordarmos os ambientes digitais precisamos situá-los a partir do que propõe a globalização. A esse respeito, Santos (2012) destaca que, na era em que estamos inseridos, o espaço torna-se fluido, o que permite que o trabalho, os produtos e o capital tenham grande mobilidade. Como consequência, as circunstâncias imediatas das interações sociais também são modificadas.

O autor destaca também que o meio geográfico atual inclui no território, obrigatoriamente, segundo ele, a tecnologia, ou seja, “o meio de vida do homem, seu entorno, não é mais o que, ainda há alguns decênios, geógrafos, sociólogos e historiadores chamaram de meio técnico” (Santos, 2013, p. 41).

Assim, no e para o desenvolvimento de práticas de letramento, ou seja, de interações entre diferentes sujeitos, com textos escritos, orais e digitalizados, entendemos como “ambientes”, não somente os espaços físicos nos quais ocorrem essas ações (Hamilton, 2000), mas também, nesse caso específico, o ambiente virtual, visto que é por meio dele que, atualmente, no domínio laboral, nas mais diversas plataformas, contratos são assinados, reuniões são realizadas, serviços são solicitados e implementados, dentre tantas outras demandas exigidas nas mais diversas atividades profissionais e laborais<sup>15</sup>.

Na presente pesquisa, os agricultores participantes realizam diversas práticas de letramento, especialmente, no tocante às suas atividades laborais de divulgação e comercialização de produtos rurais, as quais ocorriam inicialmente com maior recorrência no âmbito do espaço físico, por meio de práticas conhecidas popularmente como “boca a boca”, ou seja, através da verbalização oral junto às pessoas do seu entorno com vistas a oferecer seus produtos disponíveis à venda, comercializados tanto na feirinha da agricultura familiar, quanto em frente à sede da cooperativa no município de Acari-RN.

Nos tempos atuais, as práticas de letramento passaram a ocupar com mais ênfase o ambiente virtual, sobretudo após o período de afastamento social, ocasionado pela COVID-19. Como consequência, os agricultores optaram por fazer uso de dois tipos de ambientes virtuais: as redes sociais e os aplicativos bancários.

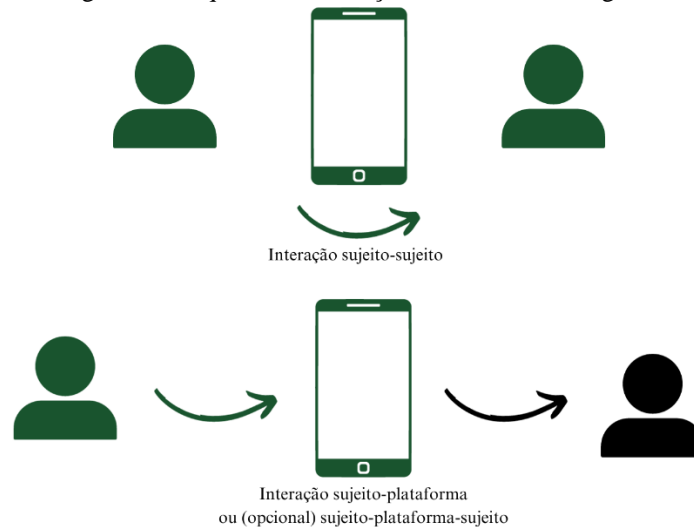
A interação, nos espaços virtuais, ocorre entre sujeitos, mediante conversas em *chats* e inserção de comentários (respostas) em *posts* de anúncios e cartazes. A interação entre sujeitos e plataforma, por sua vez, compreende o caso do uso de aplicativos bancários.

Neles, normalmente, a interação entre sujeitos ocorre somente após a finalização da transação bancária quando se compartilha o comprovante de pagamento com o vendedor ou prestador de serviços. Essas situações podem ser visualizadas no que propõe o esquema abaixo:

---

<sup>15</sup> Um profissional se configura como um sujeito que necessita participar de um processo de formação em uma instituição que o certifique como apto para o desenvolvimento de determinada atividade de trabalho. Nesse sentido, todas as atividades profissionais são laborais, mas nem todas as atividades laborais são profissionais, isso porque nem todas as ações desenvolvidas em espaços de trabalho solicitam a posse de um diploma. Como exemplo disso podemos citar as atividades de trabalho do agricultor familiar que, para o desenvolvimento de suas demandas laborais, não precisa necessariamente de formação técnica e/ou superior, diferentemente de outros profissionais, inclusive inseridos também no âmbito rural (zootecnistas, agrônomos, médicos veterinários e outros).

Figura 9 – Esquema de interações via ambientes digitais



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Na primeira parte do esquema, é possível observar a ocorrência da interação entre sujeitos, por intermédio do artefato digital (computador, *smartphone*, dentre outros dispositivos) (Hamilton, 2000). Na parte subsequente, tem-se a representação esquemática da interação correspondente ao contato sujeito/plataforma ou plataforma/sujeito.

Em relação às práticas de letramento, estas quando voltadas à divulgação e comercialização de produtos, ocorrem sob o formato de anúncios e cartazes, veiculados nas redes sociais, em três plataformas: *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*. No *WhatsApp*, essas práticas são realizadas a partir do uso das ferramentas de *status* e conversações privadas ou em grupos. No caso do *Instagram*, esses usos são implementados por meio de postagens no *feed* e no *story*. Para corroborar essas afirmações, apresentamos as vozes de alguns dos participantes da pesquisa:

*Tem os grupos da própria cooperativa... tem os grupos dos associados do sindicato também que a gente publica tudo... tem grupo do conselho de desenvolvimento rural e:: grupo de mulheres, todos esses grupos a gente publica (AC02).*

*Na maioria das vezes ((utiliza)) WhatsApp e Instagram [...] porque o Instagram se você quiser dar mídia tem que colocar no storys, se não for... o povo não olha mais não, o feed ninguém olha mais não, a curiosidade é de olhar:: se tá aquele bichinho vermelhinho pra saber o que que tem ali (AC03).*

*Às vezes eu mando no privado... as vezes em grupo ((de WhatsApp)) (AC04).*

*Geralmente quando eu faço, eu faço através de áudio ((no WhatsApp)), faço parte do grupo de desenvolvimento sustentável, do grupo dos associados e nesses grupos a gente divulga essas coisas também (AC09).*

Dentre as redes sociais disponíveis, a plataforma do *Facebook* tem o uso menos predominante entre os agricultores participantes desta pesquisa. Sobre essa escassa utilização, o AC11 justifica que isso ocorre em função do fato de a citada rede social ter baixo índice de alcance junto aos clientes em comparação às demais:

[...] acho que:: o alcance da plataforma é baixo... hoje em dia o *Instagram* tem tanta visibilidade / assim, se a gente for dividir pa muita conta aí termina não... não dando conta (AC11).

Outro aspecto que se deve levar em conta é que, segundo o AC11, não é possível fazer uso concomitante de várias contas em redes sociais, haja vista que elas têm diferentes formas de acesso ao usuário, como também de fornecer retorno aos clientes. Daí o fato de esses participantes fazerem opção pelo uso do *Instagram*, uma vez que ele oferece em seu próprio aplicativo a função do *chat*, por meio do *direct*. Diferentemente do *Facebook* que requer a instalação de aplicativo adicional por parte do usuário na perspectiva de estabelecer contatos com os seus interlocutores.

Mesmo diante das afirmações que ressaltam a preferência dos agricultores pelo *Instagram* para divulgação, o *WhatsApp* tem se consolidado, a nosso ver, como aplicativo que prepondera nas práticas de comercialização de produtos dos participantes, haja vista que ele se configura como o principal artefato articulador das práticas de letramento que integram suas atividades cotidianas.

Esse aplicativo possibilita a interação não somente entre agricultores e clientes, como também o seu contato com os demais cooperados na perspectiva de estabelecer uma organização interna, o que inclui a sistematização das vendas e encomendas de produtos, organização da distribuição e participação de agricultores em feiras e eventos, o compartilhamento de anúncios e cartazes de produtos a serem publicizados pelos integrantes do grupo de cooperados, além da socialização de outras informações de interesses próprios.

Nesses ambientes, as práticas de letramento se instauram na produção de textos, como em mensagens digitadas ou dispostas em áudio, em respostas aos questionamentos alusivos aos produtos e seus respectivos valores, contemplando, ainda, o envio de imagens de mercadorias disponíveis à venda.

Para realizar essas práticas de letramento são necessários aos usuários conhecimentos e habilidades que se relacionam ao desbloqueio da tela do celular, ao acesso à rede social escolhida, inclusive a diversas outras etapas subsequentes. É preciso, segundo Ribeiro (2009),

saber como usar o teclado, o mouse, dar dois cliques para abrir programas, um clique para acessar *links*, além de usar *logins* e senhas para acessar determinados recursos e ferramentas.

No caso de uma mensagem de texto via *WhatsApp*, seja para ler, seja para responder via internet, é necessário abrir um recurso e/ou aplicativo, clicar no grupo ou no contato/usuário desejado, digitar o texto no teclado do aparelho e, posteriormente, clicar na opção “enviar”.

Para compartilhar um *post*, por sua vez, quando se tem como objetivo divulgar uma informação específica, situada e personalizada, acerca de determinada instituição ou empresa, faz-se necessário, na maioria dos casos, elaborar previamente um anúncio ou cartaz a partir do acesso a ferramentas digitais específicos para esse fim, inserindo elementos multissemióticos (Rojo, 2009), e salvá-los em formato PNG ou JPG<sup>16</sup>.

A esse respeito, AC02 e a AC05 relatam como são os seus processos de elaboração e publicação de seus anúncios:

*A gente tira uma foto, a gente faz vídeos... a gente faz / as vezes a gente faz só o texto::... eu sempre digo ó na quinta-feira eu faço a publicação, eu pego... eu copio e colo mas aí tipo... eu pego a publicação que já tá montada que a gente mesmo montou.. aí:: o que tiver naquele mo / na na sexta-feira que é que a gente vai vender é o que a gente coloca / se tiver por exemplo lá na:: na publicação a primeira que eu fiz com todos os produtos tiver MANTEIGA e no / na sexta não tiver, eu retiro a manteiga... a gente só publica:: o que tem (AC02).*

*Eu tiro a foto, eu tiro a foto das coitadas dessas manguinhas... tiro a foto de uma manga, tiro de tudinho ... ah meu Jesus / eu vou no rio tirar a foto da da da / tenho que escolher a manga, né? eu tiro a foto da man::ga, aí às vezes eu faço um vídeo dos pés de manga... a fruta, né? aí eu publico ((no Facebook e no Instagram)) quando eu chego em casa “cheguei agora com a carrocinha de manga, estou cansada” / diário / todo dia... é porque eu deixei mais, mas o ano passado todo dia / na pandemia eu botava todo dia, todo dia, todo dia, todo dia ((ênfase no primeiro “todo dia” e diminui a entonação até ficar quase inaudível. Concomitantemente, bate a mão na mesa enfatizando cada palavra)) eu dava bom dia ao povo e já ia com as mangas né? ((risada)) (AC05).*

Podemos observar, a partir da fala da AC02, que essas práticas desenvolvidas são permeadas por rotinas, ou seja, estruturas e trajetos que facilitam e regulam ações (Hamilton, 2000), como os atos de copiar e colar informações, cujos usos são recorrentes e típicos do meio digital.

A publicação de anúncios e cartazes de comercialização de produtos, que geralmente ocorre às quintas-feiras, ocasiona dois tipos de vendas: a venda imediata, em geral, originada pelo acesso do cliente ao *post*, que o faz se deslocar à feira ou a outros espaços específicos para adquirir o produto divulgado, e a venda por meio de encomenda, a qual demanda que o próprio

---

<sup>16</sup> Essas siglas correspondem a formatos de imagens digitais, com diferentes resoluções e elementos visuais, publicadas na internet.

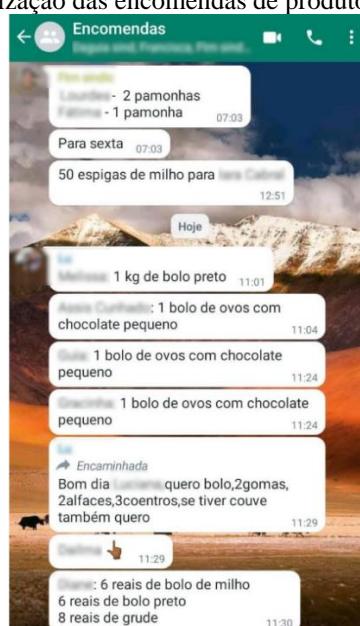
agricultor comercializador realize a entrega ou que o reserve a fim de que o cliente venha, posteriormente, acessar o(s) produto(s) de sua compra. Essas vendas ocorrem, em geral, às sextas-feiras e sábados, já os anúncios e cartazes dos produtos são postados às quintas-feiras.

A respeito desse processo de venda, sobretudo, por encomenda, a AC02 afirma:

*Quando a gente publica geralmente principalmente nos status né?, status tem / todos os contatos que você tem vai visualizar né?... aí tem pessoas que diz “ai ((a AC cita seu próprio nome)) separe minha / uma manteiga, separa uma alfajor, separa um:: coentro para mim” e tem pessoas que a gente faz a divulgação, vê a divulgação, aí vai até a feira fazer a compra (AC02).*

Para organizar essas reservas/encomendas, os agricultores também fazem uso de espaços virtuais, sobretudo do *WhatsApp*. Por meio dele, lançam em um grupo os pedidos dos clientes com vistas a registrar e controlar as demandas de vendas, objetivando atender às reservas dos clientes. Para ilustrar esse cadastro de encomendas, temos a figura a seguir:

Figura 10 – Sistematização das encomendas de produtos rurais via *WhatsApp*



Fonte: Acervo pessoal da AC08 (2023)

Essa sistematização é necessária haja vista que, simultaneamente, os(as) cooperados(as) divulgam anúncios e cartazes referentes aos produtos disponíveis, tanto na conta de *Instagram* da cooperativa, quanto no *status* do *WhatsApp*, em suas contas pessoais. Essa ação ocasiona o recebimento de pedidos e encomendas de diversas frentes, em espaços nos quais nem todos têm acesso.

Além disso, a comercialização dos produtos via ambientes digitais não se restringem aos clientes da feira, pois os agricultores da cooperativa atendem a outras espécies de clientes,

os quais demandam vendas em maiores volumes de produtos, como é o caso dos supermercados locais.

Nesse caso, a interação para a venda ocorre, em sua maior parte, pelo uso do *WhatsApp*. Através dele, os agricultores participantes mantêm o contato com os gerentes desses estabelecimentos comerciais e oferecem os produtos disponíveis. A comercialização, nesse caso, não ocorre unicamente em finais de semana, pois está condicionada às necessidades diárias desses lojistas. Para reafirmar o exposto, temos o dizer da AC01 e do AC11.

*Tem encomendas, que aí as encomendas não é só nesses dias né? ((divulgação e comercialização na quinta, sexta e sábado)) por exemplo, supermercado que a gente faz entrega... aí tem supermercado que:: é na ter::ça tem supermercado que é na quarta / hoje a gente faz entrega em três... aí varia de acordo com a demanda do próprio supermercado, aí não tem dia certo, a gente pergunta toda terça-feira ((pelo WhatsApp)) aí ele já diz:: “quero tantos, quero tantos::”, aí a gente::... de acordo com a demanda deles... aí tem uns que é na quarta, outros na quinta (AC01).*

*A comercialização é quase diária, uns dias mais intensos, outros menos / porque cliente pessoa jurídica aí faz pedido via WhatsApp né, que é tipo supermercado, mercadinho, padaria ... (AC11).*

No processo de comercialização de seus produtos, os agricultores também lidam com movimentações bancárias, visto que, por vezes, utilizam aplicativos e máquinas de cartão de crédito/débito para a consolidação das vendas, conectados por meio de canais digitais. A esse respeito, temos a corroboração em um dos dizeres de AC08 expressos durante a realização da oficina 4.

*[...] a questão de cartão:: foi a partir do mês de... acho que março / já esse ano... agora a questão de:: banco desde o começo porque teve que abrir a conta para mexer com né? com o PAA tem que ter a conta, a cooperativa já tem [...]. A QUESTÃO DO cartão foi a necessidade, porque muita gente dizia “passa cartão?” “não, não tem a máquina” a gente... comprou a maquineta para poder suprir a necessidade do cliente, aí o pix desde quando surgiu o pix [...] (AC08).*

Entre as práticas de letramento desenvolvidas nesses eventos, por meio da ambiência virtual, estão a inserção de valores em maquinetas, a seleção de teclas de comando a fim de selecionar a opção de pagamento (crédito ou débito), além do contato com o comprovante impresso emitido pelo aparelho, no qual constam as informações de pagamento, mais precisamente os valores e o horário da transação.

No caso do Pix, o indivíduo além de ter o contato com diferentes *layouts* dos aplicativos bancários, digita informações como a chave pix (que pode ser o número de CPF, telefone, e-mail ou uma aleatória), insere descrições acerca do pagamento e visualiza informações

comumente presentes nos comprovantes, como o cliente que a realizou e a pessoa física (o agricultor) ou jurídica (a cooperativa) que recebeu a ordem de pagamento.

Esses usos são motivados por necessidades inerentes às atividades de comercialização desenvolvidas situadamente em uma era globalizada, ou seja, esses agricultores precisaram aprender a utilizar essas ferramentas para não perder algumas de suas vendas, no caso dos clientes que só dispunham de cartões ou aplicativos para realizar o pagamento da mercadoria selecionada.

Para sistematizar a análise dessas práticas de letramento desenvolvidas pelos agricultores nos inúmeros eventos de letramento que participam cotidianamente em suas atividades de trabalho em ambientes digitais por meio do uso das TDICS, tomamos como base as orientações de Hamilton (2000) e elaboramos o quadro a seguir:

Quadro 4 – Sistematização das práticas e eventos de letramento laboral de agricultores em ambientes digitais

<b>Práticas de letramento:</b> Cadastro das reservas de produtos no WhatsApp, produção de anúncios e cartazes para divulgação nas redes sociais, textualização de mensagens e emissão de áudios em respostas a questionamentos referentes aos produtos disponíveis à venda, movimentações bancárias	
<b>Ambientes:</b> Redes sociais e aplicativos bancários	<b>Domínio:</b> Domínio laboral, domínio digital, domínio comercial
<b>Artefatos:</b> Anúncios e cartazes (textos), aplicativos bancários, máquinas de cartão de crédito e débito, <i>smartphones</i> , computadores	<b>Recursos, habilidades e conhecimentos:</b> Conhecimentos voltados ao acesso de equipamentos tecnológicos, à aplicativos de redes sociais, bancários, recursos digitais, inserções de senhas, informações e valores em maquinetas, inserção de elementos multissemióticos em anúncios e cartazes, seleções de teclas de comando
<b>Atividades:</b> Divulgação e comercialização de produtos rurais	<b>Rotinas:</b> Atos de copiar e colar informações

Fonte: Elaborado pela autora (2023) a partir da proposta de Hamilton (2000).

Diante disso, podemos observar que o uso de ambientes digitais permeia as atividades de trabalho dos agricultores que comercializam seus produtos. Nessa ambiência, destacam-se como práticas de letramento: a textualização de mensagens ou emissão de áudios em respostas a questionamentos referentes aos produtos disponíveis à venda, a produção de anúncios e cartazes para divulgação nas redes sociais, sobretudo no *Instagram*, o cadastro das reservas de

produtos no *WhatsApp*, além de práticas de movimentações bancárias que consolida o processo de venda, seja por intermédio do uso de cartão de crédito/débito, seja por intermédio do pix.

## 5.2 As dificuldades encontradas

No desenvolvimento das práticas digitais de divulgação e comercialização de produtos rurais, os agricultores citaram que, para além das questões de conexão (internet de baixa qualidade), enfrentavam algumas dificuldades, dentre elas situam-se o manuseio de recursos digitais para elaboração de materiais destinados à publicação em *posts* de redes sociais e quanto ao uso de aplicativos de movimentações bancárias.

Ratificando essas dificuldades, a AC12, por exemplo, declara que acredita que tem mais conhecimentos e habilidades na realização de práticas de leitura e escrita no campo do impresso, como a produção de documentos e projetos, do que no desenvolvimento de práticas de elaboração de *post* por meio de recursos digitais:

*[...] se você me disser assim “você vai... elaborar um documento...ou vá desenvolver um projeto” isso aí eu faço de primeira... agora quando é no quesito:: fazer postagem assim... chamativa que chama atenção... eu posto mas não:: não vou lhe dizer que minha postagem seja uma postagem que você / que chame a atenção que diga assim “não, o cliente vai olhar assim e dizer ‘não, isso aqui, vi e vou comprar’” [...]* (AC12).

Esse dizer, relatado por uma participante que tem o ensino superior completo, vai ao encontro do que afirma Ribeiro (2009), quando assevera que há pessoas que sabem ler e escrever em suportes impressos e dar conta de exigências atinentes às relações e atividades sociais que desenvolvem e participam, mas em ambientes digitais, mesmo que seja para atender as mesmas demandas, têm dificuldades.

Dentre as dificuldades apontadas pelos participantes, algumas delas se referem ao uso de recursos multimodais capazes de tornar os anúncios e cartazes de divulgação mais harmoniosos, atraentes e informativos para os possíveis clientes. Sobre essa questão, AC12 alega não ter conhecimento para conferir padrões à elaboração desses artefatos:

*[...] por exemplo... sei fazer um cartaz, um:: esse cartaz que se joga nas redes sociais, eu sei fazer um cartaz ((simples)) mas não tem padronização não, eu não / EU MESMO como pessoa não uso padro / padronização... sou sincera a dizer, não vou mentir né? ATÉ PORQUE não sou muito boa nisso / mas por exemplo, comadre ((cita o nome da AC01)) ELA É SHOW NESSAS COISAS... eu não sei fazer, teve até... teve uma época que teve um evento lá em Brasília que tava:: ensinando a gente a fazer isso só que eu não pude ir... até me convidaram e eu não pude ir* (AC12).

Essas dificuldades foram justificadas, tanto por AC12, quanto por alguns outros participantes, como sendo um fator diretamente relacionado à idade e à ausência de vivências quanto ao uso de ambientes digitais conectados à internet, haja vista serem oriundos de uma geração que não teve acesso às tecnologias desde os primeiros anos de sua existência, quanto as atuais. Nesse sentido, afirmam:

*[...] a mídia quando chegou na minha vida, na, na na minha vida eu já tava o quê... com mais de 45 anos... quer dizer eu não tinha, eu não tinha, eu não sou da da geração de informática, eu não sou da geração de redes sociais, eu não sou, eu sou metida e entro, mas... eu tenho dificuldade / Eu tenho dificuldade, eu não sei, eu faço mas não faço bem [ ... ] (AC12).*

*Mulher:: eu acho que é... a idade vai chegando, começamos já depois dos 50 anos ((a utilizar recursos digitais)) aí a cabeça já não é mais a mesma, não é como você jovens que aprendem rápido (AC16).*

Esses casos em que as pessoas mantêm tardiamente e/ou não mantêm contato com diferentes artefatos, desde tecnologias em termos de maquinário agrícola, quanto de textos em ambientes digitais, tendem a torná-las, socialmente, excluídas (Ribeiro, 2009).

Outro fator de dificuldade diz respeito a não valorização dos saberes escolares que perdurou por muitos anos em áreas rurais. Nesse sentido, priorizava-se a atividade laboral em detrimento do aprendizado das práticas de leitura e de escrita ofertado pela instituição escolar. A esse respeito, a declaração de AC04 é ilustrativa:

*Antigamente os pais nem botaram os filhos para estudar... nem ensinavam (AC04).*

Atualmente, apesar de os agricultores prezarem pelo trabalho compartilhado “de pai para filho”, eles entendem que as formações tanto escolares, técnica e superior, quanto as formações continuadas, disponibilizadas por instituições de ensino, ações de educação popular e em eventos, assim como destacado pela AC12, também são importantes na medida em que, muitas vezes, podem possibilitar a ampliação dos conhecimentos das pessoas do campo, além de apresentar a elas novas e diferentes abordagens capazes de favorecer o seu desempenho em diversas atividades, o que inclui tanto as desenvolvidas em ambientes digitais quanto as de natureza braçal.

Em relação à relevância do contato com ambientes virtuais para as pessoas do campo, Conceição (2016, p. 188) destaca que “por meio da internet, com o conhecimento de inovações produtivas, técnicas de produção e diferentes tipos de equipamentos, o trabalho no meio rural

tende a ser menos penoso e gerar maior retorno ao agricultor familiar”, o que pode favorecer expressivamente essa atividade laboral.

Outra dificuldade expressa pelos participantes da pesquisa se refere às movimentações bancárias, haja vista que eles necessitam, no processo de comercialização, receber pagamentos e quitar despesas. No âmbito virtual de vendas, há o uso de pix e de cartões de crédito/débito como forma de pagamento. Essas movimentações geram dificuldades e inseguranças quando o usuário não tem a experiência de uso. Confirmando isso, vale destacar os dizeres AC05 e AC09, durante as suas participações nas entrevistas:

*Aí você me ensina né? a pagar o povo?! Porque ((cita o nome do filho)) fez para mim o pix... uma chave aleatória, **mas aí a gente não pode só receber né? tem que pagar também / um dia eu tava precisando pagar uma conta... e com muita peleja, depois de mu::ita zoada, ele fez para mim (AC05).***

*[...] porque o celular digital a gente utiliza mas tem muita coisa que a gente não tem conhecimento, não tem segurança (AC09).*

Ao discorrer acerca da realização de pagamentos via aplicativos bancários, a AC05 demonstra não ter conhecimentos acerca de como funciona essas práticas, ou seja, quais são as ações que devem ser executadas para se realizar a conclusão de uma venda por pix.

Na situação relatada pela agricultora, ela afirma que necessitou do auxílio de um familiar para concluir a transação bancária via aplicativo. Esse tipo de ajuda dado por diferentes agentes de letramento como amigos, colegas de trabalho e familiares era uma recorrência na realidade de grande parte dos participantes da pesquisa, como ilustra as declarações a seguir.

*Conto com a ajuda de ((cita o nome de uma colega de trabalho)) que é da Emater eu:: eu / por exemplo, estou fazendo um banerzinho aí eu tô com uma dificuldade de incluir alguma figura... algum desenho, aí eu pego e mando o link para ela, aí ela ajeita lá e manda de volta para mim ((risada)) (AC01).*

*Minha filha, minha neta... [...] tem minha vizinha também que me ajuda (AC04).*

A AC01, por exemplo, destaca que compartilha o link das postagens durante o processo de elaboração com um par mais experiente, sempre que apresenta alguma dificuldade para inserir algum elemento multimodal, como imagens, figuras, dentre outros.

Nessa mesma perspectiva, a AC08 e a AC05, comentam que, ao receberem o auxílio de seus filhos, as suas postagens tendem a, visualmente, ter um formato mais organizado, em termos de disposição de elementos, qualidade das imagens, dentre outros aspectos.

*SIM, tipo... quando a pessoa vai me ajudar, ela:: (a filha) deixa mais claro, EU do jeito que vai entra ((risada)) (AC08).*

*às vezes, a::s vezes, ele ((o filho)) quando ele tá em casa... quando morava em casa porque ele não mora mais em casa, ele tirava foto porque a câmera dele é melhor, em questão de câmera, ele dizia que ficava feio né? **de pegar outra coisa**, reclamava “mãe” tipo assim... **tipo pegar a casa feia**, tipo ((incompreensível)) que fica feio... ele dizia né? **tipo não pegar pessoa, não pegar outras coisas [...]** às vezes até ((cita o nome do filho)) fica / às vezes faz “Mãe a senhora olha suas postagens?” aí eu: “olho não”, “você limpou a câmera do celular? porque mãe posta as coisas de qualquer jeito” (AC05).*

Ainda em relação à situação relatada pela AC05, cabe destacar que essas orientações recebidas são válidas e devem ser levadas em consideração, haja vista que, segundo Rodrigues (2018), a forma de exposição do produto no ponto de vendas e, nesse caso em redes sociais, pode fazer diferença quanto à percepção da qualidade da mercadoria pelo cliente que, certamente, terá interesse em consumir produtos frescos e graúdos apresentados por meio de *posts* que demonstrem essas suas características.

Esses relatos evidenciam a existência de algumas dificuldades quanto ao manuseio de determinados recursos tecnológicos, por parte dos cooperados, principalmente para aqueles que concluíram o ensino médio há alguns anos e não tiveram contato com esses recursos e tecnologias em sua trajetória escolar. Mesmo assim, eles demonstram interesse em superar essas limitações, se inserindo e aprendendo cada vez mais com e sobre o contexto interacional digital potencializado pelo meio técnico-científico-informacional e pela *Web 2.0*.

### 5.3 As intervenções

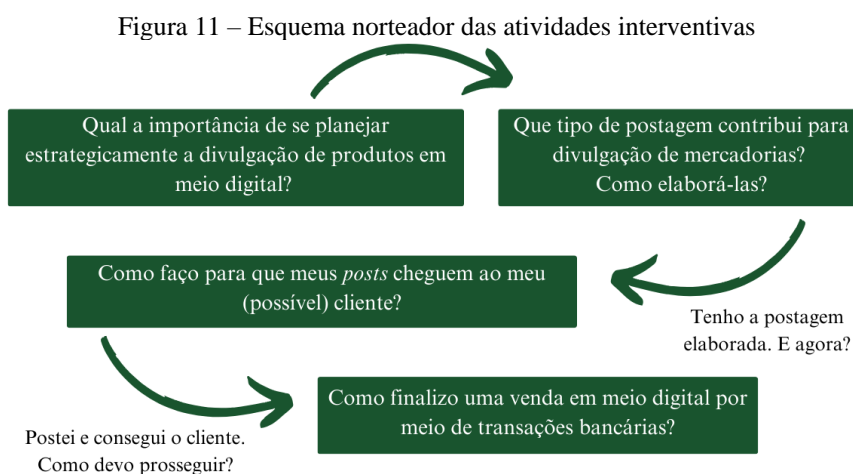
Para ampliar e aprimorar as práticas de letramento em ambientes virtuais e, conseqüentemente, minimizar as dificuldades apontadas pelos participantes da pesquisa no que diz respeito à elaboração de anúncios e cartazes assim como no que se refere às movimentações bancárias com foco em uso de aplicativos e máquinas conectadas à internet, propomos aos agricultores a realização de quatro oficinas de letramento, cuja carga horária compreendeu um total de 30h.

Em sua implementação, abordamos, na primeira oficina, questões alusivas à importância do marketing, do planejamento e de estratégias de vendas no comércio digital. Na segunda oficina, apresentamos possibilidades de elaboração de anúncios de produtos para divulgação em *feed* e *story* por meio do recurso digital *Canva*. Na terceira, por sua vez, compartilhamos orientações voltadas à divulgação desses materiais em *posts* direcionados ao *Instagram*. Na

quarta oficina, apresentamos as diferentes formas de realização de pagamento *online*, mais precisamente no que diz respeito ao uso de pix, transferências e boletos bancários.

As referidas oficinas foram pensadas e efetivadas colaborativamente, por meio das quais, conhecimentos teóricos e práticos foram mobilizados e compartilhados pela pesquisadora e participantes no intuito de que, ao final das intervenções, os agricultores reunissem subsídios, capazes de torná-los autônomos em suas atividades de produção e de divulgação de *posts* de produtos rurais disponíveis à venda, como também em movimentações bancárias relativas aos pagamentos dessas vendas, cuja realização também se efetiva, por vezes, em ambientes digitais.

Com vistas a demonstrar o percurso das questões tratadas nas oficinas, apresentamos o esquema a seguir (figura 11), no qual constam as perguntas norteadoras que orientaram a implementação das ações interventivas. Esses questionamentos também serviram de suporte para a avaliação do desempenho dos cooperados após a sua participação em cada oficina.




Fonte: Elaborado pela autora (2023)<sup>17</sup>

Tratando especificamente da oficina 1 (quadro 5), realizamos o seu planejamento voltado para tematização de tópicos de discussões com foco no comércio digital, no marketing, em estratégias de vendas em redes sociais e outras questões, no intuito de suscitar, da parte dos agricultores, respostas e opiniões relacionadas às suas experiências com as práticas de comercializações realizadas em ambientes digitais, como também conduzi-los a estabelecer conexões entre suas vivências e os conhecimentos abordados na oficina.

<sup>17</sup> Esquema produzido para cartilha *E-commerce na zona rural*. O link de acesso à versão completa desse material encontra-se na página 100 desta dissertação.

Quadro 5 – Plano de ações da oficina 1

<b>OFICINA 1</b>	
<b>Temática</b>	Comércio digital, marketing e estratégias de vendas
<b>Objetivo</b>	Discutir acerca de questões que envolvem o comércio digital
<b>Práticas de leitura e escrita em foco</b>	Roda de conversa, análise de textos multimodais ( <i>posts</i> de anúncios, cartazes, panfletos etc.), biografias etc.
<b>Atividades didáticas</b>	Exposição dialogada sobre a temática (explanando questões que envolvem o marketing, estratégias de vendas em ferramentas/redes sociais etc.) e realização de roda de conversa
<b>Recursos/Artefatos</b>	Wi-fi, computador/ <i>notebook</i> conectado à internet, slides  <i>QR code</i> de acesso ao slide: <div style="text-align: right;">  </div>

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O espaço de trocas de conhecimentos e experiências estabelecidos nessa oficina, baseados no diálogo e no respeito, mediado por meio de slides e da proposição de uma roda de conversa, possibilitou-nos a oportunidade de eles falarem e emitirem suas opiniões a respeito de perguntas, como: “Como funciona o comércio no meio digital?”, “Quais as suas características?”, “E o marketing, o que é?”, “Quais as estratégias de vendas vocês utilizam?”, dentre outras questões.

A realização dessa oficina se fez importante, na medida em que o marketing, no meio rural, entendido como todas as ações que são desenvolvidas para a formação de uma imagem positiva de produtos e serviços agropecuários, no processo venda (Rodrigues, 2018), pudesse ser visto e discutido pelos participantes “não apenas englobando grandes empresas que produzem insumos ou produtos, mas também empresas voltadas à agricultura familiar,

<sup>18</sup> A utilização de *QR Codes*, ao longo desse trabalho, apresenta uma nova possibilidade de acesso à materiais que foram produzidos ao longo dessa pesquisa, sem inseri-los em apêndice (o que faria com que o trabalho ficasse muito extenso e pesado, em termos de *megabytes*, além de necessitar que o leitor direcionasse a barra de rolagem do monitor/*smartphone* até a página indicada, referente ao apêndice citado, para, na sequência, retornar à página na qual estava realizando a leitura). Cabe destacar, contudo, que devido a constante fluidez do meio digital, como citado anteriormente, é possível que os sites onde eles estão alojados possam ter modificações e, até mesmo, deixarem de existir.

prestadoras de serviços, *cooperativas*, órgãos públicos representantes do setor, publicações da área, entre outros” (Rodrigues, 2018, p. 16, grifo nosso).

Nesse sentido, foi também discutida a importância de estratégias de vendas, além do fortalecimento e diferenciação de marcas por meio das redes sociais, apresentando outros materiais disponibilizados por empresas direta e indiretamente ligadas ao meio rural e ao comércio, de um modo geral. Na oportunidade, foram apresentados aos participantes exemplos de biografias de empresas e instituições públicas presentes em perfis de redes sociais, bem como *posts* veiculados por estabelecimentos comerciais para que pudessem observar as características desses materiais e, conseqüentemente, adotá-las como inspirações para as suas futuras publicações.

Em vista disso, as novas possibilidades de conexões online potencializam a veiculação dos mais diversos tipos de anúncios e propagandas em canais de comunicação digitais, o que tem exigido da parte dos agricultores familiares, uma busca por meios e formas de apresentar o diferencial dos seus produtos, beneficiados em pequena escala, quando comparados às ofertas e preços de produtos disponíveis em grandes redes de supermercados, por exemplo.

O que torna necessário, no nosso ponto de vista, o uso de publicações, por meio de vídeos ou anúncios capazes de focalizar mais amplamente o processo de produção de seus produtos, como as manteigas, os bolos, óleos etc., muitas vezes, produzidos artesanalmente em suas propriedades rurais, o que esclarece, inclusive, a variação de preços em relação àqueles produzidos industrialmente, em maior escala.

Discutimos também, nessa oficina, a importância de se publicizar anúncios e cartazes, com certa recorrência, aludindo ao ditado popular “Quem não é visto, não é lembrado”, haja vista que essa frequência nas publicações somadas à padronização desses *posts* contribui para que o cliente relacione *layouts*, cores e imagens, por exemplo, à determinada marca ou produto.

Diante disso, destacamos a necessidade dos(as) participantes cooperados(as) seguirem uma padronização, ou seja, a definição de uma paleta de cores e fontes de letras que possam criar no cliente/interlocutor uma memória visual, assim, sempre que ele visualizar, por exemplo, um *post* com a presença de determinada logomarca, variações de tonalidades de uma cor específica e outras características, possa associá-lo ao respectivo empreendimento, no caso, a cooperativa.

A escolha de disposição desses elementos, como imagens e logomarcas, tanto nas redes sociais quanto nas embalagens dos produtos facilita, inclusive, para aqueles clientes que não são alfabetizados, auxiliando esses consumidores em suas escolhas. Ou seja, em determinados

estabelecimentos, ele procurará entre os produtos disponíveis à venda por aquele que apresente determinado elemento identificador.

Na oficina 2 (quadro 6), voltada para o uso de recursos digitais gratuitos para elaboração de anúncios e cartazes a serem divulgados em redes sociais, o trabalho com as diferentes linguagens (gráficas, verbais, não verbais, musicais etc.) (Santos-Marques; Kleiman, 2019) se fez presente.

Quadro 6 – Plano de ações da oficina 2

<b>OFICINA 2</b>	
<b>Temática</b>	Recursos digitais para elaboração de anúncios e cartazes
<b>Objetivo</b>	Apresentar ferramentas de criação de anúncios e cartazes com elementos multimodais, por meio do recurso digital <i>Canva</i>
<b>Práticas de leitura e escrita em foco</b>	Anúncios e cartazes com elementos multimodais para divulgação de produtos rurais
<b>Atividades didáticas</b>	Exposição dialogada sobre o recurso digital <i>Canva</i> , apresentando suas funcionalidades, vantagens, desvantagens e modos de uso. Ao final, os participantes irão produzir e editar anúncios e cartazes voltados para a divulgação de produtos rurais, utilizando as ferramentas apresentadas, com o intuito de evidenciar o conhecimento instrumental e as habilidades no uso dessa ferramenta.
<b>Recursos/artefatos</b>	Wi-fi, <i>smartphone</i> conectado à internet, recurso digital <i>Canva</i>

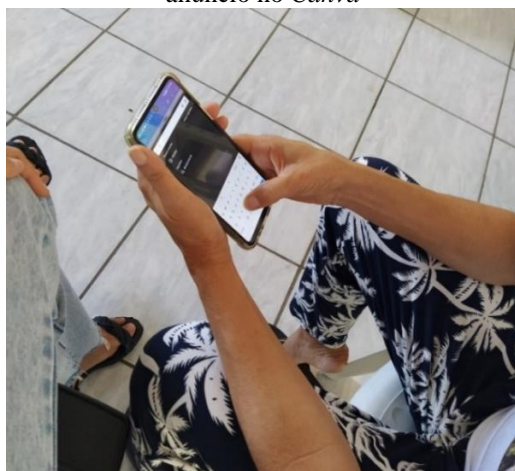
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Nesse sentido, foram apresentadas as funções e as possibilidades ofertadas pela ferramenta digital *Canva*, incluindo suas vantagens, desvantagens e modos de uso através da prática de produção e edição de materiais para divulgação nas redes sociais da COMFA, com o intuito de fomentar entre os participantes o manuseio e as habilidades no uso dessa ferramenta.

O *Canva* compreende um recurso digital disponível tanto em formato de site (acesso em computadores e *notebooks*), quanto em aplicativo (acesso em *smartphones* e *tablets*), que possibilita a criação, nos mais diversos formatos, tanto de anúncios, panfletos e cartazes, quanto de apresentações, documentos, cartões, convites, currículos, dentre outros, por meio de modelos em branco ou pré-prontos para edição.

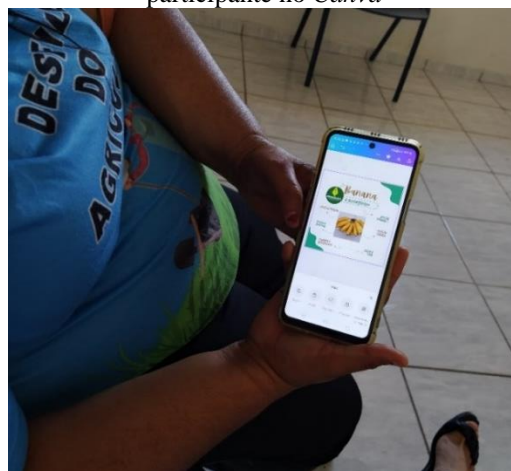
Para o curso, optamos por trabalhar apenas com a versão disponível para *smartphones* por meio do aplicativo (figuras 12 e 13), isso porque na fase de identificação da realidade dos participantes foi observada a carência de equipamentos tecnológicos como o computador e o *notebook*, além do fato de que é mais prático levar um *smartphone* para seus locais de trabalho (lavouras, feiras livres etc.) e poder realizar a publicação de um *post* no *Instagram*, por exemplo, o que de certa forma favorece a divulgação do processo de produção do produto disponível para a venda.

Figura 12 – Participante elaborando um anúncio no *Canva*



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Figura 13 – Produção elaborada por participante no *Canva*



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Essas produções se dividiram em anúncios e cartazes elaborados em dois formatos: publicações para *feed* e para *story* no *Instagram*, as quais contemplaram a focalização de informações alusivas aos locais e horários de vendas, números para contato, produtos em oferta, formas de pagamento, dentre outros dados.

Optamos por esses formatos, levando em consideração suas especificidades. As postagens para *feed* são permanentes e auxiliam na divulgação dos produtos e serviços ofertados, na medida em que, sempre que os seguidores da conta ou, até mesmo, não seguidores acessam o perfil do *Instagram* passam a ter uma visão panorâmica de tudo que é publicado e ofertado à venda. Já as postagens para *story* são temporárias (duração de 24h, com a possibilidade de fixação permanente na opção “Destaques”), têm caráter mais rápido e dinâmico, alcançando, muitas vezes, um público maior de visualizadores e de interações, tal como ressalta o AC03:

*[...] porque o Instagram se você quiser dar mídia tem que colocar no storys, se não for... o povo não olha mais não, o feed ninguém olha mais não, a curiosidade é de*

*olhar:: se tá aquele bichinho vermelhinho ((ícone que sinaliza a publicação de um novo story)) pra saber o que que tem ali (AC03).*

Nesses cartazes e anúncios elaborados durante a segunda oficina, os participantes destacaram os produtos disponíveis e o seu preço, além dos benefícios do consumo dessas mercadorias advindas de pequenas propriedades rurais, seguindo as orientações de Rodrigues (2018) que ressalta as possibilidades de diferenciação de um produto disponível no mercado, o que inclui sua qualidade, durabilidade, confiabilidade, dentre outros.

Destacamos, por exemplo, nas figuras abaixo o processo de elaboração desses materiais de divulgação. Na primeira (figura 14), a participante captura uma imagem de um produto que está disponível para vendas na cooperativa e, na segunda (figura 15), temos o anúncio elaborado.

Figura 14 – Participante registrando imagem de produto



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Figura 15 – Anúncio de produto elaborado pela participante



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Após essas produções, na oficina seguinte (quadro 7), houve a apresentação e os aprimoramentos dos usos das ferramentas digitais disponíveis na rede social *Instagram* para divulgação e comercialização de produtos.

Quadro 7 – Plano de ações da oficina 3

<b>OFICINA 3</b>	
<b>Temática</b>	Ferramentas digitais de redes sociais
<b>Objetivo</b>	Apresentar ferramentas digitais disponíveis na rede social <i>Instagram</i> para divulgação e comercialização de produtos

<b>Práticas de leitura e escrita em foco</b>	Elaboração do gênero biografia, utilização de palavras-chave em <i>hashtags</i> , elaboração de legendas, publicação de <i>posts</i> etc.
<b>Atividades didáticas</b>	Exposição dialogada sobre as referidas ferramentas, mostrando suas funcionalidades, vantagens, desvantagens e modos de uso. Ao final, os participantes irão realizar testes de publicações utilizando as ferramentas apresentadas, com o intuito de evidenciar seus conhecimentos instrumentais e habilidades de uso
<b>Recursos/artefatos</b>	Wi-fi, <i>smartphone</i> conectado à internet, rede social <i>Instagram</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

As redes sociais, em específico o *Instagram*, já se consolida, na atualidade, como um importante instrumento de divulgação de produtos e serviços, haja vista o seu expressivo uso, o que faz com que a criação ou manutenção ativa (por meio de postagens) de um perfil nessa plataforma tenha a potencialidade de ampliar significativamente as vendas.

Essa rede social possibilita a interação entre perfis pessoais e profissionais, por meio de mensagens em *chat*, comentários, curtidas e envios de/em postagens, além de oportunizar a publicação de fotos e vídeos, tanto de modo temporário (*story*), quanto permanente (*feed*, *reel* e *story*, quando fixado em “Destaques”).

Cabe destacar que o *reel* compreende um vídeo curto, gravado e publicado na vertical, que tem a potencialidade de alcançar um amplo público por meio da opção “explorar”. Por essa razão, foi uma das ferramentas focalizadas durante a oficina. Em seu uso há também a possibilidade de inserção de músicas e *hashtags*<sup>19</sup>, em legendas, que façam alusão à agricultura familiar, dentre outros temas.

Nessa oficina, os participantes também tiveram a oportunidade de, a partir de orientações disponibilizadas, realizar a alteração do tipo de perfil no *Instagram*, passando do status de conta pessoal para profissional, situando-se especificamente na categoria de “cooperativa agrícola”. Nesse processo, também houve a inserção da logomarca da COMFA na imagem do perfil e alteração em sua biografia, levando-se em consideração a limitação de caracteres imposta pela rede.

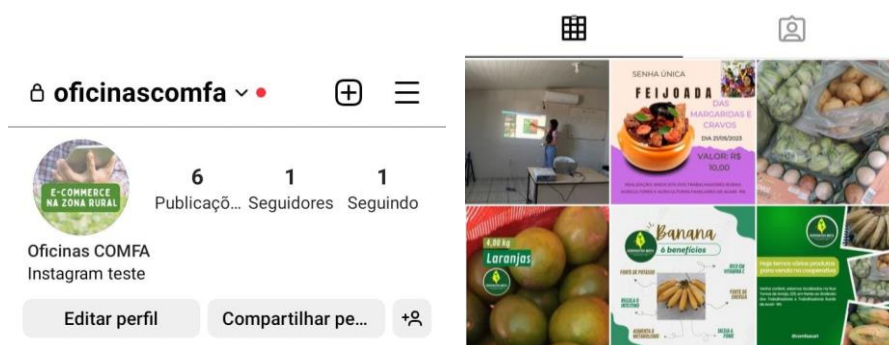
<sup>19</sup> *Hashtag* é uma ferramenta utilizada para indexar temáticas ou discussões em redes sociais, inserindo o símbolo da cerquilha (#) seguida de palavras chave. Por exemplo, caso o usuário deseje encontrar ou ser encontrado quando o assunto for postagens relacionadas ao espaço rural deverá, no campo de busca e/ou na legenda, digitar: #agropecuária ou #agriculturafamiliar; a partir disso o *post* aparecerá junto/se vinculará às fotos e vídeos que foram publicados(as) utilizando esses termos.

Para tanto, realizamos uma discussão acerca do gênero textual biografia e da importância de sua inserção na rede social da cooperativa como forma de identificação dos produtos que são comercializados, das informações de contato e localização a fim de situar aqueles que estão acessando esse perfil pela primeira vez.

Na sequência, como atividade prática, os participantes realizaram testes de publicações, a partir das produções da oficina 2, utilizando as funções disponíveis no *Instagram*, como a inserção de legendas, localização, músicas, links, menções e marcações.

Para favorecer o processo de publicação por parte dos agricultores, criamos um perfil de *Instagram* privado, intitulado @oficinascomfa (figura 16), com o intuito de que os participantes treinassem suas habilidades em relação ao uso dessas ferramentas, antes de postarem, anúncios e cartazes produzidos, no perfil público da cooperativa @comfaacari.

Figura 16 – Teste de postagens em perfil de *Instagram*



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

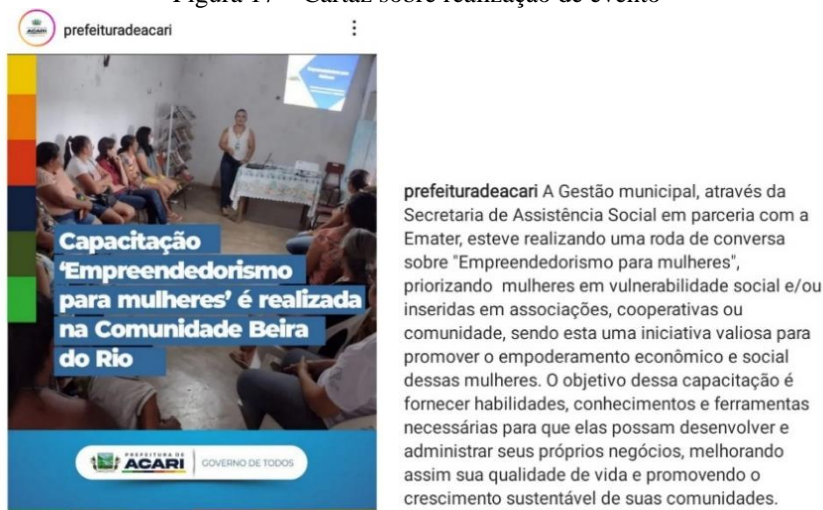
Entre as postagens publicadas nesse perfil teste do *Instagram*, destacamos acima aquelas produzidas com o recurso digital *Canva* e aquelas imagens capturadas no ato da realização da atividade, a exemplo do registro da ministrante realizando a oficina e de alguns dos produtos disponíveis para venda naquela semana, mais precisamente, ovos, maxixes, batatas, dentre outros.

Em relação às últimas postagens, cabe destacar que os(as) cooperados(as) seguiram orientações referentes à luz e ao enquadramento de imagem, importantes subsídios para a produção de fotografia de qualidade.

Durante o período dessa intervenção, cabe destacar a presença e contribuição de outros agentes de letramento (Kleiman, 2005; 2006) a partir da ocorrência de evento que estabeleceu diálogo com a proposta das oficinas de letramento, tratando-se de palestra intitulada “Empreendedorismo para mulheres”, proferida por uma analista de extensão rural, mediante

parceria estabelecida entre a prefeitura municipal de Acari-RN e o Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) (figura 17).

Figura 17 – Cartaz sobre realização de evento



Fonte: @prefeituradeacari (2023).

A referida palestra ocorreu na comunidade Beira do Rio, município de Acari-RN, localidade em que se situa parte dos agricultores participantes desta pesquisa. O evento se dirigia prioritariamente às mulheres em vulnerabilidade social e/ou inseridas em associações e cooperativas, tendo como objetivo propor discussões acerca do desenvolvimento e administração de negócios. Além da pesquisadora, duas das cinco cooperadas que participavam das oficinas de letramento se fizeram presentes à palestra.

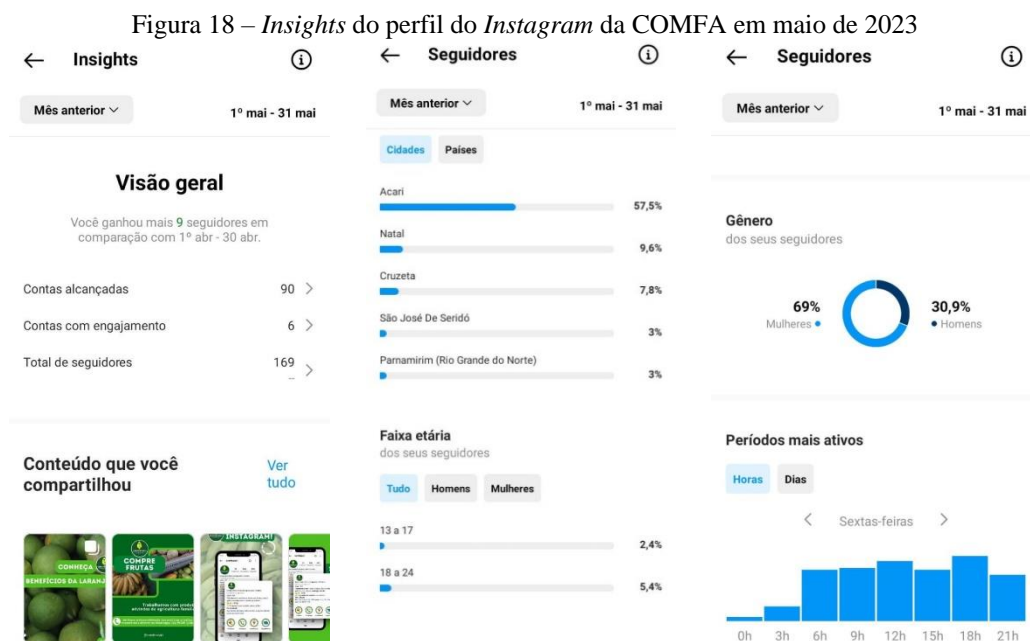
Durante esse evento foram apresentados subsídios em termos de habilidades e ferramentas necessárias para iniciar ou dar continuidade a um empreendimento, cuja implementação possa favorecer a conquista da liberdade financeira, por parte das mulheres. Além disso, temas como sororidade<sup>20</sup> e apoio a pequenas atividades artesanais e agrícolas desenvolvidas por mulheres também foram pautadas.

Após aprenderem sobre estratégias de marketing, empreendedorismo, produções e publicações de *posts* para redes sociais, a última oficina realizada com os cooperados participantes, trouxe à baila a importância da organização e distribuição de tarefas em relação à elaboração e publicação de anúncios e cartazes no *Instagram* da cooperativa. Com base nas discussões ficou definida a recorrência das produções e publicações, como também os

<sup>20</sup> A sororidade compreende um conceito criado para referir-se à união de mulheres por meio de práticas de acolhimento, empatia, generosidade e outros valores.

responsáveis por cada uma delas, com o intuito de manter sempre ativa a conta em rede social da COMFA.

Essa definição foi realizada com base em informações apontadas nos *insights* do perfil, mediante a sua alteração para perfil profissional. Diante disso, tornou-se possível estabelecer o melhor horário e dia para publicações. Nesse caso, como as vendas eram realizadas às sextas e aos sábados, as publicações passaram a ser divulgadas às quintas e sextas-feiras, com previsão para às 12h ou 18h, conforme indica a imagem abaixo, cujas informações evidenciam o bom engajamento da página nesses horários.




Fonte: Acervo da COMFA (2023).

Em seguida, houve a discussão sobre a importância da utilização de aplicativos para realização de movimentações bancárias no comércio digital (quadro 8). A abordagem desse tópico se justifica nas necessidades apresentadas pelos participantes, uma vez que realizam a divulgação e a venda em ambientes digitais e os pagamentos tendem a ocorrer por meio desses mesmos espaços.

Quadro 8 – Plano de ações da oficina 4

OFICINA 4	
<b>Temática</b>	Transações bancárias
<b>Objetivo</b>	Apresentar ferramentas digitais de transações financeiras disponíveis em aplicativos bancários

<b>Práticas de leitura e escrita em foco</b>	Exposição de tutoriais, leitura de folder, análise de comprovantes de pagamento
<b>Atividades</b>	Exposição dialogada sobre a temática, através de slides, explanando um tutorial de como se utilizar as ferramentas de transações bancárias
<b>Recursos/artefatos</b>	Wi-fi, <i>smartphone</i> e/ou computador conectado à internet, slides, aplicativos de agências bancárias <i>QR Code</i> de acesso ao slide: 

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

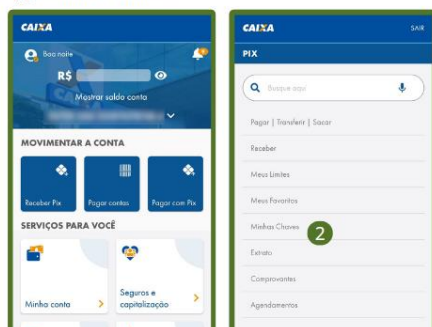
Essas transações bancárias, realizadas por meio de aplicativos, compreendem as diversas formas de se realizar e receber pagamentos, por meio de agências bancárias, sem precisar ter contato físico, por exemplo, com clientes e fornecedores. Para efetivação dessas atividades é necessário o acesso a algumas informações, como: nome completo da pessoa física (PF) ou jurídica (PJ) titular da conta e o seu tipo (conta corrente ou poupança), o nome da instituição financeira, da agência, além do número da conta que receberá a transferência.

Para os casos de transações via pix, a mais recorrente nas atividades de vendas da cooperativa, é necessária apenas a chave, porém destacamos ser de fundamental importância a disponibilização dos referidos dados (nome completo da pessoa física ou jurídica, tipo de conta bancária, instituição financeira, números da agência e da conta, dentre outros), sobretudo do(a) vendedor(a) a fim de que seja possível a confirmação de informações no processo de transferência de valores entre contas, visto que os casos de erros de digitação não são incomuns em eventos de comercialização, os quais acabam ocasionando transtornos tanto para quem vende, quanto para quem é consumidor.

Realizamos, ainda, a explanação ilustrativa de como realizar transações bancárias (cadastramento de chaves pix, pagamento de pix por *QR Code* e por inserção de chave e pagamento de boleto/por código de barra) em diferentes aplicativos de instituições financeiras (figuras 19 e 20), apresentando o passo a passo, para que os cooperados pudessem autonomamente realizar e receber essas movimentações.

Figura 19 – Exemplo de tutorial de cadastramento de chave pix em conta bancária

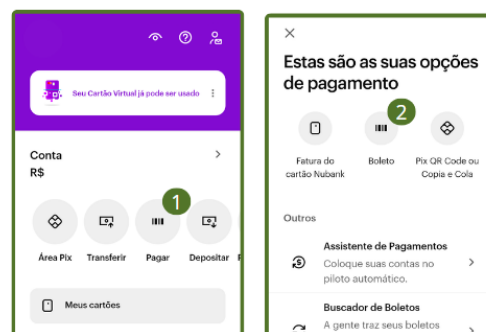
1. Na tela inicial do app, selecione a opção "Pix"
2. Selecione a opção "Minhas chaves"



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Figura 20 – Exemplo de tutorial de pagamento de boleto em conta bancária

1. Na tela inicial do seu app, clique na opção "Pagar"
2. Selecione a opção "Boleto"



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Convém ressaltar que a escolha das instituições financeiras para a apresentação dos tutoriais se deu por dois motivos: 1) presença de agências físicas (ou virtuais) dos bancos na cidade sede da COMFA; e 2) uso de tais serviços pelos(as) cooperados(as).

Mediante a exposição desses tutoriais, reforçamos, aos participantes, que para realizar qualquer transação financeira por meio de alguns desses aplicativos bancários, os seus *smartphones* deveriam estar desbloqueados para o acesso a movimentações bancárias. O referido desbloqueio é realizado apenas em um caixa eletrônico, como também em agência bancária física da instituição financeira.

Em relação às dúvidas e questões que envolviam o desbloqueio de acesso a esses recursos ou ao acesso a qualquer dado bancário dos participantes, disponibilizamos o contato virtual e o endereço de agências físicas vinculadas aos bancos usuais dos(as) cooperados(as), para que estes fossem assessorados por um profissional da área, conforme orientações do RCLE.

Analisamos, ainda, a estrutura composicional de comprovantes de pagamento e reforçamos a importância de recebê-lo e visualizá-lo com atenção, para assegurar tanto o cliente, quanto o vendedor que a efetivação da transferência, entre contas, foi implementada e, com efeito, o pagamento do produto adquirido foi realizado.

Esse tipo de ação evita possíveis golpes, muito comuns em ambientes virtuais. Na discussão dessas questões, lançamos mão de um folder (figura 21), disponibilizado por uma instituição bancária com agência física na cidade em que se situa a sede da cooperativa, a fim de chamar a atenção dos participantes para essas ocorrências.

Figura 21 – Folder sobre a prevenção de golpes financeiros



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Esse material apresenta como se configuram as abordagens adotadas por golpistas, mediante a disponibilização de links, enviados por meio de redes sociais e por SMS. Além destes golpes, há também aqueles que envolvem as maquinetas de cartões, falsificações de boletos e outras. O folder contempla ainda a linguagem padrão comumente utilizada nos textos por esses fraudatários.

O acesso à informação, nesses casos, possibilita que os(as) cooperados(as) saibam como agir em determinadas situações, evitando prejuízos financeiros, tanto para a pessoa física (em suas contas pessoais), quanto jurídica (na conta da cooperativa).

Concluída essas intervenções, realizamos um encontro de culminância, no qual discutimos os resultados das intervenções, por meio de uma roda de conversa (figura 22), além de realizarmos a entrega dos certificados e de uma cartilha (figura 23).

Figura 22 – Roda de conversa realizada no encontro de culminância



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Figura 23 – Entrega de certificados e cartilha aos participantes das intervenções



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Essa cartilha sintetiza os conteúdos apresentados no decorrer das oficinas de letramento, cujo exemplar foi entregue, em formato físico/impreso, aos participantes a fim de que possam realizar consultas posteriores acerca de tópicos estudados.

A referida cartilha é apresentada detalhadamente, no item 5.3.1, a seguir, na análise dos impactos gerados pela intervenção proposta.

### 5.3.1 Os impactos/mudanças após a intervenção

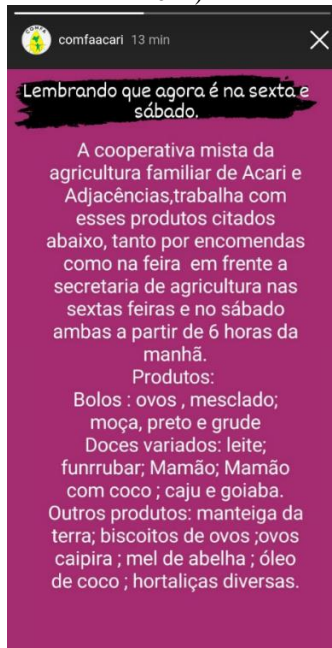
Como impactos gerados em decorrência da aplicação da intervenção, sob o formato de oficinas de letramento, podemos destacar a ampliação dos conhecimentos dos participantes no que diz respeito à divulgação e vendas em canais digitais, utilizando aliadas as redes sociais e as transações bancárias.

Esses eventos de letramento favoreceram a reorganização e o aprimoramento visual das postagens e do perfil da conta de *Instagram* da cooperativa, por meio de planejamento e de uso de estratégias voltadas para uma melhor elaboração e divulgação de *posts* de produtos disponíveis à venda.

As práticas de letramento desenvolvidas para produção desses materiais solicitaram dos(as) cooperados(as), conforme destaca Rojo e Moura (2019), a sistematização de diferentes saberes, tanto para lidar, quanto para produzir esses textos, em diferentes formatos.

Nesse cenário, os materiais publicados em *posts* no *Instagram*, após a realização das oficinas (figura 25 e 26), por exemplo, evidenciam a utilização de elementos multimodais, como imagens, diferentes fontes e tonalidades (com predominância da cor verde – no caso da figura 26 – dialogando com as cores da logomarca) e músicas, quando comparado à postagem publicada em agosto de 2022 (figura 24), cujo conteúdo contemplava apenas textos, um plano de fundo na cor roxa com destaque na cor preta.

Figura 24 – Story da COMFA antes das oficinas (agosto de 2022)



Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

Figura 25 – Reel da COMFA depois das oficinas (junho de 2023)



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Figura 26 – Story da COMFA depois das oficinas (agosto de 2023)



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Em relação ao elemento sonoro, cabe destacar que a escolha da música inserida no *reel* (Fogueira de São João, por Severino Januário), ilustrado no *print* da figura 25, por remeter às festividades juninas, tem a potencialidade de reforçar a importância do produto em determinada época do ano. No vídeo, constam comidas típicas do período junino, como a canjica, o bolo de milho, a pamonha, o mugunzá, o milho cozido e outras iguarias.

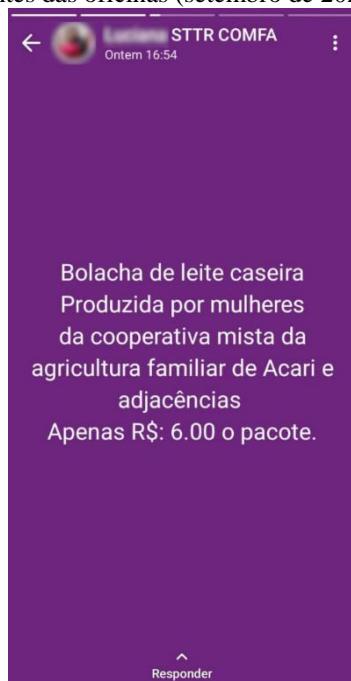
Outro ponto a ser destacado, ainda nesse aspecto, é a inserção de imagens reais dos produtos ofertados à venda nas postagens realizadas nas redes sociais, as quais além de ter a potencialidade chamar a atenção do cliente, passa também certa credibilidade ao consumidor, que visualiza o produto que irá receber, caso realize a compra. Diferentemente dos efeitos causados por imagens retiradas da internet ou disponíveis em *layouts* prontos no aplicativo *Canva*.

As postagens abaixo, realizadas no *WhatsApp*, em períodos distintos, ilustram essa mudança de prática por parte da AC02. Na primeira (figura 27), em setembro de 2022, o anúncio apresenta apenas a informação do produto disponível à venda, assim como o seu valor, ao passo que na segunda (figura 28), pouco menos de um ano depois, além dessas informações, há também a imagem real da bolacha de leite caseira, fabricada artesanalmente pelas participantes da investigação.

Acesse o reel por meio do QR Code:



Figura 27 – *Status* da AC02 publicado antes das oficinas (setembro de 2022)



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Figura 28 – *Status* da AC02 publicado depois das oficinas (julho de 2023)



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Essa alteração identificada no uso de *posts*, após as intervenções foram de relevância tanto para a AC05, quanto para a AC01 e o AC07, como ilustram os depoimentos a seguir:

*Com certeza ((as oficinas contribuíram)), houve um melhoramento porque dá muita visibilidade... a gente vende melhor os produtos / ((as oficinas ensinaram)) como tirar foto, como postar... porque quando tem alguma coisa por trás fica feio né? até pela questão de como eu posto [...] antes eu postava de qualquer jeito / um pequeno cuidado de ver mais o produto para poder valorizar o produto, né? e mais pessoas ver / dá vontade de comprar com a forma de divulgação (AC05).*

*Quando eu comecei a fazer as postagens... eu fazia... pra mim eu achava que tava bom ((o post)), mas as vezes quem tava visualizando nem tava... num tava tão bom (AC01).*

*Uma das ideias que você passou pra gente e na minha época quando eu mexia com galinha caipira eu não tinha tanto conhecimento do comércio digital como eu tenho hoje, então, assim, algumas coisas eu aprendi... cortá a carne, tirá a foto, deixá a carne exposta na foto pra isso chamar a atenção dos compradores, então, assim... ah se eu tivesse esse conhecimento e acesso, uma facilidade dessa, o comércio era bem melhor e mais amplo (AC07).*

Segundo esses participantes, essas discussões realizadas ao longo das oficinas trouxeram contribuições significativas quanto à divulgação de produtos rurais, ampliando suas percepções e criticidade em termos de elaboração e publicação de *posts*.

Ainda no que diz respeito à inserção de elementos visuais, uma das sugestões acatadas pelos demais cooperados foi a dada pela AC01. De acordo com ela:

[...] às vezes uma divulgação bem pequenininha digamos assim... com pouca informação chama mais atenção do que:: uma... com muita né? [...] uma propaganda com poucas coisas e... / a gente acha que TEM QUE BOTAR TUDO digamos assim... e não precisa né? tem coisas que você pode criar um banner e fazer um texto:: na publicação sem precisar / porque se você tem interesse por exemplo naquela figura você talvez vai ler o que tá abaixo dela (AC01).

No anúncio elaborado e publicado no *Instagram* da cooperativa em outubro de 2023 (figura 29), por exemplo, prioriza-se a inserção de uma imagem real que contempla os produtos disponíveis para comercialização, sem a discriminação nominal destes. Informações adicionais como, por exemplo, os locais e horários de vendas são divulgadas, porém apresentadas de forma sucinta, conforme consta na publicação abaixo:

Figura 29 – Anúncio publicado no *Instagram* da COMFA



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Além disso, há também a inserção da logomarca centralizada e a utilização de tonalidades da cor verde, em plano de fundo, o que a caracteriza como publicação vinculada à cooperativa.

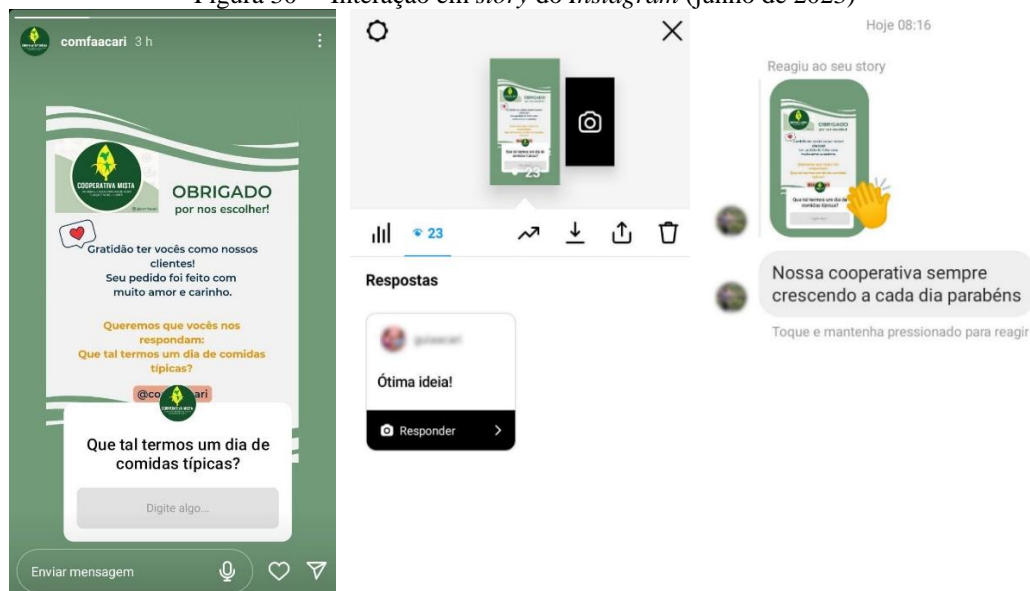
Outra contribuição observada, em termos de interação com os clientes/seguidores, compreendeu a inserção de diferentes elementos nas postagens, a exemplo da ferramenta “Caixa de diálogo”, disponível no *Instagram*.

Esse uso ressalta o que estabelece Conceição (2016), ao afirmar que a comunicação, principalmente por meio da utilização da internet, proporciona novas oportunidades de produção, comercialização e contato nas diversas atividades que ocorrem no processo produtivo.

Assim, esse tipo de interação ajuda os(as) cooperados(as) a entender, a partir de *feedback* dos seguidores, as preferências e aceitações dos clientes quanto às ações

desenvolvidas e produtos ofertados. No caso apresentado na sequência de *prints* abaixo, o *post* questiona os seguidores acerca da opinião deles em relação à proposição de um dia exclusivo de vendas de comidas típicas do período junino.

Figura 30 – Interação em *story* do *Instagram* (junho de 2023)



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

A postagem teve entre outras interações (como curtidas), a resposta de dois usuários, um por meio da caixa de diálogo, comentando positivamente “ótima ideia”, o outro, por meio do *direct*, em resposta ao *story*, elogiando as ações desenvolvidas pela cooperativa.

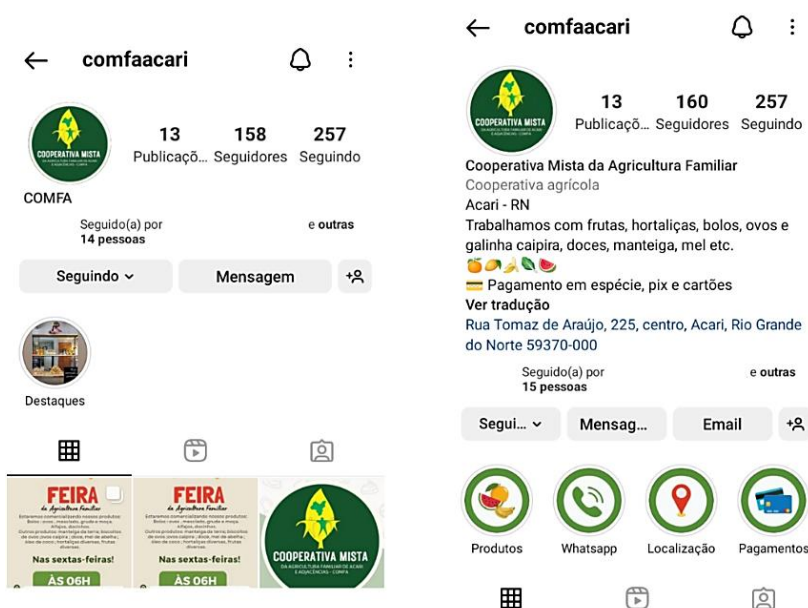
Essas ferramentas, utilizadas no *post* em formato de *story*, são interessantes, pois resguardam a privacidade dos clientes que, muitas vezes, não gostam de realizar comentários de acesso público ou de emitir suas opiniões em postagens no *feed*. Além disso, torna mais acessível para os seguidores que, em alguns casos, apresentam dificuldades em termos de digitação em ambientes virtuais, isso porque há a ferramenta de gravação de áudios, o que possibilita a verbalização de suas opiniões através de textos orais.

Essas ações se configuram como práticas de letramento realizadas para o atendimento de demandas laborais. Ribeiro (2021b), por exemplo, em um cenário não muito diferente, demonstra como as práticas de leitura e escrita estão presentes em rotinas sociais cotidianas, como em conversações realizadas por usuários em aplicativos de mensagens instantâneas, a exemplo do *WhatsApp*.

Esses usos, apesar de não serem, muitas vezes, legitimados e evidenciados, quando comparado às práticas desenvolvidas em salas de aula, são fundamentais para a efetivação de objetivos tanto no âmbito pessoal, quanto em domínios de atividades de trabalho.

Em relação ao aprimoramento do perfil, realizamos a elaboração e inserção da biografia do *Instagram* da COMFA, na oficina 3, como podemos observar na figura 31.

Figura 31 – Perfil da COMFA antes e depois das intervenções



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Entre os pontos a serem destacados, em análise comparativa, situa-se a inserção do nome completo da cooperativa, enquanto pessoa jurídica, no perfil da rede social. Durante esse momento de reorganização, o AC09 reforça, exemplificando a importância de inserir, quando possível (devido às limitações de caracteres da plataforma), o nome completo e o tipo de cooperativa, não somente a sigla. Acerca disso, o participante assevera:

*Inclusive, essa tal da sigla é interessantíssima:: porque HÁ MAIS DE 30 ANOS quando eu fiz o segundo grau em contabilidade a gente na escola já via que cada sigla tinha que ser acompanhada com o nome real da:: da (situação), porque muitas siglas você lê ela mas você não sabe o que significa / STTR / se bota só a sigla quem não conhece o:: movimento sindical não vai saber o que é... mas se botar Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadores Rurais todo mundo sabe o que é [...]* (AC09).

Outra modificação realizada, a partir de recursos do Google, foi a inserção da localização do ponto de vendas, por meio de *link* que direciona para ferramentas de GPS<sup>21</sup>. Essa iniciativa facilita o acesso de clientes não residentes na cidade sede da COMFA.

Além disso, houve também o registro, na biografia da conta, referente aos produtos em oferta e as formas de pagamento disponíveis, tanto por meio de textos, quanto pela inserção de *emojis*<sup>22</sup> que se coadunam com as informações em questão.

Observamos também que a alteração do tipo de conta do *Instagram* gerou impactos no engajamento do perfil, o que garantiu a possibilidade do acesso à geração de dados e estatísticas, quanto aos acessos em termos de faixa etária, gênero, localização de seguidores e visitantes da conta. Essas informações foram e são relevantes para entender o público alvo do perfil e os melhores horários para realizar divulgações e vendas, considerando os picos de acesso.

Em relação à diferença observada nas vendas, mediante a melhoria da divulgação dos produtos em canais digitais, após as oficinas, na perspectiva dos cooperados, reside no fato de que há uma maior visibilidade e alcance de novos clientes. Acerca da diferença alcançada, AC05 e AC6 informam que:

*FEZ porque minhas mangas quando eu chego na rua já tá vendida, né?! ((risada enfática)) porque eu divulgo... eu tiro foto da manga, eu tiro a foto colhendo a manga / eu já parei mais mas antes eu tirava uma foto quando eu chegava ((incompreensível)) quando eu chegava com a manga, eu botava no Facebook, no Instagram, quando eu chegava na cida::de as pessoas deixava de comprar COM OS FEIRANTES QUE TAVA NA FEIRA para esperar minha manga [...] devido à divulgação (AC05).*

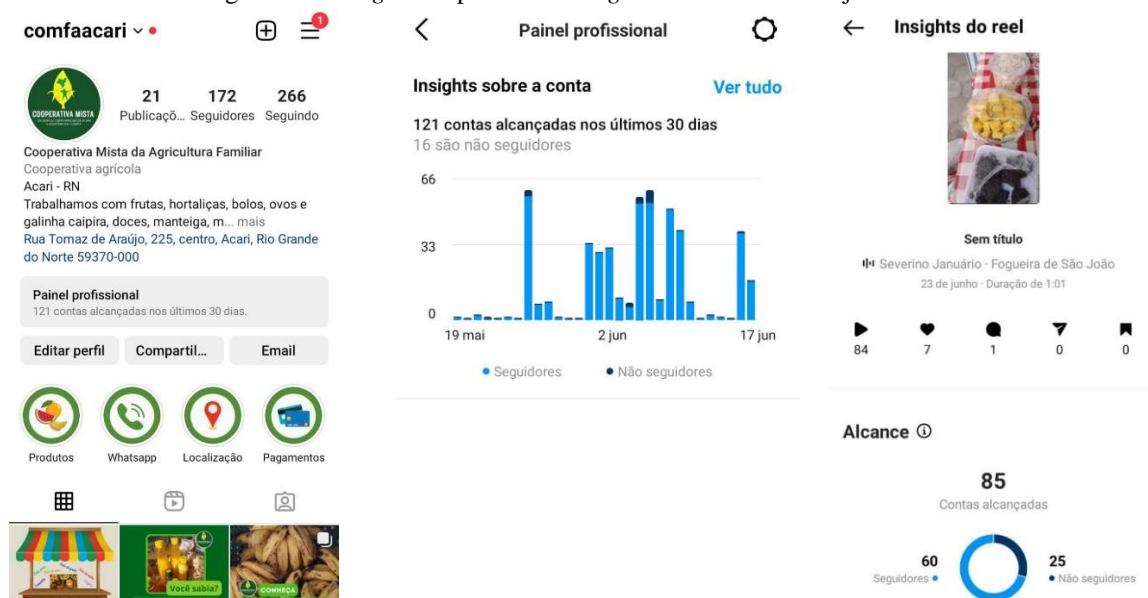
*CERTEZA, porque assim, deu mais visão... mais espaço... mais visibilidade, sabe? [...] “a propaganda é a alma do negócio” (AC06).*

Essa visibilidade pode ser igualmente evidenciada nas informações geradas com base nos *insights* do perfil e de publicação apresentada na sequência de *prints* abaixo:

---

<sup>21</sup> O GPS (*Global Positioning System*) compreende um sistema global que fornece, por meio de navegação, o acesso a informações de posicionamentos e a precisão de uma localização geográfica

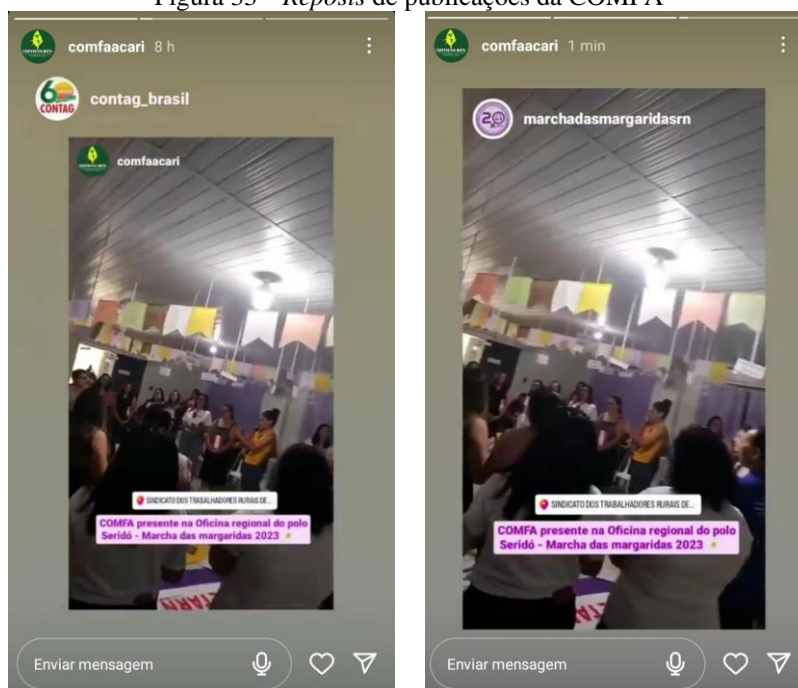
<sup>22</sup> *Emojis* compreendem ícones utilizados comumente em comunicações realizadas em *chats* de ambientes virtuais para representar diferentes emoções (como a alegria, a tristeza e a raiva), além de ilustrar objetos, animais, frutas, flores, símbolos etc.

Figura 32 – *Insights* do perfil do *Instagram* da COMFA em junho de 2023

Fonte: Acervo da COMFA (2023).

Os dados acima demonstram que no mês de junho de 2023, 121 contas haviam sido alcançadas e, dentre estas, 16 eram de perfis não seguidores, ou seja, de pessoas que ainda não conheciam/seguiram a conta da cooperativa, tendo esse primeiro contato por meio de publicações como o *reel*.

Esse engajamento se deu também por *reposts* de *stories* da COMFA (figura 33), realizados por representantes políticos e instituições vinculadas ao meio rural, a exemplo da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (@contag\_brasil) e da conta oficial do movimento da Marcha das Margaridas, em nível estadual (@marchadasmargaridasrn).

Figura 33 – *Reposts* de publicações da COMFA

Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Essa função permite que os seguidores dos referidos perfis tenham contato direto com o *Instagram* da cooperativa, o que gera potencialidades em termos de ampliação da visibilidade do trabalho desenvolvido pelos(as) agricultores(as) cooperados(as), passando a ser mais uma opção de escolha para os possíveis consumidores, no mercado.

A AC05, em seu dizer a seguir, comenta que o engajamento ocasionado pelo compartilhamento de postagens permite que as informações fujam do controle dos responsáveis pelo perfil, diferentemente do que acontece com as vendas em espaços físicos, por meio das quais tornam-se possíveis identificar os clientes, referi-los pelos nomes e, até mesmo, estabelecer vínculos de amizade com eles.

*O povo vai repassando para os outros, repassando / que a gente PERDE o controle... perde o controle (AC05).*

Cabe destacar, nesse sentido, que essas ações e esse engajamento só foram possíveis de serem alcançados a partir da publicação de um *story*, seguida da inserção de marcações de alguns perfis. Essa forma de publicação foi abordada nas atividades propostas na oficina 3.

Entre os aspectos positivos que podemos mencionar, ainda, com base na proposição das oficinas, há a observância de maior conscientização por parte dos cooperados acerca da importância de manter o acesso ao *Instagram* ativo, seja na interação com os seguidores, seja por intermédio da alimentação da página, mediante a publicação de anúncios e cartazes.

No *print* apresentado na figura 34, ilustramos a ocorrência de prática observada em períodos anteriores à realização das oficinas de letramento (22 de junho de 2022). Nele se identifica o contato de uma cliente via *direct* do *Instagram* da COMFA, tentando realizar uma encomenda de comidas de milho para os festejos juninos (a serem realizados no dia 23 de junho, véspera do dia de São João, data na qual se acende uma fogueira em comemoração ao santo). Entretanto, apenas dois dias depois (24 de junho) é que a mensagem é visualizada. Essa ausência de retorno imediato às interações dos clientes afeta negativamente o processo de comercialização.

Figura 34 – *Print* de tentativa de realização de encomenda em *direct* de *Instagram*



Fonte: Acervo da COMFA (2022).

Esse tipo de situação prejudicava, de certo modo, o empreendimento da cooperativa, haja vista que o processo *online* de comercialização de produtos não se completava, pois apesar da existência do perfil na rede social se configurar como uma conta oficial para a realização de venda de produtos, por vezes, não funcionava como um canal de comunicação constante entre clientes e vendedores.

Já em 2023, após a participação dos cooperados nas oficinas de letramento, essas ocorrências foram minimizadas. Como exemplo disso, podemos citar que após a publicação de um *post* no *feed*, divulgando a venda de comidas típicas dos festejos juninos, produzidas pelas próprias cooperadas, um cliente insere um comentário de encomenda na postagem, reservando dois dos seis produtos ofertados. Em 30 minutos, esse comentário é visualizado e respondido por uma das agricultoras, assegurando o atendimento ao pedido do cliente, conforme é possível observarmos na figura 35.

Figura 35 – Print de realização de encomenda em postagem de *Instagram*



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Além disso, esse tipo de publicação e interação, com divulgação de produtos a serem comercializados ou reservados por seguidores/clientes assume relevâncias para os vendedores, haja vista que, por intermédio dos acessos à conta, ele pode ter uma visão panorâmica em termos procura e de preferências por parte dos clientes/consumidores. Segundo Conceição (2016), esses novos canais de comercialização, além de possibilitarem aos agricultores alcançar um maior número de consumidores garantem, de certo modo, uma maior certeza no que tange ao escoamento da produção.

Em relação às questões financeiras, em termos de pagamento por aplicativos bancários, os participantes adotaram o uso do *QR Code* (figura 36).

Figura 36 – *QR Code* para efetivação de pagamentos por pix



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

A utilização dessa ferramenta, de modo impresso, disponibilizado no local de vendas, facilita tanto para o cliente, quanto para o(a) cooperado(a), haja vista que não é necessário o

vendedor falar a cada cliente a chave pix, assim como não é preciso o comprador digitar a referida chave, evitando assim a ocorrência de erros de digitação.

Por fim, um último impacto/produto gerado com base nas intervenções, foi a elaboração de uma cartilha direcionada aos cooperados, disponibilizadas em formato físico, cujo propósito consiste em contribuir com os seus leitores e possibilitar a continuidade ao trabalho desenvolvido ao longo das oficinas. Isso porque, durante a sua realização observamos a pouca experiência dos(as) agricultores(as) cooperados(as) em realizar atividades de divulgação de *posts* em redes sociais, por exemplo, esquecendo, por vezes, o passo a passo de sua implementação. Como exemplo disso, destacamos a voz da AC16:

*[...] tem hora que eu sei postar no Instagram, tem hora que não sei fazer... não sei porque / pra escrever:... tipo fazer um texto, inserir uma legenda [...] eu fico tentando fazer, aí se eu não consigo eu desisto (AC16).*

Foi considerando essa problemática que foi pensado e elaborado o referido material (figura 37) que tem um caráter técnico-instrumental, com o intuito de fornecer ao público alvo as orientações necessárias (o passo a passo detalhado) à implementação de práticas de letramento, como foco na divulgação e comercialização de produtos em ambientes virtuais, sem requerer o auxílio de outros agentes de letramento.

Figura 37 – Capa da cartilha *E-commerce na zona rural*



Visualize a versão completa da cartilha por meio do *QR Code*:



23

Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

<sup>23</sup> Esperamos transformá-la em um produto destacável, para além do desenvolvimento da presente pesquisa, por meio da sua publicação em e-book e disponibilização em repositório institucional, para que outros(as) agricultores(as) também possam ter acesso e, autonomamente, realizar suas atividades laborais de divulgação e comercialização de produtos em ambientes digitais.

A cartilha adota o mesmo título do curso de extensão ministrado sob o formato de oficinas de letramento e tem o intuito de subsidiar a continuação do desenvolvimento das práticas de letramento ensinadas ao longo do curso, levando em conta o fato de quando a agente de letramento, ministrante das oficinas, se “distanciase” do local da pesquisa desenvolvida, os participantes não ficassem desamparados ou esquecessem o que foi compartilhado em termos de aprendizagens.

Os conteúdos nela abordados estão divididos conforme a organização temática das oficinas ministradas, contemplando conhecimentos de natureza teórica e prática no tocante à divulgação e à comercialização de produtos rurais em meios digitais.

Além disso, todos os tutoriais presentes nesse material indicam como elaborar essas atividades por meio de celulares, com acesso à internet, seguindo as demandas dos participantes em termos da ausência de equipamentos tecnológicos disponíveis, uma vez que tinham acesso apenas a celulares que apresentavam, em alguns casos, limitações em seus sistemas operacionais.

Diante desse contexto, a disponibilização desse material no formato impresso aos participantes do curso (figura 38), se justifica no fato de que são pessoas que demonstram lacunas formativas quanto aos letramentos digitais. Nesse sentido, os procedimentos de ler as orientações propostas e, ao mesmo tempo, produzir *posts*, por exemplo, requerem a constante troca de tela entre o arquivo em PDF (se esta tivesse sido disponibilizada nesse formato) e o recurso utilizado, seja o *Instagram*, o *WhatsApp* e/ou *Canva*. Essas trocas realizadas num único dispositivo pode se constituir dificuldades e interferir no desempenho desses sujeitos, uma vez que necessitam ler encaminhamentos a serem adotados e executá-los em outra tela do mesmo aparelho, de maneira concomitante.

Figura 38 – Cartilha *E-commerce* na zona rural impressa



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Um exemplar desse material foi entregue à coordenação da cooperativa local, em tamanho A4, a fim de ficar disponível no acervo da instituição para consultas. A cada cooperado participante foi dado um exemplar em formato reduzido, com páginas em frente e verso, para que ficasse mais leve e menor, com o intuito de facilitar o manuseio e deslocamento deste material pelos seus usuários.

Concebemos esse artefato como uma produção que contribui e continuará contribuindo com as práticas de divulgação e comercialização dos(as) agricultores(as) participantes que, certamente, mediante as orientações propostas nas oficinas de letramento passarão a atuar como agentes ativos e autônomos em eventos e práticas de letramento em ambientes digitais.

Nesse ínterim, frente aos dados apresentados, sistematizados no quadro a seguir, fica evidente a ampliação dos usos de recursos digitais, redes sociais e aplicativos bancários, voltados às vendas online nas atividades de trabalho desenvolvidas no âmbito da agricultura familiar.

Quadro 9 – Sistematização dos impactos gerados com as oficinas de letramento

<b>Práticas de letramento</b>	
<b>Antes das intervenções</b>	<b>Depois das intervenções</b>
Predominância de textos escritos nas postagens realizadas no Instagram e no <i>WhatsApp</i> da cooperativa e cooperados, respectivamente	Utilização de elementos multimodais, como imagens, músicas, diferentes fontes e cores nas postagens realizadas no <i>Instagram</i> e no <i>WhatsApp</i> da cooperativa e cooperados, respectivamente
Verbalização oral da chave pix da conta bancária da cooperativa nos pontos de vendas físicos para consolidação do processo de comercialização	Criação e adoção do <i>QR Code</i> da chave pix da conta bancária da cooperativa de modo impresso nos pontos de vendas físicos para consolidação do processo de comercialização
Perfil do Instagram da cooperativa sem informações na biografia	Alteração para conta profissional e acesso à <i>insights</i> do perfil, elaboração e inserção da biografia, contemplando o nome da instituição (não somente a sigla), informações de contato, produtos, formas de pagamento, localização etc.
Acesso às redes sociais sem recorrência com baixa interação e diálogo nos canais de comunicação	Emprego ativo das redes sociais como canal de comunicação, por meio da publicação de <i>posts</i> , inserção de comentários e respostas à questionamentos por meio do <i>direct</i> ,

	além da utilização de recursos interacionais nas postagens a exemplo da ferramenta “caixa de diálogo”
--	---

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Além disso, tanto durante a intervenção, quanto após sua execução, os(as) agricultores(as) participantes puderam observar, na prática, o alcance de melhores retornos financeiros nas vendas de seus produtos, por meio de divulgação e, conseqüentemente, do ato de realização de encomendas, por parte dos clientes, mediante o emprego ativo de dispositivos digitais, em específico, as redes sociais.

## **6 VENDENDO OS FRUTOS COLHIDOS E GUARDANDO A BARRACA DA FEIRA: AS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após realizar o processamento/beneficiamento dos frutos colhidos, ou seja, a análise dos dados, apresentamos nessa seção os resultados correspondentes tanto ao trabalho dos agricultores, quanto da atuação da pesquisadora a fim de ofertá-los à venda.

Nesse processo, inicialmente, cabe destacar que a ideia de realização desta pesquisa surgiu durante o período pandêmico, ao identificar dificuldades enfrentadas por agricultores familiares no processo de escoamento de seus produtos por meio da internet, haja vista o fechamento de feiras livres e do comércio em geral.

Essas dificuldades se relacionavam não apenas ao uso periférico de aparelhos tecnológicos, para registrar a foto de um produto, por exemplo, mas também em todo o processo de vendas, a saber: elaboração de um anúncio, publicação e interação em redes sociais, além do uso de aplicativos bancários (muito importante no período citado, na medida em que o contato com as cédulas monetárias poderia resultar na contaminação pelo vírus do COVID-19).

Diferentes habilidades foram solicitadas a partir dessas novas demandas sociais e de trabalho, mas esses moradores de áreas não urbanas, em muitos casos, há anos longe do espaço escolar ou nunca antes frequentado, não tinham esses conhecimentos e suportes para adquiri-los, diferentemente do que aconteceu na área educacional, na qual as instituições de ensino ofertaram, na medida do possível, cursos de capacitação para que professores dessem seguimento às suas atividades de trabalho.

Frente a essa problemática da exclusão desses sujeitos do comércio digital, característico nas práticas sociais digitais, emergentes na contemporaneidade, e entendendo a importância da promoção de ações interventivas que contemplassem esse público em suas atividades de trabalho, é que propomos a presente pesquisa.

Assim, objetivamos, nesse trabalho, investigar os impactos gerados pela realização de intervenção composta por oficinas de letramento direcionadas a agricultores cooperados na Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências (COMFA), em termos de melhoria da qualidade de suas práticas de letramento laboral quanto à divulgação e comercialização de produtos rurais em ambientes digitais (*e-commerce*).

Para tanto, elaboramos três questões de pesquisa a serem respondidas ao longo da seção de análise desta dissertação. Essas perguntas se organizaram de modo sequenciado e estratégico. Ou seja, primeiro identificamos quais eram as práticas e os ambientes utilizados pelos(as) agricultores(as). Na sequência, mapeamos as dificuldades apresentadas por eles(as)

no desenvolvimento dessas atividades para, somente a partir disso, intervir na realidade em questão. Esse encadeamento se justifica também pelo fato de que utilizamos instrumentos de pesquisa e referenciais teóricos específicos da área das Ciências Agrárias, o que nos faz adotar uma postura crítica, dialogal e não impositiva no trato com os dados e, principalmente, com os participantes vinculados ao espaço rural.

Para melhor apresentar os resultados obtidos e as respostas alcançadas, dividimos a seção anterior em três subseções. Na subseção *As práticas de letramento*, diretamente atrelada à primeira questão de nossa investigação que compreende *Quais as práticas de letramento realizadas por agricultores na divulgação e comercialização de produtos agrícolas em ambientes digitais?*, pudemos evidenciar como ocorrem as atividades de trabalho de agricultores(as) mediadas por ferramentas e recursos digitais, conectados à internet, na maioria dos casos.

Essas práticas em ambientes digitais se referem à publicação e compartilhamento de *posts*, além da realização de conversações para vendas e reserva/encomendas de produtos, no caso das redes sociais e efetivação de transações financeiras, no caso dos aplicativos bancários.

A elaboração e/ou análise de gêneros nesse âmbito laboral em estudo é realizada com diferentes propósitos, ou seja, primeiro se produz um anúncio ou cartaz e o publica por meio de um *post* para apresentar os produtos disponíveis. Após isso, se realiza a conversação entre os membros da cooperativa e os clientes que visualizaram os produtos disponíveis e têm interesse na compra, para, posteriormente, se realizar o pagamento desse produto, por meio de transações bancárias digitais (e isso demanda a análise e/ou recebimento do comprovante de pagamento), no ato de entrega, como ocorrem em sua maioria.

O uso desses artefatos e as interações comunicativas realizadas com a mediação do *WhatsApp* e do *Instagram*, demonstram, desse modo, como esses ambientes digitais se configuram como espaços efetivos de comercialização de produtos rurais produzidos/beneficiados pelos(as) agricultores(as) cooperados(as).

Na segunda subseção, *As dificuldades encontradas*, respondemos à questão dois que indaga *Que dificuldades os agricultores apresentam no desenvolvimento de práticas de leitura e escrita em ambientes digitais com foco na divulgação e comercialização de seus produtos?*.

Dentre as dificuldades citadas no desenvolvimento de práticas digitais de divulgação e comercialização de produtos rurais, cabe destacar, aqui, aquelas voltadas ao manuseio de recursos digitais de elaboração de anúncios e cartazes para publicação em *posts* nas redes sociais, além do uso de aplicativos bancários para realização de transações financeiras. No

último caso, elas se relacionam principalmente ao uso de funções lançadas recentemente, como, por exemplo, o pix.

As vozes desses(as) cooperados(as) evidenciaram, não somente a existência de lacunas em termos de habilidades e conhecimentos referentes às práticas de letramento em ambientes digitais, mas também a autonomia para atenuar essas dificuldades e solucionar parte de seus problemas, mediante o diálogo com um par mais experiente em seu convívio cotidiano (amigos, parentes etc.) e participando ativamente do curso de extensão proposto, sugerindo, nesse processo, a oferta de oficinas de letramento com foco em questões e temáticas específicas, voltadas para as práticas em ambiências virtuais, sobre as quais os participantes tinham interesse em aprender.

Por fim, na subseção 3, intitulada *As intervenções*, evidenciamos os impactos gerados mediante a implementação das oficinas de letramento, com vistas a responder a última questão de pesquisa, atrelada ao nosso objetivo geral, que incide sobre *Quais os impactos gerados mediante a aplicação de uma proposta interventiva voltada para a ampliação e aprimoramentos das práticas de letramento desenvolvidas por agricultores no tocante à divulgação e comercialização de seus produtos agrícolas?*.

Ao analisarmos tanto os relatos dos participantes das oficinas, quanto os gêneros elaborados antes e após as intervenções, pudemos observar, inclusive, visualmente, que houve uma ampliação dos usos de recursos digitais, redes sociais e aplicativos bancários, assim como aprimoramentos dos materiais produzidos para divulgação de produtos advindos da agricultura familiar.

Podemos destacar, nesse sentido, a utilização com maior recorrência de elementos multimodais por parte dos agricultores, como as imagens dos produtos a serem comercializados. Esse diferencial pós-processo de intervenção fez com que os participantes não se detivessem apenas à publicação de anúncios e cartazes sem ilustrações, as quais não proporcionavam aos clientes a possibilidade de visualizar a mercadoria disposta à venda. Além disso, o acesso, a interação e o acompanhamento das ações promovidas no Instagram da cooperativa contribuíram consideravelmente esta rede social se tornasse um canal de comunicação ativo entre os cooperados e seguidores, considerados como potenciais consumidores.

Cabe destacar, ainda, que devido ao caráter colaborativo e cooperativo adotado nas ações interventivas desenvolvidas, a pesquisadora também vivenciou um expressivo processo de aprendizagem, pois como pessoa, como filha de agricultor, técnica agrícola e como estudiosa do campo da Linguística Aplicada teve a oportunidade de observar e estabelecer trocas de saberes com os participantes, o que a fez compreender mais significativamente o percurso das

práticas de letramento utilizadas no cotidiano de trabalho dos agricultores, suas formas de organização como categoria e os encaminhamentos que adotam para assegurar a comercialização de seus produtos.

Essas aprendizagens, apesar de não terem sido o foco do presente estudo, merecem destaque, pois possibilitaram a ampliação de seus conhecimentos, principalmente aqueles relativos ao processo de escoamento de produtos, sem o intermédio da figura de um atravessador<sup>24</sup>, por meio da cooperativa. O trabalho desse sujeito já havia sido abordado pela pesquisadora no trabalho de conclusão de um curso técnico em Agronegócio (Fonseca; Dantas, 2018), mas sob outra perspectiva. O TCC teve como objetivo analisar a importância do trabalho dos atravessadores no processo de comercialização do tomate na feira livre do município de Acari-RN.

O desenvolvimento dessa pesquisa, no âmbito do mestrado, ao contrário do proposto à época, no curso técnico, possibilitou-nos reflexões acerca da organização de agricultores em uma cooperativa, inclusive no processo de valorização do trabalho no que diz respeito ao recebimento de valores justos pela sua produção, o que não é possível, na maioria das vezes, quando há a atuação de atravessadores.

Esse estudo, nesse sentido, além de contribuir com a ampliação dos letramentos dos(as) agricultores(as) envolvidos(as) na pesquisa, tem, também por isso, a potencialidade de evidenciar as práticas desenvolvidas por trabalhadores rurais, no que concerne às atividades de divulgação de seus produtos advindos da agricultura familiar e comercializados, em sua maioria, por meio de cooperativas, empreendimentos rurais e/ou autonomamente.

Além disso, por meio da participação em eventos de educação não formal, em ações de extensão rural e em reuniões ordinárias tanto da cooperativa quanto do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Acari foi possível vivenciar experiências regadas de práticas de letramento que serão discutidas em trabalhos posteriores, como a elaboração de cartazes relativos à movimentos e manifestações sociais na luta por direitos, a exemplo da Marcha das Margaridas. Essas práticas merecem destaque tanto no cenário acadêmico quanto em sociedade não somente pela relevância da luta vivenciada e promovida por mulheres do campo, mas também pela beleza que há nos relatos de trabalhadoras rurais que, apesar das adversidades, permanecem em busca de melhores condições de trabalho e de vida.

---

<sup>24</sup> O atravessador, na agricultura familiar, compreende um sujeito que compra os produtos de trabalhadores rurais autônomos que, muitas vezes, não dispõem de transporte próprio e/ou organização por meio de cooperativas, por exemplo, para escoar suas mercadorias. O preço estabelecido nessa comercialização é inferior ao mercado, o que faz com que esse sujeito gere seu lucro ao revendê-los, em grandes quantidades, a um preço superior.

Desse modo, esperamos que além de visibilidade, o trabalho do homem e da mulher do campo possa ter a sua reconhecida e reafirmada importância e que as tecnologias e os ambientes digitais possam ser ferramentas e espaços de ampliação de conhecimentos e não de segregação de classes. É válido esperar também, nesse sentido, por condições tecnológicas mais adequadas aos espaços rurais, independentemente de suas distâncias, sempre medidas por quilômetros que as afastam dos centros urbanos.

Por fim, esperamos que esse trabalho tenha a potencialidade de fomentar novas discussões no âmbito dos Estudos do Letramento, com foco nos letramentos laborais, contemplando práticas que demandam a leitura e a escrita na ambiência rural, em situações de trabalho que, em sua maioria, estão atrelados a atividades que envolvem esforços físicos ou braçais que se coadunam ao uso da enxada e do trator, não de canetas ou de *smartphones*.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Cristina Macedo. **Práticas sociais de letramento no acampamento Lourival da Costa Santana**: representações e construção de identidades em discursos de adultos não alfabetizados. 2012. 181 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2012. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/863075>. Acesso em: 03 nov. 2023.

ALVES, Eliana Maria Sarreta. **O trabalhador e as exigências letradas na área rural**. 2013. 250 f. Tese (Doutorado em Educação). Brasília: Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/14996>. Acesso em: 03 nov. 2023.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARTON, David. The social nature of writing. In: BARTON, David.; IVANIC, Roz. (Orgs.). **Writing in the community**. Londres, Nova Delhi: Sage, 1991.

BENÍCIO, Miliane Nogueira Magalhães. **Escrita e processos de letramento**: construindo inter-relações entre conhecimento sistematizado e práticas sociais letradas. 2007. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2939>. Acesso em: 03 nov. 2023.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRAGA, Denise Bértoli. **Ambientes digitais**: reflexões teóricas e práticas. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

BRASIL. **Lei Nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971**. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1971. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l5764.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5764.htm). Acesso em: 16 jan. 2023.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Brasília: Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde, 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em 03 de setembro de 2023.

BRASIL. **Decreto nº 9.064, de maio de 2017**. Dispõe sobre a Unidade Familiar de Produção Agrária, institui o Cadastro Nacional da Agricultura Familiar e regulamenta a Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e empreendimentos familiares rurais. Brasília: Presidência da República, 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/decreto/d9064.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9064.htm). Acesso em: 07 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP)**. Brasília: MAPA, 2019-2021. Disponível em:

<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/agricultura-familiar/dap>. Acesso em: 20 ago. 2021.

BUZATO, M. E. K. Letramentos Digitais e Formação de Professores. *In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EDUCAREDE: EDUCAÇÃO, INTERNET E OPORTUNIDADES*, 3, 2006, São Paulo. **Anais do III Congresso Ibero-americano Educarede: Educação, Internet e Oportunidades**. São Paulo: Portal Educarede, 2006.

BUZATO, Marcelo El Khouri. **Entre a Fronteira e a Periferia: Linguagem e Letramento na Inclusão Digital**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/399329>. Acesso em: 20 ago. 2021.

CERQUEIRA, José Humberto Almeida de; SCHAUN, Nicolau Miguel. **Pesquisa-ação: fundamentos do planejamento e do diagnóstico em comunidades rurais**. Cruz das Almas, BA: EMBRAPA, 2000.

CHAVES, Gislaine da Nóbrega. **Práticas de leitura com mulheres no Assentamento APASA (Associação dos Agricultores da PAZZA do Abiaí) – PB**. 2000. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

COELHO, France Maria Gontijo. **A arte das orientações técnicas no campo: concepções e métodos**. Viçosa: Editora UFV, 2005

COMFA. **Estatuto Social da Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências**. Acari, RN: Ata da assembleia geral de constituição da Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências, 2018.

CONCEIÇÃO, Ariane Fernandes da. **Internet pra quê? – A Construção de Capacidades e as TICs no processo de Desenvolvimento Rural**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/150533>. Acesso em: 29 nov. 2023.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COSTA, Klébia Ribeiro da. **Letramento no trânsito: eventos e práticas na formação de condutores de veículos**. 2012. 121 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/16259> . Acesso em: 13 nov. 2023.

COSTA, Maria Aparecida da. **Um estudo das práticas de letramento de técnicos e agentes de pesquisa da PNAD/IBGE**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/21560>. Acesso em: 26 ago. 2023.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.) **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DESCARDECI, Maria Alice Andrade de Souza. **Resources of communication: a study of literacy demands in a Brazilian workplace**. Tese (Doutorado). Instituto de Educação, Universidade de Londres: Londres, 1997.

DIONNE, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Tradução de Michel Thiollent. Brasília: Liber Livro Editora, 2007

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PREGUM, Marc. **Letramentos digitais**. Tradução de Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FONSECA, Alyssandra Viana; DANTAS, Camylla da Silva. **A importância dos atravessadores na comercialização do tomate na região do Seridó: uma análise da feira-livre de Acari-RN**. 2018. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Técnico em Agronegócio). Acari, RN: Escola Agrícola de Jundiá, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GARCIA, Thais de Abreu. **Internet, então, nem em sonhos!:** um estudo interacionista sociodiscursivo sobre práticas de letramento digital no projeto de extensão “Pescadores Online”. 2013. 164 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Ensino). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6397>. Acesso em: 03 nov. 2023.

GUCZAK, Laércio Rodolfo. **Os letramentos digitais em um contexto rural: um estudo de caso em uma escola de Massaranduba - Santa Catarina**. 2011. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Blumenau: Universidade Regional de Blumenau, 2011. Disponível em [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/FURB\\_8ed9a7ed0d9c38ef27cbd401c3a790db](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/FURB_8ed9a7ed0d9c38ef27cbd401c3a790db). Acesso em: 03 nov. 2023.

HAMILTON, Mary. Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary & IVANIC, Roz (Orgs.). **Situated literacies**. London: Routledge, 2000. p. 16-33.<sup>25</sup>

HEATH, Shirley B. **Ways with Words: language, life and work in communities and classrooms**. Cambridge: Cambridge University, 1983.

---

<sup>25</sup> Tradução a partir da versão preliminar do Prof. Sandro dos Santos (UERN).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Censo Agropecuário 2017**: resultados definitivos. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017>. Acesso em: 20 ago. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual. **Tabela 7309 - Domicílios e Moradores em que não havia utilização da internet, por situação do domicílio e motivo de não haver utilização da internet (2016 a 2021)**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7309>. Acesso em: 16 jul. 2023.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. **Letramentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

KLEIMAN, Angela B. O processo de aculturação pela escrita: ensino da forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, Angela B.; SIGNORINI, Inês (Orgs.) **O ensino e a formação do professor**. Alfabetização de jovens e adultos. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 2000. p. 223-243.

KLEIMAN, Angela B. A interface de questões éticas e metodológicas na pesquisa em Linguística Aplicada. In: SILVA, Denise Elena Garcia da; VIEIRA, Josênia Antunes (Orgs.). **Análise do discurso**: percursos teóricos e metodológicos. Brasília: Plano, 2002.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?**. MEC: Cefiel, IEL, Unicamp, 2005. (Linguagem e Letramento em foco).

KLEIMAN, Angela B. Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento. In: CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves; BOCH, Françoise (Orgs.). **Ensino de língua**: representação e letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 75-91.

KLEIMAN, Angela B. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Linguística aplicada na modernidade recente**: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013.

KLEIMAN, Angela B.; SANTOS-MARQUES, Ivoneide Bezerra de Araújo. Letramento crítico em contextos de crise: o papel da escola na era da pós-verdade e de *fake news*. In: KERSCH, Dorotea Frank; TINOCO, Glícia Azevedo; MARQUES, Renata Garcia; FERNANDES, Vaneise Andrade (Orgs.). **Letramentos na, para a, e além da escola**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

KLEIMAN, Angela B.; SANTOS-MARQUES, Ivoneide Bezerra de Araújo; LEURQUIN, Eulália Vera Lúcia Fraga. Linguagem e educação em tempos de pandemia: o que nos diz Paulo Freire?. In: KLEIMAN, Angela B.; SANTOS-MARQUES, Ivoneide Bezerra de Araújo; LEURQUIN, Eulália Vera Lúcia Fraga (Orgs.). **O humanismo ético de Paulo Freire: impactos na configuração de estudos sobre linguagem e ensino**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LANDAU, Elena Charlotte *et al.* **Variação geográfica do tamanho dos módulos fiscais no Brasil**. Sete Lagoas: Embrapa Milho e Sorgo, 2012.

LÉVY, Pierry. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MEDEIROS, Lindneide Dannyelle Maria Luzziara Araújo de Melo. **Letramento e trabalho: um estudo sobre práticas de letramento de profissionais da saúde no curso de formação para maternidade**. 2016. 111f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/21559>. Acesso em: 13 nov. 2023.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **D.E.L.T.A.**, v. 10, n. 2, 1994. p. 329-338.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação da linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar (Orgs.). **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, v. 23, n. 1, 2014. p. 98-106.

OLIVEIRA, Marcelo Lemes Romarco de. Reflexões sobre o uso de metodologias participativas como instrumento de trabalho em comunidades rurais. **Em extensão**, v. 4, n. 1, 2015. p. 30-51. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/28003/pdf>. Acesso em: 30 dez. 2023.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. Projetos: uma prática de letramento no cotidiano do professor de língua materna. In: OLIVEIRA, Maria do Socorro; KLEIMAN, Angela B. (Orgs.). **Letramentos múltiplos: agentes, práticas, representações**. Natal: EDUFRN, 2008. p. 93-118.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. Gêneros textuais e letramento. Belo Horizonte: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 10, n. 2, 2010. p. 325-345. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/dGM6Yx4xjbmpnmzw3JK9XNs/?lang=pt>. Acesso em: 05 jul. 2020.

OLIVEIRA, Maria do Socorro; TINOCO, Glícia Azevedo; SANTOS, Ivoneide Bezerra de Araújo. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014.

PAZ, Ana Maria de Oliveira. **Registros de ordens e ocorrências: uma prática de letramento no trabalho da enfermagem hospitalar**. 2008. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/16302>. Acesso em: 04 jul. 2023.

PETTY, Miguel; TOMBIM, Ana; VERA, Rodrigo. Uma alternativa de educação rural. In: WERTHEIN, Jorge; BORDENAVE, Juan Díaz (Orgs.). **Educação rural no Terceiro Mundo: experiências e novas alternativas**. Tradução de Paulo Roberto Kramer e Lúcia Teresa Lessa Carregal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 31-63.

PINTO, João Bosco. A educação de adultos e o desenvolvimento rural. In: WERTHEIN, Jorge; BORDENAVE, Juan Díaz (Orgs.). **Educação rural no Terceiro Mundo: experiências e novas alternativas**. Tradução de Paulo Roberto Kramer e Lúcia Teresa Lessa Carregal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 65-103.

PRETI, Dino (Org.). **Variações na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2011.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RIBEIRO, Ana Elisa. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. **Revista da Abralín**, v. 8, n. 1, 2009. p. 15-38. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1002>. Acesso em: 27 jul. 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever hoje: palavra, imagem e tecnologias na educação**. São Paulo: Parábola, 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa. Educação e tecnologias digitais na pandemia: ciclos da precariedade. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, 2021a. p. 01-16. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/download/270/308/>. Acesso em: 22 jul. 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Multimodalidades, textos e tecnologias: provocações para a sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2021b.

RODRIGUES, Ana Flavia Barbosa de Bello. **Gestão: Marketing no Agronegócio**. Curitiba: Senar-Ar, 2018.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane. **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SANTOS-MARQUES, Ivoneide Bezerra de Araújo; KLEIMAN, Angela B. Projetos, oficinas e práticas de letramento: leitura e ação social. **Revista ComSertões**, v. 7, n. 1, 2019. p. 16-34. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/comsertoes/article/view/7275>. Acesso em: 11 jan. 2023.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SILVA, Carlos Henrique da. **“Ô de casa. Com licença. Posso entrar?”** São os agentes comunitários de saúde e suas práticas de letramento situadas no Programa Saúde da Família. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/49769>. Acesso em: 26 ago. 2023.

SILVA, Maria Laura da. **Letramento profissional do professor: uma análise de práticas desenvolvidas no atendimento educacional hospitalar e domiciliar**. 2021. 116f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/48329>. Acesso em: 13 nov. 2023.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

STREET, Brian V. **Literacy in Theory and Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, Brian V. **Social literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education**. London: Longman, 1995.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

THIES, Vania Grim. **Arando a terra, registrando a vida: os sentidos da escrita de diários na vida de dois agricultores**. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pelotas: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2008. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/1693>. Acesso em: 03 nov. 2023.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

THORNTON, Ricardo. El agricultor, internet y las barreras a su adopción. In: THORNTON, Ricardo; CIMADEVILLA, Gustavo (Orgs.). **La extensión rural en debate** – Concepciones, retrospectivas, cambios y estrategias para el Mercosur. Buenos Aires: INTA, 2003. p. 323-344.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico Rural Participativo: um guia prático**. Revisão e adequação de Décio Cotrim e Ladjane Ramos. Brasília: MDA, Secretaria da Agricultura Familiar, 2010.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. Letramento Digital e Ensino. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 133-148.

## APÊNDICES

### Apêndice 1 – Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

#### **REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RCLE (Res.510/2016-CNS)**

##### *Esclarecimentos*

Este é um convite para você participar da pesquisa: “Letramento digital no domínio da agricultura familiar: uma proposta de intervenção com foco na divulgação e comercialização de produtos rurais”, que tem como pesquisadora responsável: Alyssandra Viana Fonseca.

Esta pesquisa pretende investigar os resultados gerados com a realização de oficinas de letramento (direcionadas a agricultores, moradores do município de Acari/RN e cooperados na Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências), com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade de suas práticas de letramento digital no que diz respeito à divulgação e comercialização de produtos rurais em ambientes digitais.

O motivo que nos leva a fazer este estudo se justifica em razão da sua contribuição a partir da proposta interventiva, cuja implementação trará melhorias direcionadas à ampliação (e ao aprimoramento) das práticas de letramentos digitais em suas atividades de trabalho, no que diz respeito à divulgação e a comercialização de produtos rurais em ambientes digitais.

Caso decida participar, haverá a proposição de oficinas de letramento, que contemplarão os usos das ferramentas digitais disponíveis nas redes sociais, já existentes, da cooperativa, melhorando a qualidade visual destas, além da criação de uma plataforma de controle, gestão e comercialização desses produtos, que contribuirá tanto para a divulgação, quanto para o melhor gerenciamento da entrada e saída desses produtos, em comparação à realização dessas atividades no formato impresso.

As oficinas têm uma carga-horária total de 30 horas, e são divididas em: “*E-commerce*: introduzindo a temática” (carga-horária: 3h), “Marketing, estratégias de vendas e comércio digital (transações bancárias em app, Pix etc.)” (carga-horária: 3h), “Apresentação e aprimoramentos dos usos das ferramentas digitais disponíveis nas redes sociais (*WhatsApp, Facebook e Instagram*) para divulgação e comercialização de produtos” (carga-horária: 6h), “Recursos digitais gratuitos para elaboração de *posts* para divulgação de produtos” (carga-horária: 3h), “Elaboração da plataforma de gestão, controle e comercialização de produtos rurais” (carga-horária: 6h), e “Utilização e gerenciamento da plataforma” (carga-horária: 9h).

Além disso, haverá também a utilização de questionários, entrevistas semiestruturadas com perguntas objetivas e dissertativas e rodas de conversa (com durações, em média, de 15 min a 1h, realizadas em ambientes adequados e reservados, para garantir a privacidade), além da coleta de *prints* de conversas de mensagens instantâneas via *WhatsApp, Facebook e Instagram* (relacionadas apenas à divulgação e comercialização de

produtos rurais) nas contas oficiais da cooperativa, assim como, anotações manuais/digitais realizadas para o gerenciamento e controle dos produtos (mediante assinatura do Termo de autorização institucional para uso de documentos) e as postagens de divulgação nas páginas das redes sociais da cooperativa, para compreensão e identificação das práticas e ambientes digitais utilizados, incluindo suas possíveis dificuldades quanto ao uso desses recursos digitais.

\_\_\_\_\_ (assinatura do(a) participante) \_\_\_\_\_ (assinatura da Pesquisadora)  
Página 1 de 4

Cabe destacar que, objetivando viabilizar sua participação efetiva e minimizar as suas possíveis dificuldades, tanto em questões de transporte/deslocamento, quanto em questão de limitações ao acesso à internet/dispositivos digitais, a realização dessas atividades se dará tanto de forma virtual, através da plataforma digital do *Google Meet* e do *WhatsApp* (mensagens instantâneas de texto, áudio e chamadas de vídeo), quanto presencialmente, na sede da cooperativa (mediante assinatura da carta de Anuência), e em sua propriedade rural (mediante agendamento prévio), em caso de condições sanitárias favoráveis à execução dessas atividades.

Cabe destacar, ainda, que haverá também a gravação de voz e a captura de imagens (mediante assinatura do Termo de autorização para gravação de voz e registro de imagens – fotos), durante a realização das atividades citadas anteriormente. Essas mídias serão utilizadas na pesquisa e não terão as identificações reveladas pois utilizaremos mecanismos para este fim (tarjas, distorção da imagem, distorção da voz, entre outros).

Durante a realização da pesquisa poderão ocorrer eventuais desconfortos e possíveis riscos, como por exemplo, receios em relação às questões que envolvem Pix, transações bancárias etc. assim como em questões de disponibilização de informações quanto aos usos e dificuldades de acesso à recursos digitais. Esses riscos serão minimizados, pois as questões que envolvem transações bancárias serão explanadas apenas de forma ilustrativa, a pesquisadora responsável não terá acesso aos dados bancários dos participantes (questões que envolvem desbloqueio de acesso a esses recursos ou eventuais dúvidas serão realizadas apenas por um funcionário de agência bancária). Além disso, quanto aos instrumentos de geração de dados em relação aos usos e dificuldades no manuseio de recursos digitais, estas que podem causar no participante algum tipo de constrangimento, serão realizadas em ambientes adequados e reservados, para garantir a privacidade, e não em grupos. As rodas de conversa, nesse sentido, destinam-se às discussões gerais acerca das opiniões dos participantes em relação as atividades desenvolvidas.

Como benefícios da pesquisa você terá, diretamente, melhorias e ampliações quanto ao uso de recursos digitais, tais como redes sociais (*WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*), além de ferramentas de divulgação, gestão, gerenciamento e comercialização de produtos rurais (site), em suas atividades de trabalho. Indiretamente, haverá a evidência de seus letramentos digitais, incluindo suas dificuldades, em âmbito social e acadêmico, o que poderá contribuir para a implementação de possíveis políticas públicas direcionadas ao homem do campo que, muitas vezes, não é contemplado com investimentos, sobretudo no que diz respeito ao âmbito das digitalidades.

Em caso de danos à sua integridade moral, no que diz respeito à divulgação de dados com sua identificação, ou jurídicos, no que diz respeito ao acesso de dados bancários, comprovadamente relacionados com esta pesquisa, compete a pesquisadora responsável garantir o direito à assistência de ordem jurídica, integral e gratuita, que será prestada, mediante indenização e disponibilização de um advogado.

\_\_\_\_\_ (assinatura do(a) participante) \_\_\_\_\_ (assinatura da Pesquisadora)  
Página 2 de 4

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para Alyssandra Viana Fonseca, \_\_\_\_\_, Acari/RN, e-mail: \_\_\_\_\_; Telefone/WhatsApp: \_\_\_\_\_.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Os dados que você irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, sempre de forma anônima, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar. Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

Alguns gastos pela sua participação nessa pesquisa, eles serão assumidos pelo pesquisador e reembolsado para vocês.

Se você sofrer qualquer dano decorrente desta pesquisa, sendo ele imediato ou tardio, previsto ou não, você será indenizado.

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa UFRN - Lagoa Nova Campus Central (CEP Central/UFRN) – instituição que avalia a ética das pesquisas antes que elas comecem e fornece proteção aos participantes das mesmas – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos telefones (84) 3215-3135 ou (84) 9.9193-6266, e-mail cepufrn@reitoria.ufrn.br. Você ainda pode ir pessoalmente à sede do CEP, de segunda a sexta, das 08h00min às 12h00min e das 14h00min às 18h00min, na Rua das Artes, s/n. Campus Central UFRN. Lagoa Nova. Natal/RN. CEP: 59075-000.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com a pesquisadora responsável Alyssandra Viana Fonseca.

### ***Consentimento Livre e Esclarecido***

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa “Letramento digital no domínio da agricultura familiar: uma proposta de intervenção com foco na divulgação e comercialização de produtos rurais”, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

\_\_\_\_\_ (assinatura do(a) participante) \_\_\_\_\_ (assinatura da Pesquisadora)

Página 3 de 4



Impressão  
datiloscópica do  
participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

***Declaração da pesquisadora responsável***

Como pesquisadora responsável pelo estudo, “Letramento digital no domínio da agricultura familiar: uma proposta de intervenção com foco na divulgação e comercialização de produtos rurais” declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido infringirei as normas e diretrizes propostas pela Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Acari, RN, [dia, mês, ano].

---

**Assinatura da pesquisadora responsável**

## Apêndice 2 – Termo de autorização de registro de voz e imagem



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

### **TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ E REGISTRO DE IMAGENS**

#### *Esclarecimentos*

Este é um convite para você participar da pesquisa: “Letramento digital no domínio da agricultura familiar: uma proposta de intervenção com foco na divulgação e comercialização de produtos rurais”, que tem como pesquisadora responsável Alyssandra Viana Fonseca. Esta pesquisa pretende “investigar os resultados gerados pela realização de intervenção composta por oficinas de letramento (direcionadas a agricultores, moradores do município de Acari/RN e cooperados na Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências), com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade de suas práticas de letramento digital no que diz respeito à divulgação e comercialização de produtos rurais em ambientes digitais”.

O motivo que nos leva a fazer este estudo se justifica em razão da sua contribuição a partir da proposta interventiva, cuja implementação trará melhorias direcionadas à ampliação (e ao aprimoramento) das práticas de letramentos digitais em suas atividades de trabalho, no que diz respeito à divulgação e a comercialização de produtos rurais em ambientes digitais.

Gostaríamos de solicitar sua autorização para efetuar a gravação de voz e o registro de fotos, concedida mediante o compromisso da pesquisadora acima citada com os seguintes direitos:

1. Ter acesso às fotos e a gravação e transcrição dos áudios;
2. Ter a garantia que as fotos e áudios coletados serão usadas exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas e eventos científicos;
3. Não ter a identificação revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas, utilizando mecanismos para este fim (tarjas, distorção da imagem, distorção da voz, entre outros).
4. Ter as fotos e áudios obtidos de forma a resguardar a privacidade e minimizar constrangimentos;
5. Ter liberdade para interromper a participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse das fotos/áudios.

Você não é obrigado a permitir o uso das suas fotos e áudios, porém, caso aceite, será de forma gratuita mesmo que imagens sejam utilizadas em publicações de livros, revistas ou outros documentos científicos.

As fotos e áudios coletados serão: fotos das atividades desenvolvidas (oficinas, rodas de conversa) (quantidades de, em média, 20 fotos por atividade), gravações em áudio das entrevistas semiestruturadas com perguntas objetivas e dissertativas e das rodas de conversa (com durações, em média, de 15 min a 1h, realizadas em ambientes adequados e reservados).

\_\_\_\_\_ (assinatura do(a) participante) \_\_\_\_\_ (assinatura da Pesquisadora)

***Consentimento de Autorização de Uso de Imagens (fotos) e áudios***

Após ter sido esclarecido sobre as condições para a minha participação no estudo, eu,

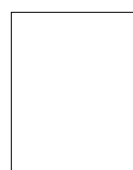
\_\_\_\_\_ autorizo o uso de:

- Minhas imagens (fotos)
- Minha voz (áudios)
- Minhas imagens (fotos) e minha voz (áudios)

Acari, RN, \_\_\_\_, março de 2023.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora responsável



Impressão  
datiloscópica do  
participante

### Apêndice 3 – Termo de autorização institucional para uso de documentos



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

#### **TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL PARA USO DE DOCUMENTOS**

##### *Esclarecimentos*

Esta é uma solicitação de autorização para uso de documentos institucionais na pesquisa intitulada “Letramento digital no domínio da agricultura familiar: uma proposta de intervenção com foco na divulgação e comercialização de produtos rurais”, a ser realizada na Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências (COMFA), inscrita no CNPJ 31.635.367/0001-05, pela pesquisadora Alyssandra Viana Fonseca, que tem o objetivo principal de investigar os resultados gerados com a realização de oficinas de letramento (direcionadas a agricultores, moradores do município de Acari/RN e cooperados na Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências), com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade de suas práticas de letramento digital no que diz respeito à divulgação e comercialização de produtos rurais em ambientes digitais, e utilizará a seguinte metodologia: a investigação apresenta um caráter interventivo, ou seja, configura-se como uma pesquisa-ação, pois além de identificar as práticas e os ambientes digitais utilizados pelos agricultores no tocante à divulgação e comercialização dos seus produtos rurais, assim como suas dificuldades, contempla uma proposta de intervenção a partir da proposição de oficinas de letramento, que contemplarão os usos de ferramentas digitais disponíveis nas redes sociais, já existentes, da cooperativa, além da criação de uma plataforma de controle, gestão e comercialização desses produtos (site).

Assim sendo, solicitamos sua valiosa colaboração, no sentido de autorizar o acesso e utilização de *prints* de conversas de mensagens instantâneas via *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram* (relacionadas apenas à divulgação e comercialização de produtos rurais) nas contas oficiais da cooperativa, assim como anotações manuais/digitais realizadas para o gerenciamento e controle dos produtos, pela pesquisadora responsável Alyssandra Viana Fonseca e sua orientadora Ana Maria de Oliveira Paz.

Salientamos que os dados coletados serão mantidos em sigilo de acordo com a Resolução nº 510/2016 - Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos, e utilizados tão somente para realização deste estudo.

Serão tomadas também as seguintes precauções para que não haja danos aos documentos: realizaremos o scanear dos documentos, sem fazer a retirada destes do prédio físico da cooperativa, sob presença do responsável pela instituição.

Os dados coletados serão guardados em local seguro em pasta do Drive da conta institucional \_\_\_\_\_@ufrn.edu.br, de acesso restrito, sob a responsabilidade da pesquisadora responsável e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes.

\_\_\_\_\_ (assinatura do(a) participante) \_\_\_\_\_ (assinatura da Pesquisadora)

A instituição ficará com uma via deste documento, elaborado em duas vias, e toda dúvida que tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente a pesquisadora responsável Alyssandra Viana Fonseca, pelo telefone celular/WhatsApp \_\_\_\_\_ ou pelo e-mail \_\_\_\_\_.

Dúvidas a respeito da ética dessa pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa UFRN - Lagoa Nova Campus Central (CEP Central/UFRN) – instituição que avalia a ética das pesquisas antes que elas comecem e fornece proteção aos participantes das mesmas – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos telefones (84) 3215-3135 ou (84) 9.9193-6266, e-mail cepufrn@reitoria.ufrn.br. Você ainda pode ir pessoalmente à sede do CEP, de segunda a sexta, das 08h00min às 12h00min e das 14h00min às 18h00min, na Rua das Artes, s/n. Campus Central UFRN. Lagoa Nova. Natal/RN. CEP: 59075-000.

---

Assinatura da pesquisadora

***Consentimento para uso de documentos institucionais***

Por ter sido informado verbalmente e por escrito sobre os objetivos e metodologia desta pesquisa, concordo em autorizar o manuseio e a utilização dos documentos institucionais supracitados.

Esta autorização está condicionada à aprovação prévia da pesquisa acima citada por um Comitê de Ética em Pesquisa e ao cumprimento das determinações éticas propostas nas Resoluções nº 510/2016 - Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde e suas complementares.

O descumprimento desses condicionamentos assegura-me o direito de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa.

Acari, RN, [dia, mês, ano].

---

Assinatura do responsável pela instituição  
[Nome completo do responsável pela Instituição]  
[Carimbo responsável da Instituição\*]  
CNPJ 31.635.367/0001-05

\* Na inexistência do carimbo, inserir o CPF do responsável